

**UNIVERSIDADE FEDERAL DE MATO GROSSO DO SUL
CENTRO DE CIÊNCIAS HUMANAS E SOCIAIS
DEPARTAMENTO DE LETRAS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO
MESTRADO EM ESTUDOS DE LINGUAGENS**

FACUNDA CONCEPCIÓN MONGELOS SILVA

A CONSTRUÇÃO DA FIGURA FEMININA NOS CONTOS DE *LA PIERNA DE SEVERINA*, DE JOSEFINA PLÁ

**CAMPO GRANDE - MS
MARÇO DE 2013**

FACUNDA CONCEPCIÓN MONGELOS SILVA

A CONSTRUÇÃO DA FIGURA FEMININA NOS CONTOS DE *LA PIERNA DE SEVERINA*, DE JOSEFINA PLÁ

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação – Mestrado em Estudos de Linguagens da Universidade Federal de Mato Grosso do Sul, sob a orientação da Prof^a Dr^a Rosa Cristina Zanelatto Santos. Área de concentração: Teoria Literária e Estudos Comparados.

**CAMPO GRANDE – MS
MARÇO DE 2013**

FACUNDA CONCEPCIÓN MONGELOS SILVA

A CONSTRUÇÃO DA FIGURA FEMININA NOS CONTOS DE *LA PIERNA DE SEVERINA*, DE JOSEFINA PLÁ

APROVADA POR:

Rosana Cristina Zanelatto Santos, Doutora, UFMS

Geraldo Vicente Martins, Doutor, UFMS

Antônio Roberto Esteves, Pós-Doutor, UFMS.

Campo Grande, 22 de março de 2013

*Aos meus pais,
por todas as formas do antes.*

*Ao meu marido e filhos,
pelo exercício do depois.*

AGREDECIMENTOS

A Deus, pela sua onipresença em todos os momentos de minha vida.

À Professora Rosana Cristina Zanelatto Santos, orientadora que acompanhou passo a passo todo o trajeto de elaboração da dissertação. Com dedicação, rigor e delicadeza, assinalou minhas falhas, pontuou acertos, indicou-me possíveis caminhos e ofereceu suas preciosas sugestões para a escrita deste trabalho.

Ao meu marido, pelo amor e pelo companheirismo ao longo da trajetória deste trabalho.

Aos meus pais, pelos seus ensinamentos.

Meu carinhoso agradecimento aos meus filhos, pela paciência e pela tolerância com os meus momentos de intenso trabalho.

Aos Professores Maria Adélia Menegazzo, Maria Emília Borges Daniel, Geraldo Vicente Martins e Wagner Corsino Enedino, pelos apontamentos e pelas críticas sempre pertinentes, pela dedicação e por, desde o início, acreditarem em minha pesquisa.

Aos Professores Horácio dos Santos Braga e Iromar Vilela e Damaris Pereira, pela dedicação.

Ao Professor Antonio Roberto Esteves da Universidade Estadual Paulista – *Campus* de Assis.

A todos aqueles que compartilharam e colaboraram comigo a vivência diária do trabalho de escrever uma dissertação, através dos laços de amizade: só tenho a lhes agradecer, em especial a Eva Mercedes Martins Gomes, Aline Maziero, Daniela Gomes Loureiro.

Ao Coordenador do Programa de Mestrado em Estudos de Linguagens, Geraldo Vicente Martins, e à secretária Ana Carla, pela atenção constante.

À CAPES, pela bolsa a mim concedida.

Esta escritora de primer orden, que pudo destacarse ampliamente entre sus iguales y ser figura representativa en cualquier patria donde la inteligencia y el talento al servicio de una conciencia incorruptible constituyen un honor, prefirió quedarse y trabajar en su humilde retiro paraguayo, porque su vocación y su fe, su amor por esta tierra es su destino.

Roa Bastos

[Esta escritora de primeira qualidade, que pode se destacar amplamente entre seus pares, e ser figura representativa em qualquer país onde a inteligência e o talento ao trabalho de uma consciência incorruptível constituem a honra, preferiu ficar e trabalhar em seu humilde retiro paraguaio, porque sua vocação e sua fé, seu amor por esta terra é seu destino.]

Roa Bastos

SILVA, Facunda Concepción Mongelos. **A construção da figura feminina nos contos de *La Pierna de Severina*, de Josefina Plá.** 114 f. 2013. Dissertação. (Mestrado em Estudos de Linguagens) DLE/CCHS/UFMS.

RESUMO

Nesta pesquisa, analisamos a construção da figura feminina no gênero literário conto, tendo como objeto de estudo textos da escritora, hispano-paraguaia, Josefina Plá. Trabalhamos, também, com a história e a cultura, além da literatura paraguaia, tudo convergindo para a análise dos contos de Plá reunidos no livro *La Pierna de Severina*, composto por sete contos, dos quais selecionamos quatro para análise: o primeiro deles é “La Pierna de Severina”, que dá o título ao livro, seguido de “La Vitrola”, “Siesta” e “Sisé”, todos ainda sem tradução em língua portuguesa. Segundo a própria autora, a presença constante de mulheres paraguaias, todas elas em situação de dor e de sofrimento, em seus contos pode ser explicada porque ela mesma viveu no Paraguai, sendo mulher e em meio a mulheres, conhecendo uma trajetória que, desde o período colonial, traz a marca da espoliação de si mesma em favor dos outros. Na análise dos textos, utilizamos os textos de história do Paraguai e de história da literatura paraguaia, entre eles, os de Suárez (2006), Rodríguez-Alcalá (1971) e Melià (1997); de teoria literária de autores como Candido (1995), Brait (1993) e Moisés (1987), bem como os estudos sobre subalternidade de Beverley (2004), Mignolo (2003) e Spivak (2010).

Palavras-chaves: Josefina Plá; Figura feminina; Contos; Literatura Paraguaia; La Pierna de Severina.

SILVA, Facunda Concepción Mongelos. **A construção da figura feminina nos contos de *La Pierna de Severina*, de Josefina Plá.** 114 f. 2013. Dissertação. (Mestrado em Estudos de Linguagens) DLE/CCHS/UFMS.

RESUMEN

En esta investigación, estudiamos la construcción de la figura femenina en el género literario cuento, tenemos como objeto de estudio textos de la escritora, hispano-paraguaya, Josefina Plá. Para esta investigación, trabajamos, también, con la historia y la cultura, además de la literatura paraguaya, todo por medio de los cuentos de Plá reunidos en el libro *La Pierna de Severina*, compuesto por siete cuentos, de los cuales seleccionamos cuatro para el análisis: el primer de los cuentos es “La Pierna de Severina” que dá título al libro, seguido de “La Vitrola”, “Siesta” y “Sisé”, aún sin traducción en la lengua portuguesa. Según la propia escritora, la presencia constante de mujeres paraguayas, todas ellas en situación de dolor y de sufrimiento, en sus cuentos puede ser explicada porque ella misma vivió en Paraguay, siendo mujer y en medio a mujeres, conociendo una trayectoria que, desde el período colonial, trae la marca de la expoliación de si misma en favor de los otros. En el análisis de los textos, utilizamos los textos de historia del Paraguay, de historia de la literatura paraguaya de los escritores paraguayos Suárez (2006), Rodríguez-Alcalá (1971) y Melià (1979), de teoría literaria de los escritores como Candido (1995), Brait (1993) y Moisés (1987), como también lo estudios sobre subalternidad de los escritores como Beverley (2004), Mignolo (2003) y Spivak (2010).

Palabras-claves: Josefina Plá; Figura femenina; Cuentos; Literatura Paraguaya; La Pierna de Severina

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	11
1. MULHERES PARAGUAIAS	14
1.1 A situação da mulher no Paraguai desde a Grande Guerra (1870).....	14
1.2 Josefina Plá: a adoção de uma pátria.....	23
2. OS CONTOS DE <i>LA PIERNA DE SEVERINA</i>	31
2.1 <i>La pierna de Severina</i>	32
2.2 <i>La Vitrola</i>	38
2.3 <i>Siesta</i>	41
2.4 <i>Sisé</i>	43
3. AS PERSONAGENS SUBALTERNAS DE JOSEFINA PLÁ	48
3.1 Mulher e subalternidade.....	49
CONSIDERAÇÕES FINAIS	70
REFERÊNCIAS.....	73
GLOSSÁRIO	76
ANEXOS	80
ANEXO A - CONTO – <i>LA PIERNA DE SEVERINA</i>	80
ANEXO B – CONTO – <i>LA VITROLA</i>	88
ANEXO C – CONTO – <i>SIESTA</i>	99
ANEXO D – CONTO – <i>SISÉ</i>	107

INTRODUÇÃO

Nosso interesse pela autora Josefina Plá e pelo tema desta pesquisa advém do fato de, além de ter cursado língua e literatura de língua espanhola na Graduação em Letras na Universidade Federal de Mato Grosso do Sul, falar, ler e escrever fluentemente na língua espanhola, além da língua guarani, pois nasci no Paraguai. Por estarmos próximos de países hispano-falantes, sobretudo o Paraguai, cremos que esta pesquisa tem muito a oferecer para o Mato Grosso do Sul, o Brasil, o Paraguai e a outros países fronteiriços, porque, por meio dela, conhecemos mais sobre a literatura, a cultura, a história social e o papel da mulher nessas sociedades.

Nesta pesquisa, estudamos a construção da figura feminina em contos que compõem o livro *La Pierna de Severina* (2006), de Josefina Plá, escritora de origem espanhola que adotou o Paraguai como seu país. Ele é composto por sete contos, dos quais selecionamos quatro para análise: o primeiro deles é “La Pierna de Severina”, que dá o título ao livro, seguido de “La Vitrola”, “Siesta” e “Sisé”. Nos contos de Plá, são retratadas mulheres e vários preconceitos vividos por elas, decorrentes desde a deficiência física, a etnia, o analfabetismo, a pobreza e a bastardia, entre outras condições de espoliação. Selecionamos esses contos como *corpus* deste estudo, pois nelas a autora representa a vida sofrida de meninas pobres, sem proteção familiar e submetidas a violências que as alocam no *lócus* da subalternidade.

Nas narrativas breves de Plá, percebemos a submissão feminina e a exploração, tanto das mulheres brancas como das indígenas paraguaias: elas são criadas para gerarem filhos, para cuidarem desses filhos, fazerem o serviço doméstico e prestarem o serviço a Deus e a seus dignitários na terra. Porém, por tudo isso, recebem pagas mínimas, ou as recebem sob a forma de dor e de sofrimento. Como o Paraguai é um país eminentemente católico, a submissão feminina vem desde os tempos coloniais, estando entranhada até hoje na sociedade paraguaia, observando-se o que está escrito nas Sagradas Escrituras: “E à mulher [Deus] disse: Multiplicarei sobremodo os sofrimentos da tua gravidez; em meio das

dores darás à luz; o teu desejo será para o teu marido, e ele te governará” (GÊNESIS, 3:16).

Diante disso, a pesquisa teve como objetivo desenvolver um estudo sobre a construção da figura feminina em meio à história social e à cultura do Paraguai. Para sua apresentação, dividimos a dissertação em três capítulos.

No decorrer do primeiro capítulo, descrevemos a situação da mulher no Paraguai desde a Grande Guerra (1870), com sua participação na história paraguaia, nas guerras e na colaboração para a reconstrução do país. Também não nos furtamos a apresentar a contribuição da escritora espanhola Josefina Plá, paraguaia por adoção, no desenvolvimento da cultura desse país. Para essa leitura, fazemos uso dos textos dos estudiosos paraguaios Victorio V. Suarez (2006), Hugo Rodríguez-Alcalá (1971), do antropólogo Bartomeu Melià (1997), Guido Rodríguez-Alcalá (1999) e do estudioso espanhol José Vicente Peiró Barco (2001).

No segundo capítulo, procedemos à demonstração das leituras que fizemos dos contos, o primeiro deles “La Pierna de Severina (2006)”, que dá o título ao livro ora analisado, seguido de “La Vitrola”, “Siesta” e “Sisé”. Nesse capítulo, nosso propósito é demonstrar que a mulher paraguaia na narrativa de Josefina Plá exerce função primordial no do processo constitutivo da identidade literária feminina. Desse modo, nele salientamos diversos aspectos do mundo feminino enraizado nas classes menos favorecidas da sociedade paraguaia. Para essa análise usamos textos da Bíblia Sagrada (1999)¹, de Antonio Candido (1995), de Beth Brait (1993), de Massaud Moisés (1987) e de Bartomeu Melià (1997), entre outros.

No terceiro capítulo, “As Personagens Subalternas de Josefina Plá”, nosso propósito foi discutir a subalternidade das personagens femininas nos quatro contos analisados. Assim, para nossa investigação, valemo-nos especialmente dos estudos sobre subalternidade, com a contribuição essencial de autores como John Beverley (2004) e Walter Mignolo (2003), entre outros, do Grupo de Estudos Subalternos Latino-Americanos, como também da teórica indiana Gayatri Chakravorty Spivak (2010) do Grupo de Estudos Subalternos Sul-Asiáticos.

Dessa maneira, a narrativa de Plá nos traz, nesses nos quatro contos, a representação da mulher paraguaia da classe mais baixa e subalterna e por meio

¹ Utilizamos a Bíblia Sagrada como suporte teórico, para esclarecer o sistema de patriarcado que está descrito no Antigo Testamento.

delas, a autora dá voz a essa mulher pobre, analfabeta, feia, índia, todas marginalizadas, excluídas pela elite paraguaia.

1. MULHERES PARAGUAIAS

1.1 A situação da mulher no Paraguai desde a Grande Guerra (1870)

Neste capítulo, abordamos brevemente a história da Guerra do Paraguai, a Grande Guerra (1870) e, na sequência, a participação da mulher paraguaia na história desse país, considerando que ela lutou com armas nas guerras, o que ressalta sua contribuição na defesa e, posteriormente, na reconstrução do país.

É importante lembrar o caráter extremamente violento da guerra entre o Paraguai e a Tríplice Aliança (Brasil, Argentina e Uruguai), que durou de fins de 1864, quando o exército paraguaio apreendeu o navio de bandeira brasileira Marquês de Olinda em águas do rio Paraguai, até março de 1870, com a morte de Francisco Solano López, o ditador paraguaio (SUÁREZ, 2006).

De acordo com Suárez (2006), a Grande Guerra (1864 – 1870) coincide com o período do Romantismo e da ascensão dos Estados nacionais, fora dos jugos monárquicos. Tal conflito interrompeu bruscamente o processo cultural iniciado por Carlos Antonio López, como também o sonho de tornar o Paraguai um Estado forte e próspero. A destruição do Paraguai, ou o “Genocídio Americano”, ocorreu dez anos depois da morte de López, quando o país estava sob o comando de seu filho, Francisco Solano López. Desse modo, no período entreguerra, não houve produções de caráter romântico e, sim, relatos de guerra, as chamadas epopeias paraguaias.

Convém ressaltar que o caráter de extermínio que caracterizou essa Guerra, frente à inesperada resistência do Paraguai aos invasores, encerrou um longo ciclo da história paraguaia. A partir do fim do conflito e diante da situação de ruína a que foi reduzida a nação, começou uma longa, penosa e difícil tarefa de reconstrução, na qual a participação das mulheres foi importante.

Suárez (2006, p. 37) ressalta a importância dos jornais durante a Guerra, com destaque para: “*El Centinela*”, “*Cabichu’i*” e “*El cacique Lamabré*”, em cujas páginas eram publicadas as notícias do conflito por jornalistas, como Natalício Talavera, presentes no campo das batalhas. Esses jornais noticiaram, em grandes manchetes, a derrota do país: “*El Paraguay en ruinas!*”; as instituições públicas, privadas,

jurídicas e culturais estavam totalmente destruídas pelos inimigos, mostrando que a guerra contra a Tríplice Aliança foi um dos episódios mais cruéis e destrutivos da história paraguaia.

Para o historiador Efraím Cardozo (*apud* SUÁREZ, 2006), a Guerra foi de extermínio, pois os paraguaios eram inferiores em número de soldados e também em armas. Fieis ao marechal presidente Solano López e ao país, eles lutaram até morrer. López foi derrotado na batalha final do dia 1º de março de 1870, em Cerro Corá.

Nesse sentido, Cardozo (*apud* SUÁREZ, 2006, p. 40) retrata a Guerra como uma atrocidade, e um erro de Solano López, pois nela não combateram somente os adultos, mas crianças, velhos e mulheres, as “*residentas*”². Cessada a Guerra, a população paraguaia estava dizimada, restando tão somente velhos, crianças, homens mutilados e mulheres, todos em estado de trauma em face do sofrimento e das atrocidades vividas. Consideramos as mulheres as verdadeiras heroínas paraguaias, pois elas cuidaram dos feridos e lutaram com armas; depois do luto, aos poucos, reconstruíram o país.

Segundo Hugo Rodríguez-Alcalá (1971), naquela ocasião, produziram-se epopeias nacionais, exaltando o povo valente; e poemas, mas não textos literários em prosa. Os poemas consistiam na exaltação à pátria e aos heróis da Guerra. Por isso, as produções do período tornaram-se históricas. Obras fragmentadas eram publicadas nos jornais, impulsionando a historiografia e o jornalismo, mas não a literatura.

Ainda na leitura de Rodríguez-Alcalá (1971), o Paraguai foi um dos primeiros países da metrópole espanhola a pleitear sua soberania, numa luta que vem desde 1537 até a metade do século XVIII, quando a província obteve o privilégio de eleger seus governadores no caso da morte do escolhido pela coroa espanhola. Com a “*Revolución Comunera*”³, o Paraguai passa a ter seu próprio governador sem a

² As “*residentas*” acompanhavam os homens durante a Guerra. No final, foram transformadas em soldadas, combatendo bravamente, além de atender os feridos e recolher os mortos. Em muitas batalhas, como Avaí e Acosta Ñu, elas foram lanceadas e queimadas pelos adversários, juntamente com outros sobreviventes, por vezes seus próprios filhos, “*los niños combatientes*”. Algumas “*residentas*” receberam a patente de sargento. Durante a Guerra exerciam todas as funções de um soldado: cavavam trincheiras, fabricavam pólvora, abasteciam o acampamento e lutavam contra os inimigos (DOURADO, 2005).

³ Movimento antecedente ao movimento da independência, baseado no espírito autônomo que desejava um governo próprio, livre dos abusos do poder real espanhol. Esse movimento produzido

intromissão da Espanha, Domingo Martínez de Irala, primeiro governador eleito pelo partido *comunero*. Em 1811, Paraguai proclamou a independência, desta vez com os “próceres”, homens de extrema importância pela conquista da soberania do país. Segundo Rodríguez-Alacá, Luis Miranda de Villafañá foi primeiro poeta paraguaio e dentre os próceres da independência havia homens muito esclarecidos, inteligentes, como Fulgencio Yegros. No entanto, com a subida ao poder do Dr. José Rodríguez de Francia, a produção literária foi interrompida, pois Francia era contra os intelectuais, que, segundo esse estadista, ofereciam ameaça ao seu poder. Por isso, Francia os perseguiu, rompendo, também, a comunicação com o mundo exterior.

Hugo Rodríguez-Alcalá (1971, p. 31-32) avalia a produção literária durante a tirania de Francia, concluindo que, naquele período, não houve produções literárias. Surgia, timidamente, a imprensa paraguaia, com publicações de autoria do próprio Carlos Antonio López, na revista “*La Aurora*”.

Já no governo posterior ao de Francia, Carlos Antonio López investiu tanto na educação quanto no desenvolvimento tecnológico do Paraguai. O presidente patrocinava estudantes, enviando bolsistas para a Europa, inclusive seu filho, Francisco Solano López. Não houve tempo, porém, para o desenvolvimento almejado: Carlos Antonio López faleceu antes de concretizar seu sonho. Com isso, subiu ao poder seu filho, Solano, cujo governo causou um retrocesso no país, como também sua ruína, após a Guerra da Tríplice Aliança, conflito do qual foi muito difícil para o Paraguai recuperar-se.

Aliás, o processo de desenvolvimento cultural implantado no governo de Carlos Antonio López foi interrompido antes mesmo do conflito com Brasil, Argentina e Uruguai. O regime de governo de Solano era fundamentado no feudalismo *criollo*⁴. Somente a literatura nacionalista era liberada e a falta de liberdade, imposta pela censura, levou os poetas a igualarem-se aos cantores das glórias nacionais, aliados políticos do governo (PEIRÓ BARCO, 2001)

por lutas sangrentas despertou o espírito de emancipação na América do Sul (RODRÍGUEZ-ALCALÁ, 1971).

⁴ O feudalismo “*criollo*” não conseguiu derrubar as bases do velho sistema, pois o modelo do governo de Francisco Solano López foi *sui generis*, com base no projeto de José Rodríguez de Francia, com um Estado Popular Independente, um regime monárquico absoluto e o fundamento das sociedades feudais em forma de propriedade estatal da terra, as “*haciendas*” do governo, onde se produzia coletivamente. Mas quem lucrava era o Estado, pois Francia controlava tudo, com poder absoluto em suas mãos.

É conveniente lembrar que, para Massaud Moisés (1994, p. 38), o sentimento do nacionalismo é uma característica marcante do Romantismo cultivado na Europa e também no Brasil. O crítico destaca, também, que as literaturas nacionalistas eram muito utilizadas nas propagandas políticas; um exemplo recente disso no Paraguai é que o regime ditatorial de Alfredo Stroessner sempre (re)aproveitou as lembranças da Guerra do Paraguai para fortalecer um patriotismo que é próprio dos regimes de exceção.

O Paraguai ainda não havia se recuperado da ruína da Grande Guerra e outro conflito começou, a Guerra do Chaco, deixando correr rios de sangue no decorrer dos três anos de lutas (1932-1935), até a assinatura dos protocolos de paz, em Buenos Aires, no dia 12 de junho de 1935. O confronto entre Paraguai e Bolívia deu-se sob o comando de seus governantes, o boliviano Daniel Salamanca e o paraguaio Eusebio Ayala.

O conflito foi motivado por reivindicações territoriais e questões econômicas, pois os empreendimentos cresceram e ambos os países passaram a incluir o Chaco em seus planos, a exemplo do Paraguai e da Bolívia, também por questões estratégicas, pois o Chaco servia de passagem para a região da Prata, para assim chegar ao oceano Atlântico e escoar seus produtos. Também suspeitava-se de que havia petróleo no subsolo do Chaco (SUÁREZ, 2006, p. 68-69).

O Paraguai foi vitorioso no conflito, o que fez crescer o prestígio dos militares, com a euforia dos fascistas europeus, pois muitos de seus descendentes moravam no Paraguai. Isso acabou gerando uma nova era de autoritarismo militar, que só acabaria com a queda do ditador Alfredo Stroessner em 1989. A vitória na Guerra do Chaco trouxe prestígio ao exército paraguaio, que espantou o espectro de inferioridade pela derrota sofrida contra a Tríplice Aliança – Brasil, Argentina e Uruguai (PEIRÓ BARCO, 2001).

Antes da Guerra do Chaco, uma revolução literária foi deflagrada: eclodem os textos em prosa com temas relacionados à Guerra do século XIX. Naquela época, duas revistas foram criadas: “*Crónica*” (1913) e “*Juventud*” (1923).

Em 17 de fevereiro de 1936, conforme registra Suárez (2006, p. 70), estourou, em Assunção, um movimento militar com apoio de alguns civis. Tal movimento depôs o governo liberal de Eusebio Ayala, cujo presidente atuou durante a Guerra do Chaco. Esse conflito destituiu vários comandantes de suas funções, causou uma

instabilidade política no país. Em 1939, chega ao poder o marechal José Felix Estigarribia, comandante vitorioso da Guerra do Chaco. No entanto, seu mandato dura pouco, pois chega ao óbito num acidente aéreo em 1940. Com a morte de Estigarribia, assume a presidência do país, o general Higinio Morígin, este fortaleceu-se como ditador durante a Segunda Guerra Mundial.

Em 1947, sob o comando do presidente Morígin explode Guerra Civil Paraguaia, luta pelo poder entre os partidos Colorado e Liberal, período de instauração de um regime autoritário que governou por mais de três décadas. Não demorou muito e subiu ao poder o ditador Alfredo Stroessner (1954-1989), suprimindo os direitos constitucionais e proibindo a manifestação dos partidos políticos. Esse evento caracterizou a era da repressão, das trocas de favores entre as autoridades, facilitando a corrupção no país.

Na década de 1980, um golpe militar liderado pelo general Andrés Rodríguez derrubou Stroessner, havia 34 anos no poder, e ele se refugiou em Brasília. Tal golpe foi provocado pela insatisfação dos militares, devido à ausência de um plano de carreira para a ascensão dos militares. Desse modo, os cargos de chefia eram ocupados somente por pessoas de confiança de Stroessner; os outros permaneciam sem promoção.

O que percebemos é que o Paraguai sofreu sob vários regimes autoritários: o totalitário do déspota José Rodríguez de Francia; o absolutista do tirano Carlos Antonio López; o “napoleônico” de Francisco Solano López, sendo esses três regimes espécies de prolongamento do sistema colonial, pois eles consideravam o país como feudos particulares; assim como o ditador Alfredo Stroessner, este já no século XX.

Suárez (2006) concorda com Rodríguez-Alcalá (1996, p. 31) quanto às tiranias do passado: além de um esforço constante para o desenvolvimento do país, hoje, a corrupção, herança daqueles tempos, é o problema maior e principal obstáculo para o tão almejado desenvolvimento político e sociocultural do Paraguai.

Durante a ditadura de Stroessner, na década de 1980, como cita Suárez (2006), foi o momento da resistência dos trabalhadores da cultura diante de um sistema enfraquecido, pois já se apresentavam fissuras no partido Colorado, os novos donos do poder que não modificaram nada no país. A repressão continuou. A corrupção espalhou seus tentáculos para todos os meios, e os movimentos de

protestos aumentaram. Assim, a produção literária cresceu, pois houve um trabalho coletivo dos intelectuais com a fundação do “*Taller*”⁵.

No Brasil, no mesmo período, também sob o regime militar, houve censura nos meios de comunicação. De acordo com Flora Süssekind (2004, p. 34-35), os meios de comunicação de massa foram os mais controlados, havendo um controle em menor escala sobre os livros. Do mesmo modo, isso ocorreu no Paraguai, em que a rigidez da censura alcançou os jornais e as rádios, sobretudo com o fechamento do jornal “*ABC Color*” e da “*Radio Ñandutí*”, considerados meios perigosos para a manutenção do sistema ditatorial.

Ingressemos, pois, no tema deste tópico: a situação das mulheres paraguaias desde a Guerra do Paraguai. Ao decidir estudar as mulheres como sujeitos participantes da reconstrução da história de uma nação, convém lembrar as interrogações propostas por Duby e Perrot (1992, p. 1): as mulheres, “[...] destinadas ao silêncio da reprodução maternal e caseira, à sombra da vida doméstica, que não merece ser levada em conta nem ser contada [...]”, teriam elas uma história? Seriam mesmo as mulheres

[...] testemunhas de escasso valor, alijadas do cenário onde os heróis, donos de seus destinos, se enfrentam, às vezes, auxiliares, raramente atrizes [...], quase sempre sujeitos passivos que aclamam os vencedores e lamentam sua derrota, eternas choronas cujos choros acompanham em surdina todas as tragédias? (DUBY; PERROT, 1992, p. 1, tradução Teresa Joaquim).

Será que o olhar dos homens sobre elas permite reconstruir sua trajetória? Os rastros encontrados provêm delas mesmas? Ou eles foram apagados e construídos por homens?

Para responder a essas perguntas, temos a necessidade de passar pelo conceito de gênero, a fim de pensar as características socialmente adquiridas pelo feminino e pelo masculino que, até há pouco tempo, “[...] determinaram, para uma historiografia tradicional, a (não) inserção da mulher como atriz social” (SCOTT, 1991, p. 3). Segundo Scott, o gênero é

⁵ Na década de 1980, sob a ditadura de Alfredo Stroessner, emergiram as vozes dos que integraram a promoção literária dos “80”. Poetas e narradores desse período que sofreram repressões do sistema autoritário vigente e, até sentiram de certa forma o vazio e, a falta de referências por causa das opressões da ditadura, isso forçou os intelectuais ao exílio exterior e interior.. Diante disso, os escritores formaram o grupo da “Geração de 80” chamada de “*Taller de Poesía*”, liderado por Manuel Ortiz Guerrero. Criou-se o grupo para trabalhar em coletivo, pois assim, em grupo, tornavam-se mais fortes para suportar a repressão do sistema vigente (SUÁREZ, 2006, p. 101-102).

[...] utilizado para designar as relações sociais entre os sexos. Sua utilização rejeita explicitamente as justificativas biológicas, como aquelas que encontram um denominador comum para várias formas de subordinação no fato de que as mulheres têm filhos e que os homens têm uma força muscular superior. O gênero se torna, aliás, uma maneira de indicar as “construções sociais” - a criação inteiramente social das idéias sobre os papéis próprios aos homens e às mulheres. É uma maneira de se referir às origens exclusivamente sociais das identidades subjetivas dos homens e das mulheres. O gênero é, segundo essa definição, uma categoria social imposta sobre um corpo sexuado (1991, p. 4).

Diante disso, é conveniente destacar que, segundo Peiró Barco e Rodríguez-Alcalá (1999), o Paraguai é um país patriarcal, sendo a mulher praticamente excluída da vida política, ocupando pouquíssimos cargos políticos, mesmo que sempre tenha estado presente nas várias reconstruções do país. Como já demonstramos, a mulher paraguaia esteve presente na Guerra da Tríplice Aliança, na Guerra do Chaco e na Revolução Civil. Após a Tríplice Aliança, o país perdeu grande parte da população masculina e, embora patriarcal, foram as mulheres quem cuidaram dos feridos, enterraram os mortos e, depois, retomaram os rumos da nação.

O Paraguai ainda não havia se recuperado da Grande Guerra e houve outro conflito, dessa vez, com a Bolívia, na Guerra do Chaco. Não tardou muito, em 1947, veio a Guerra Civil Paraguaia, um conflito interno entre o Partido Colorado e o Partido Liberal. E as mulheres sempre presentes para cuidar dos homens feridos, heroínas anônimas. Elas se sacrificaram pela família, sendo mães solteiras ou viúvas, provedoras do lar, não sendo, porém, valorizadas e não tendo espaço na política do país, liderado, ainda hoje, exclusivamente por varões.

De acordo com Bartomeu Melià (1997, p. 80), essa situação ainda é resquício do período de dominação colonial, pois, em se considerando a sociedade guarani, a mulher é a portadora do cesto, isto é, ela é quem recolhe os frutos do campo. Nessa sociedade, existem funções específicas para mulheres e para homens; por exemplo, a mulher planta na terra que o homem preparou; busca água no rio; prepara a comida; faz rede da fibra do caraguatá, mas não pode tirar o couro do animal, pois os cuidados com a caça são função masculina. Também é função da mulher carregar o cesto da colheita, mesmo que esteja com seu marido, porque o homem não deve exercer a função da mulher, como ela também não deve exercer a dele.

Ressaltamos que a situação atual da economia do Paraguai exige que a mulher trabalhe para o complemento da renda do companheiro, ou como provedora solitária, pois há mães solteiras, viúvas ou separadas como chefes de família. No

entanto, elas não têm o direito de tomar decisões importantes na família. As tarefas domésticas são consideradas exclusividade das mulheres, mas as que trabalham fora de casa nem sempre recebem ajuda de seu companheiro nas tarefas do lar, devido à cultura do país. Isso leva as mulheres a terem de cumprir uma jornada dupla de trabalho (CORVALÁN; SILVERO, 2007, p. 7).

Na questão da igualdade entre os gêneros, o gênero transversal da educação formal foi incluído na reforma educativa do Paraguai há mais de uma década. No entanto, cotidianamente, ainda persistem elementos de uma cultura machista e discriminações em relação às meninas e às jovens. A igualdade de gênero não tem sido parte da profissionalização e da capacitação docente: ainda que parte significativa do professorado seja composto por mulheres, ainda é muito forte a prática sexista tradicional / machista (Ibidem, p. 8).

Há ainda uma tímida participação das mulheres nas eleições políticas do Paraguai. A lei estabelece uma cota mínima de vagas de 20% para as mulheres, no entanto, esse percentual não é atingido diante da participação masculina, havendo uma candidata mulher para cada cinco vagas. Ao invés de ser uma medida inclusiva, ela se torna discriminatória: como o percentual de 20% não é atingido, não é possível garantir a participação das mulheres nos cargos públicos (Id, Ibidem, p. 20).

Em 2006, a *Secretaria de la Mujer*, juntamente com a *Defensoria del Pueblo*, apresentou um projeto de lei para modificar a Lei Eleitoral, em acordo com os Artigos 46 e 48 da *Constitución Nacional*, no que se refere à igualdade das pessoas e dos direitos do homem e da mulher⁶. No entanto, o projeto foi rejeitado pelos parlamentares (Ibidem, p. 20).

Nos anos de 2003 e de 2005, na *Cámara de Senadores*, foram eleitas 4 senadoras, de um total de 45 membros, e 8 deputadas, de um total de 80 membros. No ano de 2003, foi eleita a primeira e única governadora de um Departamento (o que corresponde ao estado brasileiro), dentre os 17 departamentos. Em 2007, a nomeação de uma mulher como *Ministra de la Corte Suprema de Justicia* foi um avanço, mas isso não quer dizer que haja igualdade. No mesmo ano, houve um

⁶ A lei eleitoral estabelece uma cota mínima de 20% para mulheres nas listas internas que são representadas nas eleições partidárias, ou seja, uma candidata mulher a cada cinco lugares. Ainda que seja uma medida de discriminação positiva, ela não é suficiente para garantir a participação das mulheres nos cargos eletivos (CORVALÁN; SILVERO, 2007, p.19).

acontecimento histórico no país: pela primeira vez, elegeu-se uma mulher como pré-candidata para concorrer com outros candidatos à Presidência da República⁷ (Ibidem, p. 20).

No mercado de trabalho, há uma taxa de 44,5% de empregos ocupados por mulheres. No setor de microempresas, 58% correspondem às mulheres. É visível a superioridade do emprego feminino no setor de prestação de serviço e do comércio, cerca de 50% (Ibidem, p. 19).

Quanto ao direito ao seguro social, esse não é cumprido pelo Estado paraguaio e, dessa maneira, sequer 20% da população economicamente ativa recebem o seguro social. Ainda que esteja estabelecida na lei trabalhista, a proibição de despedir a mulher grávida, na maioria dos casos, também não se cumpre (Ibidem, p. 19).

A discriminação às trabalhadoras domésticas deve ser punida como está prescrito no *Código Laboral*. Quanto à distribuição salarial estabelecida para atividades não especificadas, na prática, há a obrigação de se trabalhar até 12 horas diárias quando a regra legal é de 8 horas diárias. As mulheres também não recebem o salário adicional por horas-extras. No que se refere ao seguro social, a mulher só tem direito à cobertura por doença, e não há uma cláusula para aposentadoria (Ibidem, p. 19).

A língua guarani, falada por aproximadamente 97% da população paraguaia, possui expressões discriminantes, pejorativas, que associam as mulheres ao trabalho doméstico, tais como: *kuñá kosinamenguante voí*⁸ ou *pokyrá*⁹, que fazem parte do imaginário popular.

Assim, a situação da mulher no país ainda é preocupante e instável, sendo uma das causas da pobreza e da vulnerabilidade dos lares com mulheres chefes de família. Isso se deve, entre outras coisas, à inserção desigual da mulher no mercado de trabalho. Se elas fossem remuneradas com base nos mesmos critérios que determinam a remuneração dos homens, os níveis de pobreza seriam reduzidos.

⁷ Ex-ministra de Educação, Blanca Maragarita Ovelar de Duarte chegou a concorrer na eleição de 2008, mas foi derrotada por Fernando Lugo.

⁸ *Kuñá kosinameguante voí*: em tradução para o português: “a mulher é da cozinha”, ou seja, uma cozinheira.

⁹ *Pokyrá*: em tradução para o português: “mãos com gordura”. É uma expressão usada para referir-se às empregadas domésticas.

Outras causas da desvalorizada situação da mulher no Paraguai são: a elevada taxa de mulheres com baixa escolaridade; os baixos níveis de aprendizagem nas competências básicas; os elevados níveis de analfabetismo funcional. A desigualdade é causa e efeito da pobreza e, atendendo às características culturais da sociedade paraguaia, as desigualdades de gênero têm singular importância (Ibidem, p. 19).

1.2 Josefina Plá: a adoção de uma pátria

Fator relevante na constituição da sociedade paraguaia ocorreu com a chegada dos espanhóis, quando a mulher guarani se converteu em “mulher paraguaia”. No entanto, “[...] essa incorporação ao sistema hispano-paraguaio foi feita pela porta de serviço” (MELIÁ, 1997, p. 79), como se pode constatar nos contos de Josefina Plá. Nessas narrativas, a escritora retrata a situação da mulher paraguaia em uma sociedade com altos índices de patriarcalismo (MELIÁ, 1997).

Na sociedade paraguaia, como também na sociedade brasileira, tradicional, conservadora e machista, atribui-se à mulher a função de filha, esposa e mãe, com preponderância nos afazeres domésticos. Desde cedo, a menina é instruída nos cuidados da casa e dos filhos; elas brincam com bonecas, dando-lhes de mamar, enquanto os meninos jogam bola com seus colegas. Na zona urbana, a mulher que trabalha primeiro leva seu filho à escola, depois vai ao trabalho. Na zona rural, a mulher adulta dedica-se à lavoura, cozinha, com seu companheiro ou com seus filhos, enquanto as meninas e as adolescentes cuidam dos animais e das tarefas domésticas (CORVALÁN; SILVERO, 2007, p. 7).

A participação da mulher nas artes, no ensino e na literatura teve início no século XX. No jornalismo, é mais recente, por volta dos anos 1950. Nessa mesma década, começa uma movimentação, ou melhor, uma articulação coletiva de mulheres, buscando maior envolvimento na sociedade, inclusive na política, pois, até então, a mulher era parte integrante do cenário sociocultural como um complemento do homem. Tanto na vida privada como na pública “[...] ela nunca foi protagonista” (Ibidem, p. 7).

O conceito de *Mujer en el Desarrollo* (MED), concebido na década de 1990, tenta incorporar o critério de *Género en el Desarrollo* (GED), a fim de aplicar o

correto e justo reconhecimento do papel da mulher nos diversos campos da atividade humana dos quais foi discriminada e excluída por muito tempo (Ibidem, p. 7).

Maria Josefina Teodora Plá Guerra Galvani nasceu na Ilha de Lobos, no arquipélago das Ilhas Canárias, Espanha. Filha de Leopoldo Botello Plá e Rafaela Guerra Galvani, durante a infância morou em várias cidades espanholas, pois seu pai era funcionário público (FERNÁNDEZ, 1996, p. 7).

Plá estudou o *bachillerato*, um curso equivalente ao ensino médio do Brasil. Como gostava muito de ler, sua cultura veio por meio das leituras assíduas na biblioteca particular de seu pai, composta por obras de Julio Verne, Rosseau, Flaubert, Tolstoy, Balzac (GODOY, 1999, p. 13).

Em 1924, Josefina Plá conhece o ceramista paraguaio Andrés Campos Cervera, também conhecido como Julián de la Herrería, em Alicante, com quem se casaria dois anos depois. No entanto, sua família era contra o noivado e Julián retorna a Valência e depois ao Paraguai, mantendo contato com sua noiva por meio de cartas. Um dia chegou um envelope com papeis carimbados que o pai de Josefina Plá deveria assinar: tais documentos eram para a realização do casamento, pois Herrería não tinha condição financeira para viajar até a Espanha. Assim, o casamento foi realizado por procuração com Andrés Campos Cervera, o noivo representado pelo irmão do poeta Villaespesa. (Ibidem, p. 39)

Plá chega em 1927 ao Paraguai. O casal passa a morar no sítio da família, em Vila Aurélia. Durante o período de sua lua de mel, aprende o ofício de ceramista e mais tarde passa a residir em Assunção. Plá começa a trabalhar no jornal *El Orden*, ficando difícil ir todos os dias do sítio até Assunção, o que dificultava o ofício de seu esposo na cerâmica, porque perdia muito tempo no percurso do sítio até o jornal (Ibidem, p. 45).

Plá retorna duas vezes à sua terra natal com seu esposo: a primeira data consta de 1929 a 1932, para exposição das cerâmicas de Julián, e a segunda foi em 1934 para dar continuidade ao trabalho com a cerâmica. No entanto, essa ida foi desastrosa para o casal, pois, em 1936, explode a Guerra Civil espanhola. Assim, o casal fica sem poder retornar ao Paraguai. Para agravar a situação, seu marido adoece e falece (Ibidem, p. 55).

De volta ao Paraguai, Plá começa a trabalhar como radialista, a primeira

mulher radialista. Também colaborou com *La Nación*, rompendo com os paradigmas da época. Viúva continua no expediente da rádio, passando a narrar os episódios da Segunda Guerra Mundial. Nesse período, Plá começa a escrever os seus textos literários, sobretudo, poesias, sendo ela mais conhecida como poeta. (Ibidem, p. 55-56).

Assim, na história da poesia paraguaia Josefina Plá e Héríb Campos Cervera abrem caminhos para a poesia moderna contemporânea. As poesias de Plá foram publicadas em folhetins e revistas a partir da década de 1920. Da mesma maneira, os contos foram publicados esporadicamente em folhetins. Somente a partir da década de 1950 sua produção de contos passa a ser mais contínua (FERNÁNDEZ, 1996, p.8).

Em 1935, ao final da Guerra do Chaco, Josefina Plá publicou seu primeiro livro de poesia, *El precio de los sueños*, em 1960 *La raiz y la aurora*, em 1965 *Rostros en el agua*, dentre outras publicadas posteriormente, como também peças teatrais, críticas literárias e ensaios. E, após a morte de Julián de la Herrería, retornando ao Paraguai, a escritora decidiu dar continuidade à sua carreira sozinha. Participou, então, de uma conferência pelo rádio, com o título *Poetas y poesía moderna*, um manifesto poético da nova estética da vanguarda surrealista.

Então, a revista Alcor publica vários relatos, que, em 1963 reúne quatro contos em um só livro com o título “La mano en la tierra”; em 1981, “El espejo y el canasto”; em 1983, “La pierna de Severina”, nosso objeto de estudo, sobre o qual nos deteremos na análise dos quatro contos nos segundo e terceiro capítulos deste trabalho. E, em 1988, a última publicação do conto “La muralla robada”. E, em 1996, o estudioso das obras de Plá, Miguel Ángel Fernández organizou e publicou Poesias completas e, em 2000, Cuentos Completos, para esse livro foram recolhidos todos os contos de Josefina Plá (Ibidem, p.10-11).

Na cerâmica paraguaia, Plá desenvolveu uma técnica muito delicada e complexa ao mostrar, em suas composições, figuras com as cores muito peculiares do Paraguai. Suas cerâmicas foram expostas em Madri (1931) e em Barcelona (1956), sendo muito apreciadas e adquiridas por admiradores, colecionadores e críticos de arte.

Como primeira radialista mulher no Paraguai (1928), até então um universo de dominação masculina, Plá rompeu um paradigma. Na década de 1940, passou a

dirigir e a redigir a programação semanal da rádio *La Voz Cultural de la Nación*. Também trabalhou durante muito tempo em jornais, como jornalista e como crítica literária, artística e teatral. Além disso, publicou vários ensaios, comentários bibliográficos e colunas sobre temas da atualidade em jornais escritos (CORRAL *apud* PLÁ, 1985, p. 168).

Miguel Ángel Fernández compartilha com Teresa Méndez-Faith, sobre a dedicação de Josefina Plá ao processo de desenvolvimento cultural do Paraguai. Plá participou e contribuiu, juntamente com outros intelectuais, nesse processo, como ceramista, poeta, dramaturga, contista, ensaísta, crítica de arte e jornalista, inserindo seu nome e suas obras, definitivamente, na cultura paraguaia do século XX. Diante disso, podemos dizer que a obra de Josefina Plá está totalmente identificada com a cultura paraguaia deste século (FERNÁNDEZ, 1996; MÉNDEZ-FAITH, 2004).

Na literatura, ressalta-se a presença da mulher escritora que trata de temas relacionados à família, ao sentimentalismo e à tímida participação feminina em meio à vida social paraguaia. Com o estabelecimento definitivo de Plá em terras paraguaias, a literatura nacional ganhou uma narradora que abordou, com qualidade e com coragem, o tema da marginalização da mulher na vida nacional.

Considerando que a narrativa paraguaia surge tardiamente, de acordo com Miguel Ángel Fernández (1996, p.8), Josefina Plá, Gabriel Casaccia e Augusto Roa Bastos foram os responsáveis pela introdução e pela inovação do gênero. O próprio Fernández destaca a importância de Casaccia, com a publicação de obras como *El guahjú* e *El pozo*, e de Roa Bastos, com *El trueno entre las ojas* e *El baldío*, para as letras paraguaias. Nessas narrativas, constatam-se as principais tendências dos romancistas e dos contistas no Paraguai: o realismo crítico, com nuances psicológicas, em Gabriel Casaccia, e o realismo mágico, em Augusto Roa Bastos. Ambas as vertentes também estão presentes nas obras de Josefina Plá.

É por meio de suas narrativas que Plá posiciona-se como intelectual. Assim, a partir da inserção de sua narrativa na literatura paraguaia, surgem temas relacionados às mulheres pobres e às mulheres indígenas, marginalizadas pela sociedade. Dessa maneira, é retratado o ambiente popular paraguaio, com a linguagem do povo. Daí o fato de se dizer que os textos de Plá são eivados de expressões em *jopará*, uma mistura de espanhol com guarani.

Josefina Plá exteriorizou sua preocupação pela condição existencial das mulheres, especialmente das paraguaias, “saciadas de ingratidão”, que nem sonhos têm, e as fez protagonistas de suas histórias. Na maioria de suas obras, são as protagonistas que falam, ainda que pela voz do silêncio e do aparente alheamento às coisas do mundo. Nesses casos, o discurso é simples, com diálogos coloquiais, próprios da fala cotidiana, do campo ou da cidade, meramente paraguaios, isto é, próprias de uma cultura.

Plá adotou o Paraguai como seu país e contribuiu, sobremaneira, no desenvolvimento da cultura nacional. Integrou o grupo *Vy'a raity* (1940) que, em português, significa “lugar de alegria”. Esse grupo era composto por homens, entre eles, Augusto Roa Bastos, Elvio Romero, Hugo Rodríguez-Alcalá e Herib Campos Cervera. Ela foi a única mulher componente do grupo, uma atitude considerada vanguardista para aquela época. Somente por ser estrangeira é que permitiram sua atuação no grupo e aceitaram sua liberdade de expressão, característica também de seus poemas e de suas narrativas.

Com a publicação dos poemas e das narrativas de Plá, começam a vir a público os relatos da dor e do sofrimento da classe mais baixa e marginalizada da sociedade paraguaia. Nessa situação dramática, encontra-se a mulher, pois ela, segundo a cultura da sociedade paraguaia, foi feita para servir ao homem. Josefina Plá, além de precursora da renovação temática e da reivindicação social na literatura paraguaia, é também um símbolo da autoafirmação feminina.

Em suas narrativas, a autora retrata a exploração da mão-de-obra infantil; a exploração sexual; a discriminação contra os deficientes físicos, os pobres, os analfabetos e as pessoas da zona rural numa sociedade opressora. Há também, como pano de fundo, os períodos conflituosos do Paraguai, como a Guerra do Chaco, além dos conflitos internos entre os partidos Colorado e Liberal. Em trecho do conto “*La Vitrola*”, narra-se o estouro da Guerra do Chaco: “Quando estourou a Guerra do Chaco, Delpilar, com trinta e sete anos nas costas, há tempo havia se emancipado da tutela encomendada de dona Fausta” (PLÁ, 2006, p. 26. Doravante, todas as traduções são de nossa responsabilidade).¹⁰

¹⁰ *Cuando estalló la guerra del Chaco, Delpilar, con treinta y siete años a costas, hacía rato que se habría emancipado de la tutela encomendera de Doña Fausta* (PLÁ, 2006, p.26).

Nesse contexto é que a escritora dá voz às mulheres da classe mais baixa da sociedade paraguaia. Suas protagonistas são mulheres pobres, marginalizadas, excluídas e discriminadas por uma sociedade patriarcal, opressora e elitizada.

No conto *“La Pierna de Severina”*, do livro de mesmo título, a protagonista é discriminada pela falta de uma perna, o que a impede de realizar seu sonho, ser Filha de Maria: “Mas aquela perna que lhe faltava, meu Deus! (PLÁ, 2006, p.14)¹¹. Nesse conto, também assistimos à submissão da mulher paraguaia a outra instância de poder opressora, a Igreja Católica.

Em *“La Vitrola”*, temos a história de Delpilar, que foi entregue por sua mãe aos cuidados de uma família abastada. No entanto, a tal família tratava a garota como empregada doméstica. Delpilar não queria saber de serviço doméstico, por isso, apanhava da mãe da patroa: “Xingamento, tapas na cabeça, puxões de orelhas, até pontapés – tudo isso administrado pela dona Romilda, a mãe de dona Fausta” (PLÁ, 2006, p. 25)¹².

No conto *“Siesta”*, salienta-se a exploração da mão-de-obra infantil. Nessa narrativa, a mulher é representada por uma garota de onze anos, filha natural de Ciriaco. A mãe da garota entrega sua filha a Ciriaco, para ser cuidada por ele e por sua mãe. Entretanto, María, a menina, faz todo o serviço da casa e também sofre uma tentativa de estupro: “Com uma mão tapa-lhe a boca, com a outra busca-lhe sua saia desbotada e a touca com obscenidade” (PLÁ, 2006, p. 48, tradução nossa)¹³. A violência doméstica é praticada por aquele que deveria protegê-la, seu próprio pai.

No conto *“Sisé”*, por meio da protagonista, Plá retrata a violência contra a mulher indígena. Sisé é tratada como bicho desde bebê: “A criança, sentada no chão da cozinha, chupava um osso que a cozinheira passava-lhe de seu prato” (PLÁ, 2006, p. 50, tradução nossa). “Pegou-a suspendida pelo braço, jogou-a na cama e desmoronou sobre ela seus oitentas quilos de robusta musculatura e de ossos pesados” (PLÁ, 2006, p. 51).¹⁴. Foi estuprada brutalmente pelo dono da fazenda, que “Pegou-a suspendida pelo braço, jogou-a na cama e desmoronou

¹¹ *Pero aquella pierna que le faltaba, ¡Dios mío!* (PLÁ, 2006, p. 14).

¹² *Retos, acapetés, tirones de orejas, y hasta puntapiés – administrados éstos por Ña Romilda, la mamá de Doña Fausta* (PLÁ, 2006, p. 25).

¹³ *Con una mano le tapa la boca, con la otra busca bajo sus falditas desteñidas y le pellizca obsceno.* (PLÁ, 2006, p. 48).

¹⁴ *La criatura, sentada en el suelo de la cocina, chupaba un hueso que la cocinera le pasaba de su plato* (PLÁ, 2006, p. 50).

sobre ela seus oitentas quilos de robusta musculatura e de ossos pesados” (PLÁ, 2006, p. 51)¹⁵. Posteriormente, também foi abusada pelos filhos do dono da fazenda, num retrato alusivo ao poder do colonizador sobre o colonizado, considerando que Sisé é indígena.

Outro tema muito presente na narrativa de Josefina Plá e na realidade paraguaia diz respeito à violência doméstica contra as mulheres, com agressões físicas, maus tratos psicológicos, violações e abusos sexuais. No cotidiano, as denúncias ocorrem, no entanto, os policiais ou os representantes judiciais nem sempre dão o devido amparo às vítimas. Assim, os agressores não são punidos. No Paraguai, se desconhecem os instrumentos internacionais de proteção à mulher e, quando conhecidos, eles são desvalorizados por muitos operadores da justiça (CORVALÁN; SILVERO, 2007, p. 8).

Assim, nas narrativas de Plá, constatamos a representação da mulher paraguaia como protagonista, seja nos bairros periféricos de Assunção, nas cidades do interior do país, seja na zona rural. No excerto abaixo, constatamos a representação de uma cidade do interior próximo de Assunção:

Pouco a pouco, com tímidas perguntas ia tomando conhecimento Severina do que devia fazer para chegar a Assunção, apesar de seus vinte e oito anos nunca tinha chegado até a rua onde passava o ônibus que ia até a capital (PLÁ, 2006, p. 18)¹⁶.

Segundo Peiró Barco e Rodríguez-Alcalá (1999), Josefina Plá inovou a narrativa paraguaia ao tratar de temas relacionados à mulher pobre, marginalizada, excluída da sociedade paraguaia. A autora traz como objeto de estudos mulheres da classe mais baixa da sociedade, por isso, ela quebra o paradigma de representação da mulher idealizada do romantismo.

Josefina Plá, assim como as precursoras dos movimentos feministas, preocupava-se com a situação da mulher. Diante disso, em suas narrativas, há duras denúncias de situações humilhantes e dolorosas, de desvantagens da maternidade com uma paternidade irresponsável, de violência sexual. O que era

¹⁵[...] *la tomó en vilo del brazo, la echó en la cama y desplomó sobre ella sus ochenta kilos* (PLÁ, 2006, p. 51).

¹⁶ *Poquito a poquito, con tímidas preguntas iba enterándose Severina de cómo había que hacer para llegar a Asunción; a pesar de sus veintiocho años jamás había llegado hasta la calle donde paraba el ómnibus que iba a la capital* (PLÁ, 2006, p. 18).

“varrido para debaixo do tapete” recebe voz. Josefina Plá denuncia literariamente uma sociedade patriarcal, modelo dominante não só nos países periféricos, como o Paraguai, mas no mundo ocidental.

De acordo com Lúcia Osana Zolin (2009, p. 328-329), Josefina Plá rompe com a narrativa do cânone tradicional, que era composto por homens, dando a impressão de que a mulher não fazia parte da história do país, sendo o Paraguai ou o mundo composto somente por homens. Desse modo, surgem timidamente Josefina Plá e as demais escritoras do Paraguai, para representar as mulheres antes excluídas não somente da vida pública, mas também das artes em geral.

Neste capítulo, discorreremos acerca da história do Paraguai, sobretudo, a situação pós-guerra, como também a participação da mulher e sua contribuição na reconstrução do país. Apresentamos também a participação de Josefina Plá e sua imensurável contribuição no desenvolvimento cultural paraguaio. No próximo capítulo, faremos a análise dos quatro contos do livro *La Pierna de Severina*: “La Pirena de Severina”, “La Vitrola”, “Siesta” e “Sisé”.

Desse modo, podemos dizer que nos contos de Plá ela expõe a situação da mulher numa sociedade machista, como o Paraguai. No entanto, pela leitura dos contos e pelo contexto histórico do país, a mulher paraguaia esteve sempre presente no país, tanto na Grande Guerra como na do Chaco e também nas Guerras Civis do país, combatendo ao lado dos homens, cuidando dos feridos. Na ausência dos homens, cuidou dos filhos, cuidou da plantação, trabalhou até na fabricação de munição, sempre na retaguarda e, terminada a Guerra, cuidou da reconstrução de um país arruinado, principalmente, após a Grande Guerra (1865-1870), pois a população masculina foi praticamente dizimada, restando, assim, para as mulheres a reconstrução do país. São essas mulheres que estão presentes nos contos de Plá, pois a autora dá voz ao mundo feminino silenciado e marginalizado, denunciando as condições de exploração pelas quais estão submetidas as mulheres pobres, bem como as da etnia indígena do Paraguai.

2. OS CONTOS DE LA PIERNA DE SEVERINA

Apresentamos, neste capítulo, as leituras que fizemos dos quatro contos “La Pierna de Severina”, “La Vitrola”, “Siesta” e “Sisé”, todos presentes em *La Pierna de Severina*.

O livro *La pierna de Severina* (2006) contém sete contos, dos quais selecionamos quatro para a análise neste trabalho. O primeiro conto, *La pierna de Severina*, que dá título ao livro, foi escrito em 1954; os contos *La vitrola* e *Sisé* foram escritos em 1953. Já o conto *Siesta* não está datado, mas só foi publicado em 1983, sendo reeditado em 2006 por Francisco Pérez-Maricevich pela editora El Lector, edição usada nesta dissertação.

No primeiro conto, *La pierna de Severina*, a autora retrata a Guerra Civil Paraguaia de 1947, como também a repressão e opressão do Paraguai durante o período ditatorial. No conto, *La vitrola*, a protagonista vivencia o desfile da vitória do Paraguai na Guerra do Chaco, um conflito entre Paraguai e Bolívia por questões econômica e estratégia, pois o Chaco servia como passagem para o oceano Atlântico. Como também as Revoluções Cívicas, o abuso de poder dos militares saqueando as casas.

Nos contos *Siesta* e *Sisé* também constatamos a repressão e a opressão, o autoritarismo representada pela dona Ceferina e, pelo Ciriaco, suposto pai de María, protagonista de *Siesta*; como também na protagonista do conto *Sisé*, a pequena órfã encontrada no milharal e trazida para sede da fazenda, na sua chegada foi revistada como um animal e alimentada como um porquinho órfão pela cozinheira. Nessa última narrativa, a autora retrata a etnia indígena, os maus tratos ainda resquícios do período colonial. Nesses dois contos, Plá aborda a exploração da mão-de-obra infantil como também o abuso sexual, pois as duas crianças foram molestadas sexualmente.

Nosso objetivo é demonstrar, na narrativa contística de Josefina Plá, que a mulher paraguaia exerce função primordial na construção do processo constitutivo da identidade literária feminina. Assim, nos contos de Plá, temos a representação da mulher de classe baixa da sociedade paraguaia, moradora de bairros periféricos, em cidades pequenas, próximas a Assunção.

De acordo com Massaud Moisés (1987, p.15-20), o conto, como gênero literário, destaca-se pelo seu modo peculiar de narrar os acontecimentos, pela sua unidade de ação, ou seja, apenas um conflito, um só drama, com ações que convergem para esse conflito e com personagens reduzidos. Trata-se, portanto, de uma narrativa unívoca, univalente.

De acordo com Antonio Candido, citado por Otsuka (2001, p. 22), houve um processo de renovação nas obras literárias e na busca pela inovação, deparando-se com um laboratório ideal no gênero conto, que alcançou sucesso pela sua brevidade e por ser univalente. Nesse sentido,

O conto tem uma grande virtude: ele é, pela sua própria natureza e origens, tudo o que o autor quiser. Hoje em dia chama-se conto aquilo que antigamente se denominava crônica, impressão, flagrante do cotidiano, história, novela (OTSUKA, 2001, p. 22).

Assim como houve inovação na narrativa brasileira, houve também na narrativa paraguaia, sob a responsabilidade de Josefina Plá, abordando temas relacionados com a situação da mulher pobre, marginalizada, a mulher fora da beleza dos padrões retratadas no período do romantismo. Naquele período, eram retratadas as mulheres da sociedade de elite, mesmo nos relatos de Guerra, como as epopeias, nas quais as mulheres mencionadas eram as heroínas como Madame Lynch, mulher de Solano López, entre outras mulheres da sociedade, e não como a Severina, uma deficiente física; uma mulher feia como Delpilar, que comparam a uma “batata-doce murcha”. Tanto Severina como Delpilar e também Maria e Sisé são todas analfabetas.

Ensaio sobre os personagens de ficção de Antonio Candido (1995), de Beth Brait (1993) e de Massaud Moisés (1987), entre outros, serviram-nos de base na montagem dos referenciais teóricos e também para análise dos textos de Josefina Plá e consecução desta pesquisa.

2.1 *La pierna de Severina*

Este conto foi escrito em 1954 e, publicado em 1983, no livro que leva o mesmo título do conto *La pierna de Severina*. Nesse conto, a autora traz o período em que a sociedade paraguaia viveu durante a Guerra Civil Paraguaia de 1947, um

conflito político interno, luta pelo poder entre os partidos políticos Colorado e Liberal, como também a crise econômica e social.

“*La pierna de Severina*” tem como protagonista Severina, mulher da classe mais baixa da sociedade paraguaia, moradora de uma cidade próxima à Assunção. Severina, religiosa, pobre, analfabeta e deficiente física, desde criança sonha fazer parte de um grupo religioso católico conhecido como “Filhas de Maria”.

Na concepção de Beth Brait (1993, p. 52), um criador precisa de recursos para arquitetar sua personagem. Assim, Josefina Plá recorre, para a construção das personagens, ao mundo real, buscando nele artifícios para sua criação. Para Beth Brait um criador é:

Como um bruxo que dosando poções que se misturam num mágico caldeirão, o escritor recorre aos artifícios oferecidos por um código a fim de engendrar suas criaturas. Quer elas sejam tiradas de sua vivência real ou imaginária, dos sonhos, dos pesadelos ou das mesquinhas do cotidiano, a materialidade desses seres só pode ser atingida através de um jogo de linguagem que torne tangível a sua presença e sensíveis os seus movimentos (1993, p. 52).

Josefina Plá tem uma preocupação muito grande com a situação da mulher, sobretudo, a que vive em condições de pobreza e de humilhação. Severina é vítima de todos os tipos de preconceitos e sofrimentos no seu desejo de ser “Filha de Maria”. Como houve atraso no seu aprendizado escolar, isso acarretou atraso também no catecismo. Aos onze anos de idade, quando ia fazer a primeira comunhão, Severina sofreu um acidente, no qual o carro de boi esmagou sua perna. Dessa forma, ela perdeu parte da perna e tal mutilação a impede de fazer a primeira comunhão: é sua primeira frustração:

E, no entanto, Severina tinha, mesmo antes do acidente da perna, no fundo do coração, um ardente desejo. Queria ser Filha de Maria. Havia desejado isso com todo coração desde pequena, quando via as outras garotas um pouco mais velhas indo e vindo da Igreja, passando horas na sacristia, sair com os véus brancos em todas as procissões. (PLÁ, 2006, p. 13).¹⁷

Acerca dessa construção da personagem, Antonio Candido (1995, p. 53-54) esclarece-nos que “[...] o enredo existe através das personagens; as personagens

¹⁷ Y, sin embargo, Severina abrigaba ya, desde antes de lo de a pierna, en lo hondo de su corazón, un royente deseo. Quería ser Hija de María. Habíalo deseado con todo el corazón desde pequeña cuando veía a las otras chicas un poco mayores ir y venir desde la iglesia, pasar horas en la sacristía, salir con sus velos blancos en todas las procisiones (PLÁ, 2006, p.13).

vivem no enredo. Enredo e personagem exprimem, ligados, os intuitos do romance, a visão da vida que decorre dele, os significados e valores que o animam.”

Desse modo, Plá dá vida aos seres de papel, como no conto “La pierna de Severina”. Ela criou Severina à imagem de uma mulher paraguaia interiorana, analfabeta e ainda por cima deficiente física, falta-lhe uma perna e essa deformação é a que sustenta o enredo. Como diz Antonio Candido (1995), “[...] a personagem vive o enredo e as ideais, e os torna vivos”. Então, pelas ações da personagem vemos tudo, até sentimos o seu sofrimento, pois nos parece tão próxima, tão viva. Podemos constatar no primeiro parágrafo que o narrador expõe a vida da protagonista, Severina, que observa tudo pela janela, pois ainda criança sofreu acidente, um carro de boi esmagou sua perna e ela precisou amputá-la, por isso, o uso da muleta:

Fazia quinze anos que Severina se movia apenas daquele lugar do quarto atrás das grades. Sentada na cadeira baixa, que só saía para, apoiada numa muleta polida pelo uso, cumprir com os afazeres mais urgentes, trabalha todo o tempo no ñandutí¹⁸; pois tinha que viver, e dava ordens à senhora que fazia a comida, lavava e trocava à velha tia. Mal saía à rua. Ir à missa, aos sábados à noite para se confessar; aos domingos pela manhã à missa, para que ninguém a visse assim, cambaleando sobre a muleta (PLÁ, 2006, p. 13)¹⁹

Para seu sustento, Severina dedica-se ao trabalho manual, “*ñandutí*”, um artesanato paraguaio. Além disso, cuida de uma tia idosa, acamada; vai à igreja aos sábados à noite e aos domingos pela manhã bem cedo, evitando ser vista, para confessar-se com o Padre Ranulfo. Nesses encontros, ela aproveita para expor ao Padre o desejo de ser “Filha de Maria”, mas “aquela perna”, a falta dela a impede:

¹⁸ *Ñandutí* é uma palavra guarani que significa “teia de aranha”. Esse nome revelador refere-se às linhas gerais do padrão básico, que lembram o trabalho da aranha “epeira-diadema”, hóspede que não falta nas plantas dos jardins de todos os climas temperados. Os desenhos e os arremates produzidos pelas mãos habilidosas das artesãs paraguaias recebem nomes de plantas, flores, animais, como palmeira, flor de goiaba, flor de milho, ponto arroz, pé da vaca, rabo da cabra, abelha, entre outros. É uma renda confeccionada em um pedaço de tecido e com linhas de algodão, mas não se sabe exatamente o que a trouxe para o Paraguai. Itauguá, uma cidade próxima de Assunção, é grande produtora de *ñandutí*. (PLÁ; GONZÁLEZ).

¹⁹ *Quince años hacía que Severina se movía apenas de aquel rincón de la pieza detrás de la reja. Sentada en su silla baja, que sólo abandonaba para, apoyada en una muleta lustrosa por el uso, cumplir con los quehaceres más urgentes, trabajaba todo el tiempo en su ñandutí; porque había que vivir, y daba órdenes a la señora que hacía la magra cocina, lavaba y cambiaba a la vieja tía. Apenas Salís a la calle. A misa, los sábados anochecidos a confesarse; los domingos muy de mañana a misa, para que nadie la viese así, bandeándose sobre la muleta.* (PLÁ, 2006, p. 13)

-Nossa Senhora não olha a idade, Severina. Olha só as virtudes...Tu mereces ser sua filha... Mas essa perna, essa perna... Uma Filha de Maria ainda por cima com uma muleta nas procissões não pode ser. E logo, para o trabalho... Não, não é possível (PLÁ, 2006, p. 14-15).²⁰

Revelam-se aqui o sofrimento e o preconceito vividos pela protagonista que, mesmo sendo deficiente física, não recebe nenhum tipo de auxílio do Estado ou da Igreja. Surge também uma crítica a essas instituições. Severina é consolada pelo Padre: realmente, a falta da perna não a deixa servir até Nossa Senhora, pois como uma sem perna vai às procissões ou executar as demais tarefas do serviço religioso? As palavras do Padre são a posição da instituição religiosa como também da sociedade civil. Dessa maneira, não há uma pretensão em incluir o indivíduo com alguma deficiência física na sociedade, não há perspectiva de inserção no mercado de trabalho, nem no universo religioso. Definitivamente, o lugar de um deficiente físico é em casa.

Nas narrativas de Josefina Plá, é evidente a presença da típica mulher paraguaia: extremamente católica, atenta aos mínimos desejos do homem e daqueles que dependem dela – como a tia de Severina – consciente de um papel que representa na sociedade. Vale acrescentar, ainda, que a submissão feminina vem desde a primitiva sociedade guarani e continua entranhada até hoje na sociedade patriarcal paraguaia, presente das Sagradas Escrituras e à mentalidade do país.

Na percepção de Santos (2006, p.128-129), é nesse contexto da sociedade patriarcal que se insere a narrativa judaico-cristã da criação da mulher depois do homem: “E a costela que o Senhor Deus tomara ao homem, transformou-a numa mulher e Iha trouxe” (GÊNESIS, 3: 22). Assim também o mito do pecado original, no qual a mulher torna-se responsável pelo pecado e sofrimento da humanidade: “E à mulher [Deus] disse: Multiplicarei sobremodo os sofrimentos da tua gravidez; em meio das dores darás à luz; o teu desejo será para teu marido, e ele te governa” (GÊNESIS, 3:16).

²⁰ *No has hecho aún la primera comunión. Cuando la hagas, ya veremos (PLÁ, 2006, p. 13). Y cuando con los ojos llorosos dijo que ya era demasiado vieja para ser Hija de María, Paí Ranulfo la consoló.*

-Nuestra Señora no mira la edad, Severina. Mira sólo las virtudes... Tú mereces ser su hija... Pero esa pierna, esa pierna... Una Hija de María con la muleta a cuestras en las procesiones no puede ser. Y luego, para el trabajo... No, no es posible (PLÁ, 2006, p. 14-15).

Convém destacar que, nesse sistema, a função da mulher é a de esposa, mãe e educadora dos filhos. Cabe ao homem, portanto, o sustento da família, pois na sociedade patriarcal, além de dominador, ele é o provedor. Isso está explícito na Gênese quando Deus disse: “No suor do rosto comerás o teu pão, até que tornes à terra, pois dela foste formado; porque tu és pó e ao pó tornarás” (GÊNESIS, 3: 19).

Severina, provedora, cuidadora e temente a Deus, contudo, não desistiu de seu sonho e tomou conhecimento da existência da perna artificial e que poderia consegui-la por intermédio da esposa do presidente da Argentina (com certeza, Evita Perón). Porém, para isso, precisaria deslocar-se até Assunção. Severina partiu para lá na esperança de conseguir chegar à Embaixada Argentina:

Chegou a Assunção já havia amanhecido. [...]
Não teve muita dificuldade para encontrar a residência, pois o motorista por coincidência a conhecia, e fez a descer perto [...]
Pensava que se podia visitar ao embaixador da mesma maneira que ao padre, enquanto toma o mate, às seis da manhã.[...]
Saiu às presas um empregado, ao qual no primeiro momento Severina o tratou como se fosse o embaixador, e que lhe disse com muita má vontade que aquela era a casa particular do embaixador, que fosse à embaixada entre as onze e às doze horas (PLÁ, 2006, p. 20).²¹

Nessa passagem, a autora mostra o contraste da cidade grande com as cidades interioranas. Severina, ignorante em sua simplicidade, não tem noção de que, nesses lugares, as coisas não funcionam como no interior e que existem certos protocolos e horários a serem cumpridos. Dessa forma, ela amanheceu diante da casa particular do embaixador:

Severina começou a andar buscando a embaixada. O empregado não lhe havia falado onde estava e ela também não lhe havia perguntado. [...]
Chegou ao meio dia sem ter encontrado o bendito lugar. [...]
Quando por fim o encontrou, chamou até cansar-se; por fim alguém apareceu no portão contíguo e lhe disse que a embaixada não se abriria até segunda-feira, porque era sexta-feira e as embaixadas fazem semana inglesa (PLÁ, 2006, p. 20).²²

²¹ *Llegó a Asunción ya amanecido. [...]*

No tuvo dificultad mayor en encontrar la residencia, porque el chofer por casualidad la conocía, e hizo Severina bajar cerca [...]

Creía que al Embajador se le puede visitar lo mismo que al señor cura, mientras toma el mate, a las seis de la mañana. [...]

Salió a las cansadas un mucamo, al cual en el primer momento Severina tomó por el propio Embajador, y quien le dijo con bastante malos que aquella era la casa particular del señor Embajador; que fuese a la Embajada entre las once y las doce horas (Plá, 2006, p. 20).

²² *Severina echó a andar buscando la embajada. El mozo no le había dicho dónde estaba y ella tampoco se lo había preguntado [...]*

O fato de ser analfabeta, pobre, do interior, desinformada acerca dos horários de funcionamento da Embaixada foi motivo de risos entre os empregados da casa do embaixador. Sua ida até a capital configura-se uma grande decepção, a primeira naquela cidade.

Severina estava cansada e procurou um lugar para repousar um pouco. Andou até que encontrou uma igreja, *San Roque*. Parecia muito acolhedora, então buscou abrigo na igreja, pois estava para chover, mas o que ela não esperava é que alguns homens, moradores de rua, fossem refugiar-se também na igreja:

Dormiu quando começou a chuva torrencial [...]
Não soube Severina quando cessou a chuva, só se deu conta quando um grupo de homens invadiu o lugar...
Aturdidamente acordada os sentiu, mais que os viu, com terror, aproximar-se da sombra. Um se inclinou sobre ela, a apalçou com mãos obscenas e duras.
_Ei, pessoal. Vem aqui. Ohem o que temos aqui.
-Uma mulher! Oh! Filha do diabo! Presente do céu! (PLÁ, 2006, p. 22).²³

O San Roque no Paraguai e, em alguns países latino-americanos, é protetor dos cachorros, dos enfermos, dos inválidos. A autora escolheu esse lugar para acontecer o estupro talvez para criticar a hipocrisia da igreja. Uma instituição religiosa deveria proteger, acolher e ajudar os necessitados como Severina, porém pela falta de uma perna a rejeitaram, pois uma sem perna não pode ser “Filha de Maria”.

Añamemby é uma palavra em guarani que podemos transcrever como “filha do diabo”, contudo para esse contexto é melhor “filha da puta”, pois Severina foi enviada como presente àqueles homens, sendo a moça a quem falta uma perna e que não pode ser “Filha de Maria”. Os estupradores não se incomodaram com isso, ou seja, aquela perna não fez nenhuma diferença para a satisfação sexual animalesco, nem mesmo a um deles, que também era deficiente físico como

Llegó el mediodía sin haber podido encontrar el bendito lugar [...] Cuando por lo fin lo encontré, llamé hasta cansarse; por fin alguien asomó a un portón contiguo y le dijo que la Embajada no se habría ya hasta lunes, porque era viernes de siesta y las Embajadas hacen semana inglesa (PLÁ, 2006, p. 20).

²³ *Se durmió cuando empezaba la lluvia torrencial. [...]*

No supo Severina cuándo cesó la lluvia; sólo se dio cuenta cuando un grupo de hombres invadió el recinto...

Aturdidamente despierta los sintió, más que los vio, con terror, acercarse en la sombra. Uno se inclinó sobre ella, la palpó con manos obscenas y duras.

-Ndé lo mitá. Eyú coape. Miren pue lo que hay acá.

-Peteí cuñá. Oh. Añamemby. Regalo del cielo (PLÁ, 2006, p. 22).

Severina.

Se o primeiro desapontamento a deixara magoada, o segundo foi muito pior. Severina foi abusada sexualmente dentro da igreja, para ela, mulher extremamente religiosa, um local santo. No entanto, a imagem desse lugar sagrado foi desconstruída: a sacralidade da igreja foi profanada pelos atos aos quais a moradora do interior foi submetida. Severina sai em busca de ajuda, ensanguentada e com muita dor, conseguindo chegar a uma casa e ser socorrida, recebendo ajuda. Todavia, ao retornar para sua cidade, a vergonha de tudo o que aconteceu a faz ficar calada; assim, ela retoma sua vida de beata. Severina nunca será, definitivamente, uma “Filha de Maria”, é o ponto final de seus desejos. Agora, resta a Severina tecer o manto de Nossa Senhora. Assim, Severina acatou a imposição da instituição religiosa como também da sociedade civil, tecer seu “Ñanduti” e aceitar a sua sina.

2.2 La Vitrola

O conto *La Vitrola* tem como protagonista Delpilar, outra mulher paraguaia pobre e marginalizada. Percebe-se que, para arquitetar essa personagem, Josefina Plá buscou um modelo no mundo real, pois retrata a situação da realidade da criança abandonada que se transforma na mulher agregada, sem direitos no lar que a abrigou.

De acordo com Antonio Candido (1995, p. 52-55), os personagens de ficção são seres de papel que vivem, movimentam-se e relacionam-se no ambiente de determinado grupo social à semelhança dos seres humanos, pois o enredo existe por meio dos personagens. No entanto, não são reais, mas imitam a realidade empírica sob a visão de seu criador, sustentado por sua visão ideológica de sociedade.

Então, Delpilar foi moldada como uma mulher magra, feia, comparada a uma “batata-doce seca”. Na infância, teve dificuldades na escola, tornando-se analfabeta; não gostava dos afazeres domésticos. Diante disso, resta-lhe trabalhar como doméstica nas casas alheias, ou vender verduras e ovos sujos nas ruas do bairro.

A tutela de Delpilar foi entregue pela mãe a uma família abastada, para que fosse criada como filha. Entretanto, para a garota de dez anos, em idade escolar,

somente cabia a faina da casa. Delpilar tem dificuldades na aprendizagem escolar e também não lhe agradavam os afazeres domésticos. O que ela apreciava mesmo era ouvir a vitrola do vizinho, *Don Pedro*, no que era sempre impedida por *Ña Romilda*:

Tocava o fonógrafo – que tocar, tocava com frequência, à hora mais impossível a todo pulmão- e Delpilar desaparecia. [...] Xingamento, tapas na cabeça, puxões de orelhas, até pontapés – tudo isso praticados pela dona Romilda, a mãe de dona Fausta (PLÁ, 2006, p. 25).²⁴

O narrador destaca a situação da mulher no Paraguai e na sociedade dominante do país. Dona Fausta, esposa de um doutor, tutora de Delpilar, representa a elite. Na submissão da protagonista, mostrada pela narrativa, ressaltam-se os marginalizados, os excluídos da sociedade.

Dessa maneira, *Ña Romilda* é detentora do poder, representante da sociedade dominante, bem como da opressão e da repressão do regime autoritário do Paraguai. Tudo isso transparece nos xingamentos, nos puxões de orelhas, nos chutes dados na menina por desobedecer às ordens da patroa.

Aos quinze anos de idade, Delpilar ganha algo novo, um vestido. Por isso, *Ña Romilda*, com ar de deboche, diz para ela que, com esse vestido, certamente, vai arranjar um namorado. Delpilar protesta, não quer o vestido e sim a vitrola:

- Está bonita, hein!... Logo vai ter um namorado...! Não é verdade Fausta? Mas Delpilar protestou.
-Eu não quero um namorado.
-Não...? Que o que você quer, então...? –perguntou dona Fausta.
-Eu quero um fonógrafo – respondeu Delpilar (PLÁ, 2006, p. 26).²⁵

Delpilar é uma criada, não é membro daquela família, por isso não tem direito à voz, nem à reivindicação de qualquer desejo. E, na única vez em que Delpilar protestou e reivindicou, disse que preferia ter uma vitrola.

²⁴*Sonaba el fonógrafo – que sonar, sonaba a menudo, a la hora más imposible a todo pulmón- y Delpilar desaparecía. [...]*
Retos, acapetés, tirones de orejas, hasta puntapiés –practicados éstos por Ña Romilda, la mamá de Doña Fausta. (PLÁ, 2006, p. 25).

²⁵ *-Jha é... Ocai chipá... ¡Pronto vas a tener novio...! ¿No es cierto pa Fausta? Pero Delpilar protestó.
-Yo no quiero un novio.
-¿No...? ¿Qué lo que querés, entonces...? – preguntó Doña Fausta.
-Yo quiero un fonógrafo –contestó Delpilar (PLÁ, 2006, p. 26).*

A ação da narrativa ocorre em meio a um período conflituoso do Paraguai: em 1935, marca-se o final da Guerra do Chaco, conflito contra a Bolívia do qual o Paraguai sai vitorioso. No desfile dessa vitória, Delpilar conhece Cepí, o homem que iria alegrar a sua vida:

[...] Exatamente, uma semana depois do desfile da vitória – apareceu Cipriano, Cepí. Nunca ninguém soube como ele tinha conseguido transpor a porta [...]
-Ah!... Delpilar conseguiu um companheiro!
Delpilar arranhou um homem.
E que homem...! Era quase de estatura média, mas truncado, forte. (PLÁ, 2006, p. 27).²⁶.

Constata-se, então, o espanto das pessoas, considerando que Delpilar era muito fechada e sozinha. Não era a mulher ideal apresentada pelo romantismo, por exemplo, estando mais próxima do realismo e do naturalismo: com trinta e sete anos, pernas finas, algumas rugas, ela não tinha nenhuma vaidade, como também não era muito asseada, trabalhando como cozinheira, como lavadeira, mas não era bem o que gostava de fazer. Outras vezes, sobrevivia das vendas de verduras murchas e de ovos sujos. Era zeladora de um terreno de *Doña Fausta*, morando num casebre nesse terreno, na periferia de Assunção.

O relacionamento de Delpilar com o jovem Cepí causou muita inveja, não somente nas mulheres como também nos homens. Esse sentimento, talvez, tenha minguado o relacionamento de Delpilar e a alegria dela durou pouco, pois Cepí morreria em breve.

Em 1947, estoura uma luta interna no Paraguai, “*La Revolución del 47*”, que deixou inúmeros mortos no país, uma luta pelo poder entre os partidos Colorado e Lberal. Nesse conflito, vários escritores foram exilados e os que ficaram sofreram as consequências do exílio interno (SUÁREZ, 2006, p. 78).

Durante esse conflito, Delpilar e outros moradores tiveram que deixar seus lares, devido à invasão dos soldados da cidade Concepción que invadiram a capital paraguaia, Assunção. Ao voltar, encontram as casas abertas pelos soldados, pois

²⁶ ...Una semana justamente después del desfile de la Victoria – apareció Cipriano, Cepí. Nadie supo nunca cómo se las había arreglado éste para transponer la tranquera. [...]
-Eá... ¡Delpilar oñemyrú...!
Delpilar se había echado un hombre.
¡¡Y qué hombre...!! la estatura apenas cerca de la mediana, pero pesado, enormemente pesado (PLA, 2006,27).

estes precisavam tomar mate e tererê, como também saqueadas por outros moradores que se aproveitaram da oportunidade:

Quando os vizinhos voltaram, três meses depois, uma desordem. As casas, abertas, com as janelas e portas arrombadas, os homens tinham de tomar mate, por isso as casas foram saqueadas. Vazio...! vazio...! vazio...! A casa de Delpilar estava limpa, como nunca. Desapareceram a vitrola, a espreguiçadeira, o corte de seda “charmé”, os sapatos brancos, a panela de ferro, e até a frigideira na qual dona Delpilar fazia de vez em quando tapioca. (PLÁ, 2006, p. 34).²⁷

O narrador retrata a miséria que toma conta do país e da própria vida de Delpilar, já viúva e também sem o filho nascido da união. Nesse entremeio, desaparece a vitrola deixada por Cepí, e que nunca fora ouvida por Delpilar. Até a frigideira, na qual ela, de vez em quando, fazia umas tapiocas, sumiu. Tantas perdas fazem a protagonista definhar, voltar à sua vida miserável, contentando-se com o pouco de cada dia e morrendo sem que quase ninguém tome conhecimento dela, na obscuridade comum a tantas outras vidas femininas.

2.3 Siesta

No conto *Siesta*, Maria, a protagonista, também representa a camada mais baixa da pirâmide social paraguaia: filha de mãe solteira, é entregue à guarda do suposto pai, Ciriaco, e de sua avó paterna para ser criada. No entanto, ali é tratada como serviçal, não frequentando a escola e sendo molestada sexualmente pelo próprio (suposto) pai. Seu desfecho é triste: ao tentar fugir do agressor, sai em disparada de casa, sendo atropelada por um ciclista, batendo a cabeça no meio-fio e morrendo.

É importante frisar, segundo a concepção de Antonio Candido (1995, p. 54-55), que as personagens são os elementos essenciais que sustentam a obra literária. Nesse sentido, a narrativa consegue difundir sua ação e sua interação com os leitores, por meio da figura literária, um ser de papel que imita o modelo da vida real.

²⁷ *Quando volvieron los vecinos, tres meses más tarde, el despelote.*

Las casas, abiertas, con las ventanas y puertas astilladas las más – los hombres tenían que matear - habían sido saqueadas. “¡Nandí...! ¡nandí...! ¡nandí!” La casa de Delpilar estaba limpia, como nunca. Desaparecidos la vitrola, la perezosa, el corte de “charmé”, los zapatos blancos, la olla de hierro, y hasta la paila en que Ña Delpilar cocía de vez en cuando un “mbeyú” (PLÁ, 2006, p. 34).

Plá cria a personagem de ficção para mostrar a situação da mulher pobre, num país dominado por um sistema autoritário e patriarcal. A autora deu vida à personagem María, fruto de um relacionamento entre a empregada da casa e o filho da patroa. Embora a narrativa não tenha data da escrita, pelas atitudes do (suposto) pai, Ciriaco e, da avó paterna, dona Ceferina, constatamos também um período ditatorial, ou seja, período em que os militares governaram o Paraguai. Nessa narrativa, a autora traz a representação do descaso com as crianças, pois Ciriaco não tem o menor respeito nem pela mãe, por Deolinda, nem pela menina, e tenta estuprar a própria filha, mas a garota foge do agressor e isso a leva à morte.

Dessa maneira, a autora também traz a representação da realidade da criança, fora da escola, trabalhando como doméstica, retrato da exploração da mão-de-obra infantil, visível no fragmento a seguir:

Maria deveria estar descansando, mas dona Ceferina saiu, não voltará antes das três; e a velha não permite que na sua ausência a garota esteja ociosa. [...]
Esse estalo breve, leve como uma raminha quebrada, é o que o impede de dormir, o irrita. Tanto, que chama, grosseiro:
-Maria!
A garota não lhe ouve. [...]
-Você, garotinha de merda...! (PLÁ, 2006, p. 39).²⁸

A exploração e a humilhação da menina, que fora entregue para ser cuidada como filha e neta, mas que não passa de uma criada da casa, pois não é considerada membro da família, é algo que Josefina Plá sabe mostrar como poucos escritores. Assim como as personagens dos contos anteriores (*La pierna de Severina* e *La vitrola*), Maria não tem direito a nada, nem ao descanso da tarde, enquanto Ciriaco, o suposto pai faz a “*siesta*”, um repouso após o almoço. Ele se incomoda com o barulho provocado pela menina ao limpar o chão, chamando-lhe a atenção, pois não consegue dormir, devido ao calor do verão ardente e ao barulho. A criança, porém, apenas cumpria ordens de *Doña Ceferina*, mãe de Ciriaco.

²⁸ *Maria debería estar descansando; pero Doña Ceferina ha salido, no volverás hasta las tres; y la vieja no permite que en su ausencia la chiquilina esté ociosa. [...]*
Ese chaquido breve, leve como ramita quebrada, es lo que le impede de conciliar el sueño y le irrita. Tanto, que llama, bronco:
_María! ...
La chiquilina no le oye. [...]
_¡Nde, mitacuña-í tepotí...! (PLÁ, 2006, p. 39).

Maria também não tem voz, sendo oprimida e sem direito a reivindicações, numa família dominadora e autoritária que não lhe permite qualquer reclamação. Também nessa narrativa, por intermédio da protagonista, Plá critica o descaso do Estado para com as crianças pobres e em idade escolar.

A menina é completamente desvalorizada por Ciriaco, pois, para ele, Deolinda, mãe de Maria, não passava de um simples objeto de prazer e ele desconfiava de sua paternidade. Ele compara Maria a um “frango assado muito saboroso”. Assim, os olhos libidinosos do homem fixam-se na menina.

Pega a pequena do braço, violentamente. [...]
-Papá...
-Eu não sou teu pai. [...]
Com uma mão tapa-lhe a boca, com a outra busca-lhe sua saia desbotada e a belisca com obscenidade (PLÁ, 2006, p. 47-48).²⁹

O abuso sexual, a violência doméstica, a agressão por parte de quem deveria protegê-la, o pai, estão muito bem caracterizados pela autora. É o reforço não somente do aspecto patriarcal da sociedade paraguaia, mas também de resquícios que podem ser heranças do sistema de colonização exploratório a que foi submetida a América Latina por espanhóis e portugueses.

2.4 Sisé

No conto *Sisé*, Josefina Plá constrói a personagem de ficção como representação da índia explorada e marginalizada desde o período colonial. Por meio dessa representação, a autora retrata a submissão e a humilhação da indígena pelo homem branco, o colonizador.

Muriac, citado por Antonio Candido (1995, p. 67) afirma que “[...] as personagens não correspondem a pessoas vivas, mas nascem delas”. Dessa maneira, Josefina Plá cria a personagem *Sisé*. Em 1953, *Sisé* foi criada por Plá, para representar a mulher índia, ainda muito explorada no trabalho doméstico, como também abuso sexual, pois os patrões as viam como objeto sexual, porque não as

²⁹ *Toma la pequeña del brazo, violentamente. [...]*
-Papá...
-Yo no soy tu papá.[...]
Con una mano le tapa la boca, con la otra busca sus falditas desteñidas y le pellizca obsceno (PLÁ, 2006p. 47-48).

consideram como *cristianas*, ainda resquícios do período colonial, por não professar a fé do europeu, o catolicismo. Então, Sisé é um ser de papel criada à imagem da mulher índia, calada mesmo com todo o abuso sofrido. Ela, ainda bebê, foi arrancada de sua família e de sua cultura, pois sua mãe foi morta pelo filho do fazendeiro que a levou para a sede da fazenda. Sisé não se comunica na linguagem do branco, porque ninguém a ensinou, pois ela só ouvia gritos e era o tempo todo sacudida, por não compreender o que lhe falavam ou por desobedecer à ordem recebida pelas cozinheiras à mando da patroa.

Logo no começo da narrativa, a pequena índia sofre a primeira violência, ao ser separada de sua mãe, pois o fazendeiro mata sua mãe no milharal. Após a morte da mãe, a pequena índia foi levada para a casa da fazenda. Sisé é tratada como bicho, tendo todos os seus direitos civis e humanos violados. Ao ficar órfã forçosamente, perdeu o carinho da família e, com isso, o direito ao leite materno, sua principal fonte de alimentação:

A senhora olhou-o, cuspiu na lajota:
-Uma mulher. Podias ter tido melhor olho. [...]
A cozinheira chegava com o mate de pesada prata (a cuia de prata).
Entregou-o à patroa, logo levantou a criança, olhou-lhe a boca como um animalzinho.
-No máximo, um ano.
Deixou- no chão, e foi buscar outro mate. Quando voltou:
-Tem de tomar leite, senhora, esses mamam até tarde.
A velha fez um gesto de desprezo, entre duas chupadas:
Quem vai perder tempo com isso?
-Eu o darei. Eu cuidei do porquinho órfão, lembra? (PLÁ, 2006, p. 50).³⁰

Assim, a cozinheira trata a menina como se estivesse criando um animal, chegando a amamentar a indiazinha com a mesma mamadeira com que dava leite aos porquinhos órfãos; a velha cozinheira pouco fala com a criança, por isso ela não aprende a falar, a comunicar-se, pois sempre a trataram como um animal de estimação.

³⁰ *La señora lo miro, esculpió en el solado:-Una cuñá. Podías haber tenido mejor ojo. [...]
La cocinera llegaba con el mate de pesada plata. Lo entregó a la patrona; luego alzó a la criatura, le miró la boca como un animalito.
-Un año, a gatas.
Lo dejó en el suelo, y se fue a buscar otro mate. Cuando volvió:
-Tiene que tomar leche, la señora, estos maman hasta tarde.
La vieja hizo un gesto desdenioso, entre dos chupadas:
-¿Quién va a perder tiempo en eso?
-Yo lo daré. Yo cuidé el chanchito guacho, ¿te acordás, pa? (PLÁ, 2006, p. 50).*

Na adolescência, não só o patrão a vê como objeto de desejo como também os peões da fazenda, pois a menina ainda andava desnuda, tendo à mostra seus órgãos genitais. No entanto, para ela era natural andar desnuda, não via imoralidade, como para os brancos, principalmente, para a Igreja Católica

Após a morte da antiga cozinheira, chega à fazenda uma nova cozinheira para substituí-la. Com essa nova cozinheira, aumenta o processo de violência física contra Sisé; além de gritar com a menina, ela a sacudia de forma violenta e, por isso, Sisé começa a fugir. Até que um dia seu patrão a violenta brutalmente e, além de impedir que a menina grite, tapando-lhe a boca, passa a abusar sempre da menina até a chegada dos filhos universitários da capital. Todos abusam da menina, menos o neto do fazendeiro, o único que a respeita. Terminadas as férias dos rapazes, esses retornam os estudos. E não demorou muito a começar a aparecer a barriga de Sisé: ela estava grávida. No entanto, na sua inocência, não sabe que o está, achando engraçado na barriga que está crescendo. Será essa gravidez precoce que a levará à morte.

Convém esclarecer que um fator relevante na constituição da sociedade paraguaia ocorreu com a chegada dos espanhóis, quando a mulher guarani se converteu em “mulher paraguaia”. No entanto, “[...] essa incorporação ao sistema hispano-paraguaio foi feita pela porta de serviço” (MELIÀ, 1997, p. 79-80), pois, na sociedade guarani, a mulher tem função distinta do homem, sendo essa função ensinada e aprendida desde menina.

De acordo com Meliá (1997), na sociedade guarani, cabe à mulher o cuidado da casa e dos filhos; ao homem, preparar a terra. É também responsabilidade da mulher a plantação da semente e a colheita dos frutos, como também buscar água no rio. Ao retornar para casa, o marido vai à frente, a mulher segue atrás, com o cesto da colheita.

No período colonial, a mulher guarani era dada pelos pais como esposa, mas isso não era o que os espanhóis desejavam. Eles as queriam para os afazeres domésticos e para o serviço da roça. Para eles, também era viável ter várias esposas indígenas, pois era sinônimo de riqueza (Ibidem, p. 82).

A narrativa retrata o poder do colonizador sobre o colonizado, inclusive na crença, pois Sisé recebe o sacramento do batismo, visto a dona da fazenda não querer nenhum pagão em sua casa. Foi aí que recebeu o nome Sisé, um nome

cristão, mas não tão parecido com os dos outros cristãos: “- *Sisenanda ... Sisé... Eso era. Un nombre cristiano, y sin embargo, no demasiado parecido al de los otros cristianos*” (PLÁ, 2006, p. 51).

Para Bartomeu Melià (1997, p. 86), no período colonial, a mulher existia para servir ao homem. Como citado, era conveniente para os espanhóis ter várias esposas indígenas, pois elas trabalhavam em casa e na lavoura, o que era lucrativo economicamente. As indígenas serviam ao homem; por isso, eram chamadas de “*che serviha*”, uma expressão guarani que significa a “servidora”. Segundo Meliá, ainda hoje, os paraguaios se referem à esposa como “*che serviha*”.

Um dia a cozinheira colocou-lhe na mão a cuia de prata maciça, com uma mão em suas costas e levando na outra a chaleira fervendo, empurrou-a até a galeria, onde a senhora jogada na cadeira de balanço balançava seu chinelo de couro quase encostando o chão. Colocou-a sob as sentadeiras um banquinho um pouco mais alto que o missal da senhora, e disse-lhe: -Agora serve o mate à patroa (PLÁ, 2006, p. 53).³¹

Constatamos a exploração da mão-de-obra infantil da indígena: a cozinheira já a coloca para servir à patroa. Desde cedo, portanto, Sisé é preparada para servir aos patrões, aos colonizadores. Não há diálogo ou qualquer explicação para que faça algo. No fragmento, evidencia-se que a cozinheira a empurrou para servir mate sem muita conversa. Elas estavam ali para servir aos patrões, aos colonizadores; daí, dirigirem-se a elas como “*che serviha*” (Ibidem, p. 85).

Sisé foi criada na cozinha, junto com a velha cozinheira, comendo os restos de seu prato como se fosse um porquinho: “*La criatura sentada en el suelo de la cocina, chupaba un hueso que la cocinera le pasaba del plato*”. Ninguém conversava com ela, só a cozinheira, mas muito pouco. Dessa maneira, ela não entendia muito bem o que os peões falavam, não sabia se estavam falando com ela ou dela:

A cozinheira velha era a única que lhe falava, mas falava muito pouco, entre ela e a criança que aprendia somente a deslizar, como emprestada, naquele mundo incompreensível, só existia a ponte de umas palavras, sempre a mesma, sempre repetidas. (PLÁ, 2006, p. 52).³²

³¹ *Un día la cocinera le puso en la mano el mate de labrada plata maciza; con una mano en su espalda y llevando en la otra la pava hirviente, la empujó hacia el corredor, donde la señora echada en la merecedora balanceaba su mugrienta zapatilla de cuero a ras del suelo. Le puso bajo las sentaderas un banquito apenas más alto que le misal de la señora, y le dijo:*

-Ahora serví el mate a la patrona (PLÁ, 2006, p. 53).

³² *La cocinera vieja era la única que le hablaba, pero hablaba muy poco; entre ella y la criatura que aprendía apenas a deslizarse, como de prestado, en aquel mundo incomprensible, sólo existía el puente de unas palabras, siempre la misma, siempre repetidas (PLÁ, 2006, p. 52).*

Após a morte da velha cozinheira, apareceu uma nova, muito mais fechada com a pequena, e que se dirigia a ela aos gritos, também não estabelecendo qualquer comunicação mais íntima. Elas não eram tratadas como seres humanos, mas como bichos, pois, para os europeus, os índios eram animais. Assim, a menina foi crescendo e, numa tarde de chuva, final de primavera, foi chamada pelo patrão ao seu quarto. O patrão, fazendo uso do poder (eis o dominador), tapou-lhe a boca e a violentou brutalmente. Ela ficou muito assustada e pensou que o patrão fosse matá-la, tamanha a brutalidade do ato:

Quando o patrão chamou a Sisé no seu aposento, fechou a porta, pegou-a suspendida pelo braço, jogou-a na cama e desmoronou sobre ela seus oitentas quilos de robusta musculatura e de ossos pesados. [...]

-Índia de mierda, cale-se – e a manteve muda à força durante muito tempo (PLÁ, 2006, p. 55).³³

Mais uma vez, constata-se o poder do colonizador sobre o colonizado, pois o dominador violentou a menina sem piedade. A colonizada não tem voz, é submissa ao poder do seu senhor: “*Índia de mierda, callate*”. No entanto, essa situação não ocorre com a mulher branca e o índio, pois, segundo o antropólogo Melià (1997), o colonizador tem direitos sobre as mulheres indígenas, mas o contrário não, pois “[...] o índio não tem direito sobre a mulher espanhola, não pode desposar a mulher branca” (p. 86). Ou seja, é uma via de mão única, na qual o poder hegemônico do colonizador prevalece sobre o colonizado.

Neste capítulo, tratamos da leitura dos quatro contos do livro *La Pierna de Severina* para estudo nesta dissertação, explanando as histórias das mulheres excluídas da sociedade paraguaia, representadas por meio de personagens de papel criadas por Plá. No próximo capítulo, trataremos da posição de subalternidade dessas mulheres no decorrer dos contos.

³³ Cuando el patrón llamó a Sisé a su pieza, cerró la puerta, la tomó en vilo del brazo, la echó en la cama y desplomó sobre ella sus ochenta kilos de musculatura recia y de huesos pesados. [...] -Índia de mierda, callate – y la mantuvo muda a la fuerza durante mucho rato (PLÁ, 2006, p. 55).

3. AS PERSONAGENS SUBALTERNAS DE JOSEFINA PLÁ

Neste capítulo, nosso propósito é discorrer acerca da subalternidade das personagens femininas nos quatro contos analisados no livro *La Pierna de Severina*. Assim, para esta discussão, valemo-nos especialmente dos estudos sobre a subalternidade, com a contribuição de John Beverley (2004), Walter Mignolo (2003) e da indiana Gayatri Chakravorty Spivak (2010).

Na narrativa de Plá, constatamos a representação da violência praticada contra as mulheres, crianças, índios, enfim, contra a população de classe mais baixa da sociedade paraguaia por sua posição de inferioridade, de subalternidade. Para Spivak (2010), o termo subalterno, resgatado de Gramsci, é atribuído ao se referir ao “proletariado”, ou melhor, “àquele cuja voz não pode ser ouvida”. Plá expõe, nos seus contos, a imagem das “camadas mais baixas da sociedade constituídas pelos métodos específicos de exclusão dos mercados, da representação política e legal, e da possibilidade de se tornarem membros plenos no estrato social dominante” (SPIVAK, 2010, p. 12).

Para Beverley (2004, p. 23), “[...] os estudos subalternos tratam sobre o poder, quem tem e quem não o tem, quem está ganhando e quem está perdendo”. Diante disso, propõe uma nova maneira de produzir conhecimento, como também cuida da dificuldade de representar o subalterno nos discursos disciplinares dos intelectuais

Assim, Beverley compartilha com Spivak certa definição do conceito do subalterno: “[...] se o subalterno pudesse falar, isto é, falar de uma forma que realmente nos intime, então, ele deixaria de ser subalterno” (BEVERLEY, 2004. p. 23), porque, a partir do momento que o sujeito produz práticas discursivas, o sujeito deixa de ser subalterno.

Já o teórico Walter Mignolo (2003, p. 14-21) apresenta projetos que contribuem para a recuperação das “[...] histórias locais como produtoras de conhecimento que desafiam as histórias e as epistemologias globais”, pois tais produções são encontradas somente na língua inglesa. Também critica a colonialidade do poder e o longo processo de subalternização do conhecimento; sugere, diante disso, a emergência de novos “[...] loci de enunciação”, descritos

como 'gnose liminar', que é a razão subalterna pleiteando a afirmação dos saberes historicamente subalternizados.

Assim, a discussão discorre em torno da posição do sujeito subalterno, do seu lócus de enunciação, demonstrando, por meio da narrativa de Plá, que num país periférico como o Paraguai é possível produzir conhecimentos, desafiando o pensamento dos países hegemônicos de que quem está às margens, nas periferias, não formula discurso teórico, nem produz conhecimento.

3.1 Mulher e subalternidade

Apresentamos a posição de subalternidade na América Latina, sobretudo, no Paraguai. Historicamente, os países latino-americanos estiveram sob o domínio dos impérios espanhol e português a partir da expansão marítima, durante o século XVI até o início do século XIX.

Segundo Ribeiro (2007), com a expansão ultramarina, constituiu-se um novo processo civilizatório, lançando-se sobre todos os povos em ondas sucessivas de violência, de cobiça e de opressão. Para Bonnici (2009), a civilização europeia moderna considerava-se mais desenvolvida, convencendo-se de sua superioridade cultural e intelectual diante dos ameríndios, e também diante de outros povos, além da inferioridade das mulheres. Tal superioridade obrigava os europeus a "civilizar", a "ensinar" esses povos das margens, sobretudo, os ameríndios da América Latina, considerados um povo sem cultura, não letrado e selvagem.

De acordo com Cardozo (2011), com a vinda dos espanhóis às terras paraguaias, os conquistadores se depararam com uma cultura muito diferente das suas. Diante disso, as opiniões se dividiam. De um lado, o padre Bartolomé de las Casas, e de outro o historiador Gonzalo Fernández de Oviedo;. enquanto o primeiro considerava os índios inocentes, sem maldades, submissos, pacientes, pacíficos e virtuosos, para o segundo, eram um povo inferior e não aceitavam os hábitos e os costumes dos civilizados. Assim, ao contrário de las Casas, para Fernández de Oviedo, os índios eram preguiçosos, pervertidos, enganadores, folgados, idólatras e sensuais demais. Imagetivamente, o choque cultural se deu pela naturalidade como a nudez era tratada pelos indígenas. Fernández de Oviedo segue com as

indagações acerca da cultura desconhecida e a não aceitação da diferença do “outro”, questionando:

O que se pode esperar de um povo, cujos crânios são tão densos e duros que os espanhóis tem de ter cuidado no combate ao atingir-lhes a cabeça para que suas espadas não embotem? (FERNÁNDEZ DE OVIEDO *apud* CARDOZO, 2011, p 39).³⁴

Essa era a visão do conquistador ao se deparar com uma civilização tão diferente daquela do Velho Mundo. O habitante do Novo Mundo seria um povo sem cultura, inferior, selvagem, sem alma; por isso, destinado a ser escravo do povo civilizado, detentor do conhecimento, como os europeus.

Na narrativa de Plá, constatamos a representação da violência e dos maus tratos desde a pequena índia até a mulher mutilada: é uma herança do poder do colonizador e a crença na superioridade de sua civilização, constituindo todo um imaginário europeu. Diante disso, eles se acham no direito de civilizar o colonizado; impondo-lhe sua cultura e sua crença; por isso, perseguiram e apresavam os ameríndios para trabalhos forçados os homens na extração mineral e na agricultura; as mulheres na colheita dos frutos, na cozinha e também sendo abusadas sexualmente pelo branco, pois não havia mulheres brancas no Novo Mundo. Segue um fragmento do conto “Sisé” para constatar o maltrato do habitante natural do Novo Mundo:

Chegou uma nova cozinheira, uma mulher magra, bigoduda, impaciente, que gritava com Sisé, a sacudia a cada momento como se fosse um pano de prato. [...]
Mas a patroa já não tomou mais o mate nem balançou mais o chinelo dependurado no dedão do pé, na galeria. Nem voltou a bater na Sisé. Outros batiam nela com ordem da patroa. Com o chicote. Menos a cozinheira, que batia com o galho de *typycha jhú* para que se lembrasse (PLÁ, 2006, p. 54-55)³⁵.

A representação da violência sofrida pela índia é a imagem da violência contra a colonizada, enquanto a autora da violência representa o colonizador. A

³⁴ *Qué puede esperarse de una gente cuyos cráneos son tan gruesos y duros que los españoles tienen que tener cuidado en la lucha de gopearlos en la cabeza para que sus espadas no se emboten?* (FERNÁNDEZ DE OVIEDO *apud* CARDOZO, 2011, p 39).

³⁵ *Vino La cocinera nueva, una mujer flaca, bigotuda, impaciente, que gritaba a Sisé la sacudía a cada paso con si sacudiera el trapo de cocina. [...]
Pero la señora ya no tomó más el mate no balanceó la zapatilla colgada del dedo gordo del pie, en le corredor. Ni volvió a pegar a Sisé. Le pegaban otros por orden suya. Con el talero. Menos la cocinera, que le pegaba con una ramita de *typychá jhú* para que recordase.*

patroa ficou acamada, no entanto, a garota recebia surra de outros. Já a cozinheira, além das sacudidas, batia-lhe com o galho da erva “*tepychá jhúm*”, que, no Paraguai, é usada para fazer vassoura para varrer chão batido ou para tirar a brasa do “*tatacuá*” (forno a lenha). De acordo com a crença popular, essa erva acalma a criança.

No Brasil, os índios e os escravos africanos também sofreram violência física, não só os homens mas as mulheres negras. Estas, além da violência física, sofreram também com os abusos sexuais praticados pelos seus senhores, uma prática comum no Novo Mundo. Monteiro Lobato retrata essa violência contra os negros no Brasil no conto “Negrinha”, que está no livro de mesmo título:

O corpo de negrinha era tatuado de sinais, cicatrizes, vergões. Batiam nele os da casa todos os dias, houvesse ou não houvesse motivo. Sua pobre carne exercia para cascudos, cróces e beliscões a mesma atração que o ímã exerce para o aço (LOBATO, 1948, p. 5).

Salientamos que nas duas obras – a de Plá e a de Lobato – é marcante a representação do poder colonial. Segundo Mignolo (2003), é o imaginário remanescente do sistema mundial colonial e também moderno. Assim, tanto o índio como o negro apresado na África devem executar as tarefas impostas a eles, sendo forçados à escravidão. A posição de subalternidade dos povos latino-americanos vem desde o período colonial, com a ocupação da terra, com os primeiros explorados pelos europeus. De uma forma análoga, aconteceu com o africano trazido para o Novo Mundo, a fim de suprir a falta de mão-de-obra na América Latina, como no Brasil e no Caribe.

Assim, o “eurocentrismo” originado no Renascimento tornou-se uma metáfora para descrever a colonialidade: um período de conquistas e também de conflitos coloniais internos; de disputas pelo poder entre os países europeus: Espanha, Portugal, Inglaterra e Holanda, no final do século XVII. Tal conflito levou à decadência os impérios espanhol e português. Emergiram os impérios britânico, francês e holandês, alicerçados no Iluminismo.

Ressaltamos, ainda, a contribuição do cristianismo para a expansão ultramarina européia, pois os conquistadores recebiam apoio da Igreja Católica, para catequizar o povo pagão. Assim, os ameríndios eram forçados a reconhecer e a adorar um outro deus e a professar a fé do branco. Para o conquistador europeu, o ameríndio não tinha alma, por isso, o tratava como bicho, um selvagem. Além da

imposição do catolicismo, a resistência à exploração das riquezas da terra dizimou várias tribos na Mesoamérica, como os impérios bastante desenvolvidos dos astecas, dos incas e dos maias, e outras mais primitivos na América do Sul.

Segundo Ribeiro (*apud* MIGNOLO, 2003), os ameríndios, além da privação de suas riquezas, também sofreram com a imposição de que fossem inferiores do ponto de vista racial. Como vimos nas duas passagens acima, Plá retrata os maus tratos sofridos pela mulher indígena na sociedade paraguaia, por sua posição de subalterna, bem como Lobato, que retrata a subalternidade de Negrinha, filha de uma escrava negra, mesmo após a abolição da escravidão; vimos que, no Brasil, ainda persistiam o preconceito, os maus tratos, a exploração da mão-de-obra e os açoites.

Convém lembrar que, juntamente com a expansão marítima, surgiu o princípio do sistema capitalista moderno dos câmbios econômicos. As colônias eram vistas como fontes de matérias-primas para o sustento da metrópole, e os ameríndios lhe serviam como mão-de-obra escrava. No Paraguai, existia um sistema, “*Las encomiendas*”³⁶, e no Brasil, os “Bandeirantes”³⁷, com a perseguição e o apresamento de índios. As terras do Novo Mundo precisavam desenvolver-se economicamente, mas não havia trabalhador branco, por isso, submeteu-se o índio à servidão.

³⁶ “La encomienda”: Se empleo el sistema en el Paraguay colonia, después se difundió por todo el continente americano. Por la encomienda el indio debía entregar un tributo al encomendero pero no podía hacerlo en la mayoría de los casos, debía suplirlo con su trabajo personal. El indio era encomendado al conquistador, Debía obedecerlo y servirlo dentro de las disposiciones legales, no podían mudarse de sus casas o pueblos, no podían contratar con extraños. En cambio, el encomendero tenía que instruirle e informarle de las cosas de la fe (CHAVES, 2001, p. 61)

“La encomienda”: Um sistema empregado no Paraguai colonial, depois se difundiu por todo o continente americano, antes desse sistema, os colonizadores escravizavam os índios, pois os consideravam seus escravos, visto que se consideravam povos civilizados, por isso a posição indígena era de escravo. Com a implantação do sistema de “La encomienda”, o índio devia entregar um tributo ao “encomendero”, mas como os índios não tinham condição de cumprir essa exigência, diante disso, deve cumprir esse tributo com o seu trabalho. O índio deve obedecer e servir dentro das disposições legais; não pode mudar da cidade e nem trocar de casa. O “encomendero” é responsável na instrução intelectual como também na instrução religiosa, o catolicismo” (CHAVES, 2010, p. 61).

³⁷ Os Bandeirantes foram responsáveis pela conquista do interior e extensão dos limites de fronteira do Brasil, para além do limite do Tratado de Tordesilhas, acordo firmado entre Brasil e Espanha com o intuito de dividir a posse das terras do Novo Mundo. Entretanto, os resultados dessas expedições foram desastrosas para os índios, com o bandeirismo de apresamento, pois foram submetidos à escravidão, deslocados e descaracterizados na sua identidade cultural, foram dizimados, tanto pela violência dos colonizadores como pelo contágio de doenças dos brancos, pois os seus organismos estavam desprevenidos de defesas (HOLANDA, 1985, p. 285).

De acordo com Ribeiro (2007), a metrópole retirava da colônia os metais preciosos como ouro e prata, vegetais como pau-brasil no litoral brasileiro, erva-mate do lado paraguaio, mas, também em terra brasileira, aproveitava a mão-de-obra indígena, privando-os de sua riqueza e do fruto de seu trabalho. Assim com a retirada dos metais preciosos, a metrópole mantinha o controle e a manutenção do exército, como também pagava suas dívidas ao império britânico, que estava em ascensão e era detentor do poder econômico.

Lembramos também que, com os conquistadores, vieram os cronistas do rei, para relatar as viagens, como eram as terras do Novo Mundo, a paisagem e seus habitantes. Tanto os cronistas portugueses como os espanhóis revelaram o Novo Mundo à imaginação europeia; nos escritos, estavam os que viviam na América, os ameríndios, descritos como selvagens, desnudos, ingênuos e prontos para a catequese católica (JOSEF, 1989).

No conto “Sisé”, de Josefina Plá, vemos o relato sobre a beleza exótica do Novo Mundo, a nudez, sobretudo, a cor da pele, dos lábios, dos cabelos, dos olhos, enfim, a sensualidade da mulher indígena, pois andar sem roupa era natural para os índios, mas não para o conquistador europeu. A representação da protagonista é descrita com um olhar europeu:

Sisé foi crescendo, como a cor de mel de abelha escura, a pele lustrada como os móveis de jacarandá da sala, as pupilas grandes como duas luas cheias, os lábios roxos, cortados como a flor da bananeira um pouco obscena. [...]
Um belo dia a cozinheira olhou-a de jeito meio desconfiada, fez uma cara e, disse:
-É uma indecência que anda assim. Pois, se vê que já cresceu demais (pubescência).
E jogou pra ela um vestido velho que Sisé amarrou na cintura com uma corda vermelha que encontrou no lixo do pátio (PLÁ, 2006, p. 53-54).³⁸

A visão da cozinheira nos remete à Carta de Caminha, quando é retratada a nudez dos índios diante do imaginário europeu: era uma vergonha estar à mostra o órgão genital, um pecado perante a fé católica. No entanto, para a cultura indígena,

³⁸ *Sisé fue creciendo. La tez color miel de abeja oscura, La piel pulida como los muebles de Jacarandá de la sala, las pupilas grandes como dos lunas grandes, los labios morados, como cortados en la flor un poco obscena del bananero. (...)
Un buen día la cocinera aquella la miró de reojo, hizo una mueca, y dijo:
-Es una indecencia que vaya así, pues. Ya demasiado se ve lo que crece.
Y le echó entre los brazos un vestido viejo suyo, que Sisé se ató a la cintura con una piolita encarnada que encontró entre las basuras del patio (PLÁ, 2006, p. 53-54).*

andar desnudo não ofendia nenhuma instituição, pois essa concepção ainda era desconhecida para eles. Leiamos o que diz a Carta de Caminha:

Ali andavam entre eles três ou quatro moças, bem moças e bem gentis, com cabelos muito pretos e compridos pelas espáduas, e suas vergonhas tão altas, tão cerradinhas e tão limpas das cabeleiras que, de as muito bem olharmos, não tinham nenhuma vergonha (Carta de Pero Vaz de Caminha *apud* Roncari, 2002, p, 35).

Notamos, em ambos os fragmentos, a visão do europeu ao se deparar com a nudez das índias. Em “Sisé”, a garota está na puberdade, com o órgão genital exposto, já com pelos, o que choca a cozinheira. Diante disso, jogou-lhe um vestido velho para cobrir suas “vergonhas”. Segundo Roncari, na Carta de Caminha, o cronista descreve as índias, referindo-se às moças muito jovens, como Sisé, na puberdade e com suas “vergonhas” à mostra. Há também a exaltação da cor dos olhos, que são negros, os cabelos negros brilhosos e perfumados, a pele morena, muito limpa, pois, ao contrário dos índios, os europeus não estavam acostumados ao hábito do banho.

Continuando nessa trilha, somos levados à leitura das Sagradas Escrituras, ao livro de Gênesis, 3, em “A queda do homem”, em que Adão e Eva tamparam suas “vergonhas” com folhas de figueira, pois ambos comeram o fruto da árvore proibida e passaram a ter consciência de sua nudez, envergonhando-se diante de Deus e escondendo-se ao ouvir a voz dEle; pela desobediência, Adão e Eva foram expulsos do paraíso.

O Novo Mundo chega à soberania motivado pela independência da colônia inglesa na América do Norte, que a obteve frente a um império em ascensão, pois a Inglaterra estava em pleno crescimento de seu domínio territorial e econômico no mundo. Isso despertou a América Latina – e também a influência do Iluminismo e da Revolução Francesa – a lutar pela conquista de sua independência dos impérios espanhol e português, já em decadência. Porém, houve também, posteriormente, os momentos em que a América Latina passou pelo domínio da Inglaterra e dos Estados Unidos da América do Norte, ou seja, os países latino-americanos, embora independentes, não se libertaram do poder colonial (JOZEF, 1989). Esta, porém, é uma preocupação que não faz parte da dissertação.

Dentro do contexto histórico do Paraguai, a mulher no país é duas vezes subalterna. Além dos resquícios do patriarcalismo do período colonial, ressaltamos

que, na sociedade guarani, a mulher é a portadora do cesto, é ela quem recolhe os frutos do campo. Nessa sociedade, há uma função específica para a mulher e para o homem. Assim, cabe à mulher servir ao marido, por isso, até hoje, a expressão de “*Che serviha*”³⁹ para dirigir-se à sua esposa (Melià, 1997).

No conto “La mano en la tierra”, também de autoria de Josefina Plá (1996), a protagonista Úrsula é a mulher indígena que foi entregue ao espanhol Dom Blas. Ela lhe foi dada como prenda pelo próprio pai, um cacique emplumado, a fim de zelar pela aliança e pela amizade, um costume dos guaranis. Segundo Spivak (2010), a questão da mulher é problemática em qualquer sociedade, e na sociedade paraguaia ainda mais. Sendo assim, ser pobre já é um problema, ser índia é duplicar a subalternidade, porque as índias não produzem um discurso próprio, ou melhor, elas são a voz de um povo silenciado pelo poder colonial e patriarcal. Mesmo que queira falar, sua voz não será ouvida. Vejamos o comportamento de Ursula:

Aos pés da cama, Ursula de cócoras masca seu tabaco, Seus movimientos são mínimos e precisos. Fazia menos barulho que a brisa no pasto, lá fora. O “typoi” aberto do lado deixa de vez em quando à mostra os seios acobreados/bronzeados, volumosos e alongados como certos frutos nativos. Quantos anos tinha Ursula? ... Cinqüenta?... Talvez menos. Tinha doze apenas quando, (Dom Blás) meio invaidecido, meio risonho, a recebeu entre o rebanho como dote do casamento oferecido por um emplumado cacique como prenda de aliança e união (PLÁ, 1996, p. 16).⁴⁰

A mulher servidora, “*Che serviha*”, conhece como espaços preferenciais a cozinha, o milharal para jogar o lixo, o quarto dos senhores, pois a função da índia é cuidar da casa e do que há dentro dela. Como a etnia indígena é a principal responsável pela formação do povo paraguaio, com a chegada dos espanhóis, houve intercâmbios culturais. Assim, para Cardozo (2011), o índio guarani recebeu, além do ensino religioso, muitos hábitos e formas culturais do espanhol, como o uso dos metais, das armas de fogo, a organização política, as vestimentas, pois, como vimos, eles não tinham o hábito de vestir-se. Mas o espanhol também incorporou vários hábitos e modalidades indígenas, como: dormir na rede, alimentos, bebidas,

³⁹ *Che serviha: em português que dizer minha servidora.*

⁴⁰ *A los pies de la cama, Ursula masca su tabaco. Sus movimientos son mínimos y precisos. Hace menos ruido que la brisa en el pasto, afuera. El typoi abierto a los costados deja ver por momentos los pechos de cobre, voluminosos y largados como ciertos frutos nativos. ¿Cuántos años tiene Ursula?... ¿Cinqüenta?... Quizá menos. Doce tenía apenas cuando, mitad rijosos, mitad risueño, la recibió de entre el rebaño núbil ofrecido por un empenachado cacique como prenda y de unión.*

sobretudo, a língua, que se converteu no único modo de comunicação verbal, um traço cultural característico da amálgama hispano-guarani.

Para esse processo de intercâmbio cultural, valemo-nos do conceito de aculturação de Ortiz (*apud* MIGNOLO, 2003). Para ele, a transculturação é um fenômeno que ocorre quando um grupo social recebe e adapta as formas culturais que provêm de outro grupo. Esse processo pode ocorrer sem conflitos ou com tensão, pois é processo de transição de uma cultura para outra e “[E]ntre todos os povos a evolução histórica sempre tem significado um câmbio vital, de uma cultura ou outra, em ritmos que variam do gradual ao repentino”⁴¹ (ORTIZ *apud* BEVERLEY, 2004, p. 78). Diante dessa assertiva de Ortiz, não só a história do Paraguai, mas de todos os países latino-americanos sofreu esse processo.

No contexto histórico do Paraguai, a questão da subalternidade é significativa, pois o sujeito dos países que foram colonizados encontra-se, hoje, na sua maioria na condição de periféricos. Sendo assim, é passada a eles a ideia de que alguém precisa representá-los, falar sobre ele e por ele, sobretudo, no discurso acadêmico.

Dessa maneira, nas leituras dos contos de Josefina Plá, constatamos a representação da mulher paraguaia, da classe mais baixa dessa sociedade, mulher pobre, analfabeta, deficiente física, indígena. Por meio dessas personagens, a autora expõe a imagem da sociedade, sobretudo, em posição de subalternidade, pois ela se posiciona como intelectual e cria espaço para a representação dos subalternos num país periférico.

3.2 A subalternidade das personagens femininas nos contos de *La Pierna de Severina*

Durante as leituras do livro “*La Pierna de Severina*”, a autora apresenta-nos, por meio das personagens, a representação feminina em situação de subalternidade na sociedade paraguaia, todas em situação de dor e de sofrimento, situada às margens da margem. Para Achugar (2010), o Paraguai está situado na América Latina, uma periferia, diante disso, um país situado na periferia da periferia.

⁴¹ [E]ntre todos los pueblos la revolución histórica siempre ha significado un cambio vital, de una cultura u otra, en ritmos que varían de lo gradual a lo repentino (ORTIZ *apud* BEVERLEY, 2004, p. 78).

Segundo as proposições de Spivak (2010), podemos dizer que essas mulheres se encontram em condição de subalternidade. Diante disso, elas carecem de alguém que as represente, que fale sobre elas e por elas, especialmente, no discurso da academia.

Josefina Plá escreveu no Paraguai, refletindo a partir da periferia, com presença marcante dos excluídos e dos subalternos, pois as protagonistas de suas narrativas são mulheres marginalizadas, de uma classe inferior, os subalternos. Para Mignolo (2003), ninguém é excluído porque é pobre, entretanto, empobrece porque é excluído.

Assim – e aqui podemos pensar também nas obras de Augusto Roa Bastos – nos contos de Josefina Plá, nos deparamos com várias denúncias sociais. Por meio de suas personagens, tanto Plá quanto Roa Bastos nos apresentam a imagem da história e da sociedade paraguaia, de um país destruído pela Grande Guerra (1870), pela Guerra do Chaco e por conflitos internos. Suas denúncias estão presentes em *Hijo de hombre* (1960), de Roa Bastos, e em *La Pierna de Severina* (1983). São narrativas que expõem a face violenta da sociedade paraguaia, de um povo que luta para sobreviver, para chegar ao progresso e pleitear uma sociedade mais justa.

Segundo Chiavenatto (1979), a Grande Guerra (1864-1870) foi manipulada por interesses estrangeiros, por motivos econômicos. Tal conflito deixou muitas mortes. Os donos do poder paraguaios não tiveram escrúpulos em enviar crianças para combater contra os brasileiros, assim como os brasileiros não tiveram qualquer pudor em matar as crianças. Por isso, Chiavenatto designou aquela Guerra de “genocídio americano”.

Voltando às narrativas de Plá e de Roa Bastos, os autores retratam o pós-Grande Guerra, a exploração da mão-de-obra na extração da erva-mate, as revoltas dos sem-terras, as ideias e as lutas pela liberdade, além do contato entre os mestiços e os índios, como também entre línguas espanhol e guarani. Assim, esse contato das línguas tanto identifica o Paraguai como o diferencia dos demais países da América Latina, pela particularidade do bilingüismo e também pela mistura do guarani e do espanhol no “*jopará*”, expressão marcante nas narrativas de Plá e de Roa Bastos.

Na obra de Roa Bastos *Hijo de Hombre* (1990), o narrador Miguel Vera lembra sua infância e a história de Macario Francia, um velhinho, filho de Pilar, ex-

escravo do ditador paraguaio, Dr. José Gaspar Rodríguez de Francia, e de como os relatos de Macário encantavam a Miguel e às demais crianças. O velhinho gostava de contar as histórias do tempo de Francia, *El Supremo*, porém o contador de histórias suavizava o horror do tirano:

Escutávamo-lo com calafrios. E seus silêncios falavam tanto quanto suas palavras. O ar daquela época inescrutável nos chamuscava o rosto através da boca do velhinho. Sempre falava em guarani. A entonação suave da língua indígena tornava agradável o horror, o colocava no sangue. Ecos dos outros ecos. Sombras de sombras. Reflexos de reflexos. Não a verdade, quiçá dos feitos, mas sim, seu encantamento. (ROA BASTOS, 1990, p. 21).⁴²

Além das histórias do tempo de Francia, também contava a do sobrinho Gaspar Mora, um criador de instrumentos musicais que adoece, contraindo a doença de Lázaro, a lepra. Isso o levou ao isolamento, ao refúgio para fora da cidade, pois é uma doença temida por todos, desde a época de Cristo, por ser contagiosa. Diante disso, Gaspar perde contato com as pessoas, só a chipera María Rosa mantém relações com o leproso. Após a sua morte, encontraram um Cristo de madeira, esculpido à semelhança de Gaspar, como um leproso. Isso gerou polêmica, pois Macário carrega o “Cristo leproso” até a Igreja da cidade. No entanto, o padre rejeita o “Cristo leproso”, não permitindo sua entrada na Igreja, alegando: “É a obra de um leproso – disse o padre – Tem perigo do contágio. A Casa de Deus deve estar sempre limpa” (ROA BASTOS, 1990, p. 40)⁴³.

Já no conto “La Pierna de Severina”, a protagonista almeja ser uma “Filha de Maria”, mas falta-lhe uma parte da perna. Diante disso, a Igreja Católica não permite a realização do desejo: “Uma Filha de Maria com uma muleta nas procissões não pode ser. E logo, para o trabalho... Não, não é possível” (PLÁ, 2006, p. 14-15).⁴⁴

Nas passagens acima nos deparamos como o poder da Igreja Católica e com os padres, seus representantes, portanto, detentores do conhecimento e do poder nas pequenas localidades onde serviam. Na representação dos excluídos, temos

⁴² *Lo escuchábamos con escalofríos. Y sus silencios hablaban tanto como sus palabras. El aire de aquella época inescrutable nos sapecaba la cara a través de la boca del anciano. Siempre hablaba en guaraní. El dejo suave de la lengua india tornaba apacible el horror. Lo metía en la sangre. Ecos de otros ecos. Sombras de sombras. Reflejos de reflejos. No la verdad tal vez de los hechos, pero si su encantamiento. (Roa Bastos, 1998, p. 21).*

⁴³ *-Es la obra de un lazariendo – dijo el cura – Hay el peligro del contagio. La casa de Dios debe estar siempre limpia (Roa Bastos, 1998, p. 40).*

⁴⁴ *Una Hija de María con la muleta a cuestras en las procesiones no puede ser. Y luego, para el trabajo... No, no es posible (PLÁ, 2006, p. 14-15).*

Severina, pobre, iletrada, interiorana, deficiente física; Macário, pobre, velho, filho de um ex-escravo de “*El Supremo*”; e Gaspar, ainda que fosse um artista, também era marginalizado, sendo portador do mal de Lázaro, uma doença, deformadora e contagiosa.

O termo subalterno, apropriado de Gramsci por Spivak, referia-se, inicialmente, ao proletariado, uma categoria cuja voz não era ouvida e, no mais das vezes, era silenciada. Segundo Spivak (2010), o sujeito subalterno não pode falar e, mesmo que fale, não é ouvido: por isso, ele precisa de alguém que fale dele e por ele.

Nas narrativas, podemos constatar a denúncia social, a crítica à sociedade paraguaia, bem como à Igreja Católica, tanto em Roa Bastos quanto em Plá, que expõem a hipocrisia da instituição religiosa. Esta deveria receber e apoiar os fiéis necessitados, carentes e não rejeitá-los como é feito com Gaspar Mora e Severina, ambos excluídos dos ritos em sociedade. Ambos são “imperfeitos” e “impuros”, pois à Severina faltava um pedaço do corpo, e ao outro, além da deformação, poderia contagiar a população. Segundo o padre, a Igreja é o lugar, limpo e saudável, não aceitando a sujeira.

Severina, no entanto, não desistiu, indo até Assunção, a fim de conseguir uma perna artificial; porém sua ida até a capital foi uma grande decepção, pois não conseguiu falar com o embaixador da Argentina, que poderia ajudá-la. Cansada, busca um lugar para abrigar-se da chuva. Encontra um porto seguro, a Igreja de *San Roque*. Como ela, alguns moradores de rua também foram abrigar-se na Igreja. Aqui termina o sonho de Severina: ela foi abusada sexualmente por esses homens. Nem mesmo um dos homens, deficiente físico como ela, teve compaixão pela moça. Os homens não se importaram com sua deficiência; eles queriam uma mulher para satisfazer a necessidade biológica: “-Mas, uma coxa. - Coxa ou perna torta, do mesmo serve” (PLÁ, 2006, p. 22).⁴⁵

O sonho de Severina chega ao fim. Para Spivak (2010), na posição da mulher como sujeito subalterno, não existe um espaço de onde esse sujeito possa falar, porque o subalterno feminino não pode ser ouvido ou lido. Uma mulher em condição de subalternidade, mesmo que fale, não será ouvida. Sua postura diante do que

⁴⁵ -*Es una renga nipo raé.*

-*Renga o retyma caré, lo mismo sirve* (PLÁ, 2006, p. 22).

acontece com ela própria não importa. Diante disso, restou para Severina a dedicação ao *Ñanduti*, afinal, essa é a função que a Igreja quer que ela exerça.

No conto “La Vitrola”, a protagonista Delpilar desde cedo é obrigada a fazer os serviços domésticos na casa de dona Fausta, mas a garota detestava os afazeres domésticos; não se interessava pelos estudos, tinha dificuldade no aprendizado, gostava mesmo era de ouvir a vitrola da casa vizinha, por isso, apanhava de doña Romilda. Nessa narrativa, Plá expõe o poder de Doña Romilda, mãe da patroa. Ela maltrata a menina, não tolera nada, por isso, estava sempre “Xingando, tapas na cabeça, puxões de orelhas e até ponta pés” (PLÁ, 2006, p. 25)⁴⁶, tudo isso gerenciado pela senhora, detentora do poder, em represália à desobediência de Delpilar.

No conto “Negrinha”, de Monteiro Lobato, narrativa da pequena órfã, a filha de escrava, criada por Dona Inacia queria brincar, correr como as outras crianças, mas a “bondosa senhora” não a deixava brincar e, por isso, apanhava e ficava de castigo: “Batiam-lhe sempre, por ação ou omissão. – Sentadinha aí, e bico, hein? - Braços cruzados, já, diabo!” (LOBATO, 1948, p. 4).

De acordo com as assertivas de Beverley (2004), podemos constatar, nas duas passagens, que o poder está nas mãos das patroas, representantes das elites. Assim, vemos crianças maltratadas, humilhadas, que não têm direito de brincar como as demais, por uma condição de subalternidade herdada de seus ascendentes indígenas e negros.

Voltemos ao conto “La Vitrola”. Delpilar, já adulta, como não aprendeu a ler e a escrever, passou a trabalhar como doméstica: cozinhava, lavava roupas nas casas alheias, como também vendia verduras e ovos pelas ruas do bairro para seu sustento. Após a Guerra do Chaco, no desfile da vitória, conhece Cepí, um rapaz bem mais jovem, forte, com a profissão de pedreiro. Passam a morar juntos, e Cepí construiu um rancho de alvenaria com telhado de palha. Delpilar engravida, ganha a tão sonhada vitrola, nasce a criança e então resolvem legalizar a união, mas o casamento não se realiza. A autora retrata o relacionamento de uma mulher mais velha com um rapaz bem mais jovem, no entanto, esse relacionamento não durou muito e o casamento não se realiza. Pois, uma tragédia se interpõe nesse final feliz:

⁴⁶ *Retos, acapetés, tirones de orejas, y hasta puntapiés...* (PLÁ, 2006, p. 25).

Cepí adoece e morre. O bebê fica doente, falecendo também. Delpilar, que já era de pouca fala, agora, viúva e sem o filhinho, tornou-se ainda mais tosca, suja e calada.

Nessa narrativa, Plá mostra a imagem do Paraguai depois da Guerra do Chaco, arruinado, destruído, casas saqueadas pelo soldados, povo sofrido, oprimido, pessoas vivendo na indigência. Por isso, Delpilar volta a vender verduras e ovos para seu sustento. Depois foi se desfazendo de tudo, menos dos objetos que lhe traziam lembranças do amado Cepí, como: “[...] a cadeira espreguiçadeira de Cepí. O tecido de seda, os sapatos e a vitrola, evidentemente” (PLÁ, 2006, p. 33).⁴⁷ Diante da situação lastimável, da miséria pela qual Delpilar passa, também a tristeza, a solidão são responsáveis pelo seu sofrimento até a morte.

Assim, Delpilar não concretiza o seu sonho, pois ganha a vitrola de seu amado, mas não consegue ouvir, pois, com a morte do amado, o aparato se cala, nesse sentido, representa a voz silenciada da mulher pobre, oprimida pela sociedade paraguaia e pelo sistema autoritário do país. Delpilar não houve como também não empresta pra ninguém, até que um dia a vitrola caiu ao chão e quebrou a manivela, daí, a sobrinha de Cepí a levou para o concerto, Mas, não a trouxe de volta para Delpilar, assim, a vitrola fica nas mãos de Vicente Carandaó antes mesmo de sua morte, faziam festas ao som da vitrola cobrando ingresso dos homens e, após a sua morte, fica definitivamente com o Carandaó. Agora, o baile passa a acontecer no rancho de Delpilar ao som da vitrola. Pois, dançar ao som da vitrola era um entretenimento para as pessoas da classe mais baixa, como se fosse a televisão para o tempo atual.

A própria Josefina Plá (*apud* GODOY, 1999, p. 55), viúva, sozinha na Espanha, viveu situação semelhante à de Delpilar: como seu esposo recebia uma bolsa, após a morte, suspenderam-na. Seus familiares viviam longe e não havia comunicação rápida como hoje. Ela pediu ajuda ao Cônsul Geral do Paraguai, mas não recebeu nenhum auxílio, pois o país vivia um pós-guerra de miséria. Isso a forçou a vender tudo o que tinha de valor para sobreviver, ficando com uma saia de seda e uma sandália, pois até as meias usadas e os sapatos foram vendidos.

Delpilar perdeu os entes queridos, porém continuou no rancho construído por Cepi, ainda que numa situação muito precária. Sobrevivia com seus animais, com um cachorro tão sujo quanto a dona e um gato preguiçoso, que não caçava os ratos

⁴⁷ “... *la perezosa de Cepí, el corte de seda, los zapatos y la vitrola, por supuesto*” (PLÁ, 2006, p. 33).

que pululavam no quarto Por último, perdeu a vitrola de Cepí para Vicente Carandaó, cunhado dele, que se apossou dela. Tudo isso a levou a uma profunda tristeza, não tendo mais ânimo para nada, adoecendo e morrendo de tristeza e solidão: “Delpilar morreu no domingo anterior ao Carnaval; chegou a hora do enterro, não se achou um centavo para se realizar o sepultamento” (PLÁ, 2006, p. 37).⁴⁸

Negrinha, como Delpilar, teve alguns momentos de alegria na sua vida. À Negrinha, foi negado o direito de brincar, mas com a chegada das sobrinhas de Dona Inacia, finalmente, deixaram-na brincar no jardim com as meninas brancas. Foi lá que ela conheceu e brincou com a boneca loura. Terminadas as férias, as meninas partiram e levaram a boneca. Negrinha caiu numa tristeza semelhante à de Delpilar, que a levou à morte: “Morreu na esteirinha rota, abandonada de todos, como um gato sem dono. Depois, vala comum. A terra papou com indiferença aquela carnezinha de terceira – uma miséria, trinta quilos mal passados...” (LOBATO, 1948, 12).

Nas narrativas referidas, os autores representaram o sofrimento, as privações, a perda de entes queridos, de bens materiais e da própria vida do subalterno. A causa das mortes deu-se pela tristeza, pela solidão, pelo silenciamento. Pensando como Mignolo (2003), elas foram excluídas não porque fossem pobres, mas empobreceram porque foram excluídas. Delpilar, ao morrer, não tinha um centavo para seu enterro. Negrinha morreu abandonada por todos, como um gato.

Em “Siesta”, Plá retrata a exploração da mão-de-obra infantil como também o abuso sexual da criança por um membro da família. María é uma menina que deveria estar em uma sala de aula, no entanto, vive a limpar o chão da casa de sua avó paterna, pois a senhora não admite que a garota fique sem ocupação. Assim, enquanto o suposto pai faz a “siesta”, uma prática comum no Paraguai, Maria vai e vem com o rodo e o pano; esse barulho o irrita, pois não o deixa dormir. Ele grita com a garota.

Partindo de considerações de Guha (*apud* BEVERLEY, 2004), meninas como María, Delpilar e Sisé, todas em idade escolar são tratadas como empregadas domésticas, fazendo o trabalho de um adulto, são sujeitos subalternos femininos que

⁴⁸ *Delpilar murió el domingo anterior al de Carnaval. Cuando tocó enterrarle no se encontró un centavo* (PLÁ, 2006, p. 37).

devem ser resgatados primeiramente como sujeitos da história, para depois se rerepresentar o subalterno como sujeito histórico.

Roa Bastos também retrata a exploração da mão-de-obra indígena no capítulo IV de *“Hijo de Hombre”*. É a vida miserável dos trabalhadores na extração da erva-mate, numa exploração que vem desde o período colonial, porque os conquistadores também escravizavam os índios para essa atividade. Tanto Plá como Roa Bastos trazem em seus escritos resquícios do colonialismo, em que um ser humano é considerado inferior por outro, sendo condenado à escravidão. Leiamos o fragmento:

O canto bilingüe e anônimo falava desses homens que trabalhavam sob chicote todos os dias do ano e descansavam nada mais que na Sexta-feira Santa, como também são despregados apenas por um dia de sua cruz, mas sem ressurreição da glória como o Outro, porque esses cristos descalços e escuros morriam de verdade, condenados e esquecidos (ROA BASTOS, 1990, 108).⁴⁹

Roa Bastos mostra a vida escrava em Tukurú-Pukú, onde os homens e as mulheres trabalhavam como escravos, num lugar silenciado pelo poder colonial, no qual se sobrevivia sem poder falar. As vozes eram silenciadas, abafadas pelos capangas do ervateiro. Para Guha (*apud* BEVERLEY, 2004), a identidade do sujeito subalterno é uma negação, afinal, ele é aquele que não possui nem poder econômico, nem poder cultural, como também não tem uma representação identitária de si mesmo. Diante disso, reiteramos que Guha quer resgatar o subalterno como sujeito da história, sobretudo, de sua própria história, recuperando ou (re)apresentando o subalterno como um sujeito histórico, com “uma identidade” e cuja vontade se constitui em uma prática designada como rebelião.

Em “Siesta”, para retratar o comportamento de Ciriaco, o suposto pai de María, que não a observa, nem a trata como pai, mas com o olhar de um homem desejoso da jovem carne da garota, o narrador o faz imaginá-la como um franguinho novo e muito saboroso: “A menina não era bonita; mas aqueles músculos de franguinho assado que arrebatava o calor do forno” (PLÁ, 2006, p. 42).⁵⁰

⁴⁹ *El cantar bilingüe y anónimo hablaba de esos hombres que trabajaban bajo el látigo todos los días del año y descansaban no más que el Viernes Santo, como descolgados ellos un solo día de su cruz pero sin resurrección de gloria como el Otro, porque esos cristos descalzos y oscuros morían de verdad irredentos, olvidados (ROA BASTOS, 1990, p. 108).*

⁵⁰ *No era tonita la chiquilina; pero aquellos muslos de pollito asado que arremanga el calor del horno... (PLÁ, 2006, p. 42).*

As meninas Maria e Sisé despertam o olhar e o desejo masculino, como a maioria das adolescentes, com um corpo a desabrochar, sobretudo, Sisé, indígena e que anda desnuda, uma prática natural entre os índios. Diante disso, Maria e Sisé passam a ser objeto de desejo para o suposto pai de María, como também para os homens da fazenda onde Sisé mora, principalmente, para o dono da fazenda.

Assim, numa tarde de janeiro, no momento da “siesta”, na ausência de Dona Ceferina, mãe de Ciriaco, este tenta violentar sua própria filha. Mas a garota, assustada, reage à brutalidade do pai:

-Espera um pouco. Venha aqui.

Ciriaco sorriu. Um sorriso sinuoso, malicioso, horrível. Pega a pequena do braço violentamente. Cua e chaleira rolam pelo chão. A boca da garotinha contraiu-se de horror. Acha que vai surrá-la.

-Papai...

-Eu não sou teu pai... [...]

Com uma mão tapa-lhe a boca, com a outra busca-lhe sua saia desbotada e a belisca com obscenidade (PIÁ, 2006, p. 47-48).⁵¹

Ainda em “Sisé”, o dono da fazenda comete o estupro contra a pequena índia numa “siesta”, pois é um momento de descanso para os que podem, para quem detém o poder, pois as pequenas não descansam, sendo obrigadas a fazer os serviços domésticos. Sisé foi molestada pela primeira vez pelo dono da fazenda dessa maneira:

Ao final da primavera, um dia chuvoso, não à noite, mas, durante a “siesta”, à tarde. Quando o patrão chamou a Sisé no seu aposento, fechou a porta, pegou-a suspendida pelo braço, jogou-a na cama e desmoronou sobre ela seus oitentas quilos de robusta musculatura e de ossos pesados. Sisé pensou que o patrão quisesse matá-la: arregalou os olhos, tentou gritar, mas o homem apertou-lhe a boca com sua mão enorme (PLÁ, 2006, p. 55).⁵²

⁵¹ *-Esperá un poco. Vení acá.*

Ciriaco sonrió. Toma a la pequeña del brazo, violentamente. Mate y pava caen al suelo. La boca de la chica se crispa de terror. Cree que va a golpearla.

-Papá...

-Yo no soy tu papá... (...)

Con una mano le tapa la boca, con la otra busca bajos sus falditas desteñidas y le pellizca obsceno (PLÁ, 2006, p. 47-48).

⁵² *Fue al terminar esa misma primavera un día lluvioso, pero no de noche sino de siesta, cuando el patrón llamó a Sisé a su pieza, la echó en la cama y desplomó sobre ella sus ochenta kilos de musculatura recia y de huesos pesados. Sisé creyó que el patrón la iba a matar: desorbitó los ojos, quiso gritar; pero el hombre le apretó la boca con su mano enorme (PLÁ, 2006, p. 55).*

Plá encarna o poder colonial em Ciriaco e no dono da fazenda. Segundo Beverley (2004), o poder está nas mãos de homens como eles e, diante disso, o sujeito subalterno feminino sente-se fragilizado, pois o poder masculino, além de simbóler da violência física, representado pelas mãos enormes do pai e do fazendeiro.

Em “Sisé”, Plá mostra a mulher indígena, Sisé, sujeita aos maus tratos e ao sofrimento calado dessa gente tanto no Paraguai como também no Brasil. Isso vem desde o período colonial. Mostram-se, assim, os resquícios do poder colonial, pois a pequena órfã é tratada como bicho ao chegar à fazenda, sendo rejeitada desde o início pelo fato de ser mulher, pois para a dona da fazenda, se fosse um macho, teria mais serventia do que uma fêmea para o trabalho da fazenda. Diante disso, a cozinheira compromete-se a cuidar da pequena, como já havia cuidado de um porquinho órfão. Por isso, não vê problema em cuidar de uma índia órfã:

E a cozinheira levou a criança à cozinha, deu-lhe leite com a mesma mamadeira do porquinho, mas antes, lavou-a bem, é claro. Manteve-a afastada dos aposentos para que seu choro, ainda que poucas vezes chorasse e tão baixinho, não incomodasse (PLÁ, 2006, p. 50).⁵³

Negrinha, como Sisé, órfã criada também pelo chão da cozinha de Dona Inacia, sofre com os gritos da patroa, pois ela abomina o choro da criança: “Quem é a peste que está chorando aí?” Ela é castigada por tudo, ficando horas e horas de castigo num canto da sala. Sua única distração, também silenciosa, era apreciar o cuco do relógio, seu único brinquedo:

-Sentadinha aí, e bico, hein?
Negrinha imobilizava-se no canto, horas e horas.
-Braços cruzados, já diabo!
Cruzava os bracinhos a tremer, sempre com o susto nos olhos. E o tempo corria. E o relógio batia uma, duas, três, quatro, cinco horas – um cuco tão engraçadinho! Era seu divertimento vê-lo abrir a janela e cantar as horas com a bocarra vermelha, arrufando as asas. Sorria-se então por dentro, feliz um instante (LOBATO, 1948, p. 4).

O choro é uma ação natural numa criança, no entanto, era proibido a Sisé e a Negrinha, assim como elas também não podiam brincar; o direito de ambas era ter

⁵³ *Y la cocinara se llevó la criatura a la cocina. Le dio leche, con la misma mamadera del chanchito, lavándola bien primero, claro. La mantuvo lejos de las piezas, para que su lloro –aunque pocas veces lloraba y tan bajito –no molestara (PLÁ, 2006, p. 50).*

como território o chão da cozinha, porque, para as duas senhoras católicas e “bondosas”, as criaturas sem alma que as recolheram, as meninas não tinham o mesmo direito que as crianças brancas de brincar e de estudar. Assim como Negrinha tinha como distração o relógio cuco da sala, Sisé possuía um brinquedo improvisado pela cozinheira, um chocalho: “E colocou-lhe entre as mãozinhas escuras uma velha lata de café, na qual colocou uns feijões” (PLÁ, 2006, p. 50)⁵⁴.

A pequena Sisé cresceu sem diálogo, ninguém conversava com ela, muito menos lhe explicava algo, não a tratando como uma “*cristiana*”, um termo usado pelo espanhóis ao dirigir-se ao índio, iletrado, inferior e pagão. Só a velha cozinheira, aquela que deu a ela o leite na mamadeira do porquinho, era a única que falava com ela, mas sem muitas delongas ou explicações. Por isso, Sisé não aprendeu a comunicar-se claramente, somente sabia algumas palavras e grunhia outras. As falas de Sisé eram consideradas incoerentes para os moradores da fazenda, semelhantes a um ruído, apenas um balbucio, como um discurso incoerente. Como Sisé não sabia falar a língua dos moradores da casa, dos colonizadores, aprendeu a falar somente o que lhe foi ensinado pela cozinheira.

No conto *La mano en la tierra* (1952), Plá expõe a questão da comunicação entre o índio, o “*mestizo*” e o espanhol, dos filhos do espanhol Dom Blás com a índia Ursula. Os filhos não conseguem comunicar-se com o pai, pois, como Sisé, eles não compreendem bem a língua espanhola, assim como não são bem compreendidos pelos falantes hispânicos. Dom Blás vive há mais de quarenta anos na terra guarani e não se prontificou em aprender a língua da terra de seus filhos. Houve muita resistência por parte de Dom Blás, pois, para ele, a língua guarani tem lá seus segredos e, para manter a posição de superioridade do colonizador, fez manter consigo a hegemonia da língua espanhola.

De acordo com a transculturação proposta por Ortiz (*apud* MIGNOLO, 2003), o processo de transição de cultura, de contato cultural entre grupos ou comunidades diferentes, traz conflitos durante a transição, pois sempre há resistência tanto por parte do colonizador, que permaneceu com sua língua espanhola, por ser hegemônica, quanto do colonizado, com a língua guarani, uma forma de resistência à hegemonia da língua espanhola e que permanece viva até hoje. Não nos esqueçamos de que o Paraguai é um país bilíngue.

⁵⁴ *Y les puso entre las manecitas oscuras una vieja lata de café en la cual había encerrado unos porotos* (PLÁ, 2006, p. 50).

Dom Blas teve sete filhos com duas esposas índias, mas apenas um nasceu com os olhos claros “Olhou-lhe; viu os olhos azuis que parecem um pouco estranho no rosto de pele morena” (PLÁ, 1996, p 22)⁵⁵. E o bebê de Sisé, ainda que natimorto, era de pele clara: “Era um menino de pele bem mais clara que Sisé e com os cabelos ruivos” (PLÁ, 2006, p. 59)⁵⁶. Não se pode negar que houve um intercâmbio biológico e cultural, de onde surgiu o povo paraguaio, o “*mestizo*”. No período colonial, o pai era sempre espanhol e mãe índia, o contrário não acontecia, pois era um processo de mão única.

A presença de Ursula na narrativa de Plá traz uma prática de cordialidade que havia entre os povos no período colonial. Assim, Ursula foi entregue a Dom Blas pelo seu próprio pai, com apenas doze anos de idade, como prenda para zelar pela união entre Dom Blas e seu pai. Outrossim, Blas tomava a índia como esposa à força. Era uma prática de via única, pois só os brancos podiam tomar a mulher índia para esposa, o contrário não.

Segundo Chaves (2010), o silêncio, o andar suave, o falar baixo são peculiaridades da etnia guarani, que se destacam nas atitudes de Ursula:

Aos pés da cama, Ursula de cócoras, masca seu tabaco, Seus movimentos são mínimos e precisos. Fazia menos barulho que a brisa no pasto, lá fora (...)
Move-se pelos quartos, silenciosa e lentamente. (PLÁ, 2006, p. 16).⁵⁷

Quanto à nudez, uma prática natural para os índios, para os europeus, era uma imoralidade, pois as “vergonhas” ficavam à mostra. Sisé cresce como seu povo, sem roupa. Com a morte da antiga cozinheira, chega uma nova cozinheira, muito impaciente, que brigava com a pequena índia o tempo todo. Além disso, escandalizou-se com a sua nudez, uma adolescente que já não podia andar daquele jeito, mostrando suas partes íntimas, tendo providenciado algo para cobrir o copo da menina:

-É uma indecência que ande assim. Pois, se vê que já cresceu demais.

⁵⁵ *Lo mira; ve los ojos azules, que parecen un poco extraviados en el color trigueña del rostro. (PLÁ, 1996, p 22).*

⁵⁶ *Era un varoncito de tez mucho más claro que Sisé y pelambre rojiza. (PLÁ, 2006, p. 59)*

⁵⁷ *A los pies de la cama, Ursula acucillada masca su tabaco. Sus movimientos son mínimos y precisos. Hace menos ruido que la brisa en el pasto, afuera (...)
Se mueve por la pieza, tácita y lenta (PLÁ, 2006, p. 16).*

E a jogou um vestido velho que Sisé amarrou-o na sua cintura com uma corda que encontrou no lixo (PLÁ, 2006, p. 54).⁵⁸

Como dito anteriormente, Maria e Sisé foram molestadas sexualmente. Maria conseguiu fugir do seu agressor; contudo, isso a levou à morte. A pequena índia não consegue fugir do braço forte do dono da fazenda e, mesmo que tivesse conseguido, não iria fugir por muito tempo, pois ele era o colonizador, dono e detentor do poder. Dessa maneira, a pequena Sisé foi agredida brutalmente pelo fazendeiro:

Quando o patrão chamou a Sisé no seu aposento, fechou a porta, pegou-a suspendida pelo braço, jogou-a na cama e desmoronou sobre ela seus oitentas quilos de robusta musculatura e de ossos pesados. Sisé pensou que o patrão quisesse matá-la: arregalou os olhos, tentou gritar, mas o homem apertou-lhe a boca com sua mão enorme (PLÁ, 2006, p. 55).⁵⁹

Tornou-se um hábito para o fazendeiro e para seus filhos universitários, residentes na capital paraguaia, Assunção, abusarem da garota, com exceção do neto do fazendeiro. Acabando-se as férias, todos retornaram a Assunção. E, no final do ano, chega uma nora do fazendeiro e todos começam a montar o presépio, a preparar as comidas natalinas. Ninguém percebe o sumiço de Sisé, pois estava sempre a fugir. Enfim, os empregados saem à sua procura e encontram-na morta com seu bebê, também morto.

Reiteramos que o silêncio, a não reação de Sisé durante e após a agressão, como também as atitudes de Ursula e de seus filhos, é uma peculiaridade do guarani. De acordo com Chaves (2010, p. 20), eles “[...] falam pouco e baixo, não gritam, não se queixam mesmo quando sofrem”. Eles suportam tudo em silêncio, não reclamam, por isso, a garota, após o estupro, foi expulsa do quarto, saindo em silêncio, sem nenhum balbucio: “Sisé limpou-se com a borda do vestido. Não se mexia um músculo do rosto, mas uma lágrima escorria-lhe bochecha abaixo (PLÁ, 2006, 55)⁶⁰. Segundo as proposições de Spivak (2010), o silêncio de Sisé e a morte

⁵⁸ -Es una indecencia que vaya así, pues. Ya demasiado se ve lo que crece. Y le echó entre los brazos un vestido viejo suyo, que Sisé se ató a la cintura con una piolita encarnada que encontró entre las basura del patio (PLÁ, 2006, p. 53-54).

⁵⁹ Cuando el patrón llamó a Sisé a su pieza, la echó en la cama y desplomó sobre ella sus ochenta kilos de musculatura recia y de huesos pesados. Sisé creyó que el patrón la iba a matar: desorbitó los ojos, quiso gritar; pero el hombre le apretó la boca con su mano enorme. (PLÁ, 2006, p. 55).

⁶⁰ Sisé se limpió con el bordel del vestido. No se le movía un músculo del rostro, pero un agua lustrosa le corría mejillas abajo (PLÁ, 2006, p. 55).

sem nenhum balbucio confirmam que o sujeito subalterno não pode falar, pois, no momento da fala, abandonaria a situação de subalternidade.

Neste último capítulo discorreremos acerca da subalternidade das mulheres representadas na narrativa de Plá, comparando-as, em alguns momentos, a textos de Monteiro Lobato e de Augusto Roa Bastos. Tal subalternidade dá-se no contexto histórico do Paraguai, pois, entre outros motivos, ainda há resquícios do patriarcalismo da era colonial. Embora o Paraguai seja um país soberano, ainda é marcante o poder colonial que resiste nele.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Sempre me senti igual ao homem. Por ser mulher sou mais frágil, menos paciente, menos resistente? Por acaso não têm homens também frágeis? São todos atletas, são grandes artistas, ou, grandes escritores? Eu, me vejo sempre, não menos forte que um homem, mas, simplesmente, como um homem menos forte. E, no entanto, senti e sinto-me tão mulher como a que mais, em cada etapa da minha vida. Mas, sem as vendas nos meus olhos que me queiram tirar, ou colocar (PLÁ *apud* GODOI, 1999, p. 78).

*Siempre me sentí igual del hombre. ¿Que por mujer soy más débil, menos paciente, menos resistente? ¿Acaso no hay hombres también débiles? ¿Son todos atletas, son grandes artistas, o grandes escritores? Yo me vi siempre, menos fuerte que un hombre, sino simplemente como un hombre menos fuerte. Y sin embargo me sentí y siento tan mujer como la que más, en cada etapa de mi vida. Pero sin vendas en los ojos que me hayan podido quitar, o poner (PLÁ *apud* GODOI, 1999, p. 78).*

Esta pesquisa apresentou a construção da figura feminina nos contos que compõem o livro *La Pierna de Severina* (2006), de Josefina Plá. No capítulo I, “Mulheres paraguaias”, descrevemos a situação da mulher no Paraguai desde a Grande Guerra (1870), com sua participação na história do Paraguai, nas guerras e na reconstrução do país. Também mostramos a participação e a inestimável contribuição de Plá no desenvolvimento cultural do Paraguai, pois ela deixou legados vários, participando em todas as áreas culturais do Paraguai. Por isso, o povo paraguaio deve-lhe muito.

No Capítulo II, “Os contos de *La Pierna de Severina*”, tratou-se de mostrar as leituras de quatro de suas narrativas: “La Pierna de Severina”, na qual uma mulher interiorana sofre todos os tipos de preconceitos, desde menina, quando teve uma parte da perna amputada. Severina desejava ser “Filha de Maria”, no entanto, seu sonho não se concretizou, por conta do acidente com a perna, mas ela não desistiu. Em seu pleito frustrante, ela foi humilhada, agredida e violentada, chegando ao fim o seu sonho. A subalternidade de Severina a silenciou. Para Spivak (2010), uma mulher subalterna num país periférico não pode falar, por isso, o silêncio de Severina ao retornar à sua cidade após o estupro; volta-se para as teias do *Ñanduti*.

Em “La Vitrola”, Delpilar, segundo a perspectiva de Mignolo (2003), é excluída não porque é pobre, mas porque é empobrecida pelo analfabetismo, pelos maus tratos e pela indolência. Ela morava com uma família abastada, detestava os afazeres domésticos e queria ouvir tocar a vitrola. Ao conhece Cepí, um rapaz bem mais novo, passam a viver juntos. Sofrem vários insultos e preconceito, porém, a

despeito disso, continuam juntos. Logo, Delpilar engravida e Cepí quer oficializar a união, mas o casamento não se realiza, pois o companheiro adoece e morre, assim como o bebê do casal. Delpilar fica sozinha e a solidão, a vida precária e o sofrimento levam-na também à morte. Delpilar é pobre, feia, magra e não é ouvida. Ela gosta de ouvir da vitrola de Dom Pedro, mas parece não querer ser ouvida, como se soubesse da precariedade de sua situação. A vitrola ganhada de Cepí sequer chegou a ser ouvida, pois pertencia a ela, uma mulher sem vez, sem voz.

No terceiro conto, “Siesta”, María, a filha bastarda de Ciriaco, foi entregue pela própria mãe ao suposto pai, para que fosse criada por ele. Nessa narrativa, Plá expõe a exploração e os maus tratos herdados do poder colonial, e mostra um pai molestando sexualmente a própria filha. Na fuga da casa paterna, a pequena é atropelada e morta. Sua salvação é a morte, que abafa definitivamente sua voz.

No último conto, “Sisé”, conhecemos a história da pequena indígena Sisé, que foi criada numa fazenda e tratada como “bicho” desde bebê. Novamente, a exploração, a humilhação e os maus tratos contra a etnia indígena como resquícios do poder colonial vêm à tona. O fazendeiro abusa da pequena com a brutalidade que o poder lhe garante. Sisé é duplamente marginalizada: por ser mulher e por ser índia. Nem o filho, que deu à luz resistiu à subalternidade duplicada da pequena mãe, morrendo num dia de Natal, quando todos na casa do “*patron*” preparam-se para a chegada do menino Jesus.

No Capítulo III, “As personagens femininas de Josefina Plá”, a discussão discorreu acerca da subalternidade das personagens femininas nos quatro contos analisados, do livro “La Pierna de Severina (2006)”. De acordo com os estudiosos da subalternidade, podemos afirmar que Plá posicionou-se como uma intelectual, fazendo reflexões a partir de um “lócus de enunciação”, escrevendo sobre o Paraguai do Paraguai, contrapondo-se ao “eurocentrismo”, ao poder patriarcal e aos resquícios do poder colonial.

Roa Bastos, juntamente com Josefina Plá, mostraram o processo histórico do Paraguai para podermos compreender a situação de subalternidade desse país. Um país como outros países latino-americanos, vivenciando, ainda, os reflexos do poder colonial, pois, com a soberania nacional, não foi extinto o colonialismo.

Josefina Plá questiona a hegemonia do eurocentrismo, a hegemonia dos poderosos, a miséria dos nativos, pois os escritores da periferia rechaçam as formas

abertas ou veladas do colonialismo cultural e político. É preciso que o subalterno produza o seu próprio discurso, com os recursos que têm à mão, e não somente profira fracos ou inteligíveis balbucios.

Apesar da distância cronológica que as separa, Plá compartilha com Spivak a proposição de que, como o sujeito subalterno feminino não pode falar, ele pode ao menos ser representado. Valemo-nos da epígrafe que abre estas Considerações Finais, para comprovar a posição de Plá em suas narrativas: “ela como mulher, só quer uma coisa, tirar as vendas dos olhos”; ela almeja a “conscientização das pessoas”.

Outrossim, como fizeram Josefina Plá e Augusto Roa Bastos, o Paraguai precisa falar sobre e do Paraguai, conhecendo e produzindo saberes sobre si mesmo, assumindo sua soberania cultural e intelectual, e não reproduzindo o que lhe é trazido de fora.

REFERÊNCIAS

- ACHUGAR, Hugo. *Planetas sem boca*. Belo Horizonte: UFMS, 2006.
- BASTOS, Augusto Roa. *Hijo de Hombre*. Buenos Aires: Sudamericana, 1998.
- BEVERLEY, John. *Subalternid y representación*. Madrid: Iberoamericana, 2004.
- BÍBLIA DE ESTUDO ALMEIDA. Tradução João Ferreira de Almeida. Barueri: Sociedade Bíblica do Brasil, 1999.
- BONNICI, Thomas. *Teoria Literária: abordagens históricas e tendências contemporâneas*. Maringá: Eduem, 2009.
- BRAIT, Beth. *A personagem*. São Paulo: Ática, 1993. (Série Princípios).
- CANDIDO, Antonio. *A personagem de ficção*. São Paulo: Perspectiva, 1995.
- CHAVES, Julio César. *Compendio de historia paraguaya*. Asunción: Intercontinental, 2010.
- CHIAVENATTO, Julio José. *Genocídio americano: a guerra do Paraguai*. São Paulo: Brasiliense, 1979.
- CARDOZO, Efraim. *Apuntes de historia cultural del Paraguay*. Asunción: Servilibro, 2011.
- CORVALÁN, Graziella; SILVERO, Teresita. *Análisis da la situación de género en el Paraguay*. Asunción, PY, 2007. Disponível em: <http://www.jica.go.jp>. Acesso em: 26 abr. 2012.
- DICCIONARIO PRÁCTICO DEL ESTUDIANTE. Real Academia Española. Asociación de Academias de la Lengua Española. Barcelona: Santillana, 2007.
- DOURADO, Maria Teresa Garritano. *Mulheres comuns, senhoras respeitáveis: a presença feminina na Guerra do Paraguai*. Campo Grande: Ed. UFMS, 2005.
- DUBY, Georges; PERROT, Michelle. *Escribir la historia de las mujeres*. In: _____. (Orgs.). *Historia de las mujeres en Occidente*. Tradução Teresa Joaquim. Madrid: Taurus, 1992. Disponível em: www.pontemargem.org. Acesso em: 28 dez 2012.
- FERNÁNDEZ, Miguel Ángel. *Cuentos Completos*. Asunción: El Lector, 1996.
- GODOY, Marylin. *Josefina Plá*. Asunción: Don Bosco, 1999.
- HOLANDA, Sérgio Buarque de. *História. A época do descobrimento à expansão territorial*. São Paulo: Fidel, 1985.

JOZEF, Bella. História da literatura hispano-americana. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1989.

LOBATO, Monteiro. *Negrinha*. São Paulo: Brasiliense, 1948.

MAYANS, Antonio Ortiz. *Nuevo Diccionario español-guaraní/guaraní-español*. Buenos Aires: Platero, 1973.

MELIÀ, Bartomeu. *Una nación dos culturas*. Asunción: CEPAG, 1997.

MÉNDEZ-FAITH, Teresa. *Antología de la Literatura Paraguaya*. Asunción: El Lector, 2004.

MIGNOLO, Walter. *Histórias locais / Projetos globais: colonialidade, saberes subalternos e pensamento liminar*. Belo Horizonte: UFMG, 2003.

MOISÉS, Massaud. *A teoria literária*. São Paulo Cultrix, 1987.

_____. *A Literatura Portuguesa em perspectiva*. São Paulo: Atlas, 1994.

OTSUKA, Edu Teruki. *Marcas da catástrofe: experiência urbana e indústria cultural em Rubem Fonesca, João Gilberto Noll e Chico Buarque*. São Paulo: Nankim, 2001

PEIRÓ BARCO, José Vicente. *Literatura y sociedad. La narrativa paraguaya actual (1980-1996)*. Biblioteca Virtual Miguel de Cervantes, 2001. Disponível em: <<http://www.cervantesvirtual.com>> Acesso em: 10 abr. 2012.

PEIRÓ BARCO, José Vicente; RODRÍGUEZ-ALCALÁ, Guido. *Narradoras paraguayas: antología*. Asunción, PY: Expolibro, 1999. Disponível em: <http://www.portalguarani.com>. Acesso em: 15 abr. 2012.

_____. *A Literatura Portuguesa em perspectiva*. São Paulo: Atlas, 1994.

PLÁ, Josefina. *Espanoles en la cultura del Paraguay*. Asunción: Araverá, 1985.

_____. *La Gran Enciclopedia de la Cultura Paraguaya. Cuentos Completos*. Org. y introducción Miguel Ángel Fernández. Asunción: El Lector, 1996.

_____. *La Pierna de Severina*. Asunción: El Lector, 2006.

PLÁ, Josefina; GONZÁLEZ, Gustavo. *Paraguay: El ñandutí*. Disponível em: <http://portalguarani.com> Acesso em 10 abr. 2013.

RIBEIRO, Darcy. *As Américas e a civilização*. São Paulo: Companhia das Letras, 2007.

RONCARI, Luiz. *Literatura Brasileira*. São Paulo: Edusp, 2002.

ROA BASTOS, Augusto. *Hijo de Hombre*. Buenos Aires: Sudamericana, 1998.

SANTOS, Rosana Cristina Zanelatto. Os meandros a representação feminina na tradição judaico-cristã. In: NOLSACO, Edgar Cezar; GUERRA, Vânia Maria Lescano (Orgs.). *Discurso, alteridade e gênero*. São Carlos: Pedro & João, 2006.

SCOTT, Joan. *Gênero: uma categoria útil para análise histórica*. Recife: S.O.S. Corpo, 1991.

SPIVAK, Gayatri Chakravorty. *Pode o subalterno falar?* Belo Horizonte: UFMG, 2010.

SUÁREZ, Victorio V. *Literatura Paraguaya*. Asunción: Servilibro, 2006.

SÜSSEKIND, Flora. *Literatura e vida literária: polêmicas, diários & retratos*. Belo Horizonte: UFMG, 2004.

RODRÍGUEZ-ALCALÁ, Hugo. *Literatura Paraguaya*. Asunción: Comuneros, 1971.

ZOLIN, Lúcia Osana. *Crítica Feminista*. In: BONNICI, Thomas (Org.). *Resistência e intervenção nas literaturas pós-coloniais*. Maringá: Eduem, 2003.

GLOSSÁRIO

Abatí: milho, palavra contida no conto “La Vitrola”.

Abatí socá: socador de pilão, expressão contida no conto “La Vitrola”.

Añambemby: uma demônia, expressão contida no contos “La Pierna de Severina” e “Siesta”.

Mbeyú: tapioca, palavra contida no conto “La Vitrola”.

Cabayú: cavalo, expressão contida no conto “La Vitrola”

Catú: bem, pois, expressão contida no conto “La Vitrola”.

Canguy: debilidade, fraqueza, expressão contida no conto “La Vitrola”.

Canilla poí: perna fina, expressão contida no conto “La Vitrola”.

Che ama: uma expressão carinhosa, expressão contida no conto “La Vitrola”.

Cunã: mulher, palavra contida nos contos “La Pierna de Severina” e “Sisé”.

Cuñado-guaú: cunhado de mentira, expressão contida no conto “La Vitrola”.

Carè: torto(a), torcido(a), coxo, expressão contida no conto “La Pierna de Severina:

Cabayú calesita: cavalo de carrossel, expressão usada para referir-se a uma pessoa explorada por outros, expressão contida no conto “La Pierna”.

Eá: É uma interjeição, indica expressão de espanto: Ah!, Oh!, Puxa! Caramba!, expressão contida no conto “La Vitrola”.

Eyú coápe: vem aqui, expressão contida no conto “La pierna de Severina”

Guaú: não é verdade, palavra contida no conto “La Vitrola”.

Ipöraitépa: Que lindo/a!, expressão contida no conto “La Pierna de Severina”.

Jha é: ele/ela (pronome pessoal/caso reto), expressão contida no conto “La Vitrola”.

Mbeyú: beiju/tapioca, palavra contida no conto “La Vitrola”

Mitá cuñá: garota, expressão contida nos quatro contos.

Mondajhá: ladrão/ladra, palavra contida no conto “La Vitrola”.

Nandí: vazio, palavra contida no conto “La Vitrola”.

Ndé: pronome pessoal: tu/você, pronome contido no conto “La Pierna de Severina”.

Nde: pronome possessivo: teu/tua, seu/sua, contido no conto “Siesta”.

Ndé lo mitá: Ei, pessoal, expressão contida no conto “La Pierna de Severina”.

Nde, mitacuñá-í tepotí: Sua garotinha de merda!, expressão contida no conto “Siesta”.

Nipo: quiçá, talvez, quem sabe, por acaso, poventura, advérbio contido no conto “La Pierna de Severina”.

Nipo raé: “por acaso”, uma expressão que causa surpresa está contida no conto “LA Pierna de Severina” –Es renga nipo raé.

No, py: é uma expressão negativa, expressão contida no conto “La Vitrola”.

Ña: dona, palavra contida nos contos “La Vitrola” e “Siesta”.

Ñandutí: artesanato paraguaio, uma renda, palavra encontrada no conto “La Pierna de Severina”.

Ocai chipá: expressão usada quando se ganha algo novo, causa surpresa (Delpilar ganha seu primeiro vestido novo), expressão contida no conto “La Vitrola”.

Oñemyrú: arranjou um companheiro, expressão contida no conto “La Vitrola”.

Pa: usa-se para formular perguntas, um sufixo usado para substituir o ponto interrogativo

Paí: sacerdote/padre, palavra contida no contos “La Pierna de Severina” e Sisé”.

Paila: frigideira, palavra contida no conto “La Vitrola”.

Pava: chaleira, palavra contida no conto “Siesta”.

Payé: feitiço, palavra contida no conto “La Vitrola”.

Peteí cuñá: uma mulher, expressão conida no conto ‘La Pierna de Severina”.

Picó: usa-se para formular perguntas, substitui o ponto de interrogação, expressão contida no conto “La Pierna de Severina”.

Piiipus (Hurra!): grito de alegria, expressão contida no conto “La Pierna de Severina”.

Poí: fino(a) / delgado(a), adjetivo contido no conto “La Vitrola”.

Puro vyra: de pau (muleta improvisada de galho de árvore), expressão contida no conto “La Pierna de Severina”.

Retyma: perna, palavra contida no conto “La Pierna de Severina”.

Retymá care: perna torta, coxa, expressão contida no conto “La Pierna Severina”.

Typychájhú: erva “guaxuma” é usada como medicamento fitoterápico; no Paraguai é usada para fazer vassoura artesanal para varrer o chão batido e tirar a brasa do forno à lenha, do “tatacuá”, na crença polar, acalma a criança, expressão contida no conto “Sisé”.

Santo ara: aniversário, expressão contida no conto “La Vitrola”.

Veraité: parece de verdade, expressão contida no conto “La Pierna”.

Vyro: bobo, tolo, adjetivo contido no conto “Siesta”.

Virote: bobo, parvo, expressão contida no conto “La Pierna de Severina”, expressão contida no conto “La Pierna de severina”.

Vitrola-cué: ex-vitrola (cué: é um prefixo que indica o que já foi), expressão contida no conto “La Vitrola”.

Vyra: pau, madeira, expressão contida no conto “La Pierna de Severina”.

Yacaré: nome dado ao homem que se encontra à escondida com sua amada, no período noturno, expressão contida no conto “La Vitrola”.

Yety pirú: batata-doce seca, expressão contida no conto “La Vitrola”.

ANEXOS

ANEXO A - CONTO – LA PIERNA DE SEVERINA

Quince años hacía que Severina se movía apenas de aquel rincón de la pieza detrás de la reja. Sentada en su silla baja, que solo abandonaba para, apoyada en una muleta lustrosa por el uso, cumplir con los quehaceres más urgentes, trabajaba todo el tiempo en su ñanduti; porque había que vivir, y daba órdenes a la señora que hacía la magra cocina, lavaba y cambiaba a la vieja tía. Apenas salía a la calle. A misa, los sábados anochecidos a confesarse; los domingos muy de mañana a misa, para que nadie la viese así, bandeándose sobre la muleta.

Y, sin embargo, Severina abrigaba ya, desde antes de lo de la pierna, en lo hondo de su corazón, un royente deseo. Quería ser hija de María. Había deseado con todo el corazón desde pequeña cuando veía a las otras chicas un poco mayores ir y venir desde la iglesia, pasar horas en la sacristía, salir con sus velos blancos en todas las procesiones.

-No has hecho aún la primera comunión. Cuando la hagas, ya veremos.

Severina era, para todo menos para el ñandutí, un poco lerda. Se había retrasado para leer y para aprender el catecismo. Iba a hacer la primera comunión a los once años, cuando la carreta le aplastó la pierna y hubo que cortársela. Cuando quedó sin pierna, naturalmente no hubo caso. Pues una hija de María que no va en la procesión, que no puede trafaguear arriba y abajo de sillas y escaleras, no es eficaz. El viejo señor cura se lo había hecho entender así. Y Severina, sintiendo que el alma se le desmigajaba, había callado. Pero era un renunciamiento que había de renovar todos los días, pues nunca había logrado resignarse de una vez por siempre. Oh, no, nunca se resignaría. Al contrario. A medida que el tiempo pasaba se convencía más y más de que ella había nacido para ser hija de María y que si no llegaba a serlo, su vida no tenía objeto.

Pero aquella pierna que le faltaba, ¡Dios mío!

Desde su pieza en la casa antigua (cuyos corredores daban a la iglesia en mitad de la ancha y desnuda plaza) y en uno de cuyos trascuartos se consumía lentamente sin una queja la anciana tía, Severina miraba ir y venir a las hijas de

María, salir y entrar en la iglesia. Siempre tenían algo que hacer. Que adornar los altares. Que poner flores frescas. Que lustrar los candeleros para tal cual fiesta patronal. Que cambiar y planchar las ropas de altar y cepillar el manto de la Virgen. Y el corazón se le apretaba en una inmensa congoja. Cuando un día al asomarse a su espejo –un espejo tamaño como la palma de la mano y lleno de ojuelos- se vio las primeras arrugas, lloró acongojada. No por la pérdida prematura de su juventud y su alegría - tenía sólo veintiseis años - sino porque comprendió que era ya demasiado vieja para ser hija de María.

Por entonces murió de puro anciano el párroco, Pai Eduardo, tan bueno él; y vino Pai Ranulfo. Más joven, un hombre lleno de vida; y qué decidido era. Las hijas de María lamentaban no tener más pecados que confesar, para ir dos veces a la semana a hincarse de rodillas ante él, en vez de una. Severina no dejó de ir a contarle sus cuitas. Y cuando con los ojos llorosos dijo que ya era demasiado vieja para ser hija de María, Pai Ranulfo la consoló.

-Nuestra Señora no mira la edad, Severina. Mira sólo las virtudes... Tú mereces ser su hija... Pero esa pierna, esa pierna... Uma hija de María con la muleta auestas en las procesiones no puede ser. Y luego, para el trabajo... No, no es posible.

Y le repetía algo que ya le había dicho Pai Eduardo alguna vez:

-Pero si de veras querés tanto a la Virgen... pues podrías hacer algo, aunque no seas hija de María, lo mismo vale. Por ejemplo, mirá; el mantel del altar está un poco viejo... Podrías bordar uno nuevo... O adornarlo con encajes. Vos que hacés tan bien el ñanduti.

Severina no contestaba, pero volvía la cabeza frunciendo el ceño cuanto el respeto se lo permitía. Trabajar como hija de María, sin serlo... Eso sí que no iba a hacer.

Algo de lo que pasaba en el alma de Severina debía intuirse al paí, por cuanto a veces le decía:

-Ten cuidado con el pecado de orgullo, Severina... ten cuidado. Por él cayeron nuestros primeros padres.

Severina volvía a su rincón en la pieza, lloraba un poco y luego seguía soñando mientras trabajaba. Desde su rincón tras la reja no sólo se veía la iglesia y

la plaza con sus procesiones. Em las aceras colindantes había boliches y tal cual tienda y la gente desfilaba, saludándola aunque pocas veces se quedaba a hablarle.

Severina no era conversadora. Y a veces llegaban forasteros que visitaban la iglesia, curiosos del antiguo altar dorado donde lós angeles sonreían una sonrisa de tres siglos. A Severina rara vez se le escapaba uno. Viejas tenidas, jóvenes pintadas, muchachos que parecían chicas de puro lamidos, viejos que olian muy bien, pero muy descarados. Todos entraban en la iglesia como los perros, sin santiguarse siquiera. Llegaban junto al altar y hablaban en voz alta y se reían de cualquier cosa frente al mismísimo Sagrario. Una vez una beata oyó por la ventana a uno que decía:

-Miren pues ese farolito. ¡Una lucecita de morondanga para toda la iglesia!

El farolito del Santísimo, ¡nada menos! Pai Ranulfo al enterarse casi se muere de rabia.

-No hay derecho a ser tan ignorante, ¡vamos!...

Fue una de las raras ocasiones en que algún transeúnte se detenía frente a la reja de Severina para conversar. Justa, la más vieja de las hijas de María - una mozallona de 25 años que justamente también en esos días iba a dejar la Cofradía para casarse con un virote que pertenecía por su parte a la Cofradía del Santo Patrono - miraba, juntamente con Severina, entrar en la iglesia una tanda de turistas, más feos unos que otros según la autorizada opinión de Justa.

-Aquella de atrás, aquella mirá cuñá, sin embargo, qué linda es. Iporaitépa. Pero parece que no tiene demasiada gana de caminar - dijo Severina.

-Y cómo va a tener ganas. Es renga -contestó Justa.

-Pero yo veo que tiene sus dos piernas, catú -objetó Severina.

-Pero una es artificial - replicó la otra. Yo le he visto cuando se sentó en el bar. Acá, encima de la rodilla, le empieza.

Severina se le quedó mirando como se le dijeran que la luna era un Petromax prendido allá arriba cada tanto para comodidad del pueblo.

-¿Cómo puede ser eso? Tiene igualito los dos.

Justa, que tenía un poco más de mundo, le explicó:

-Son piernas que parecen de veraité luego. Si no es así, no vale la pena. ¿Para qué picó querés do pierna diferente? Se hace en una fábrica como la pierna

de la muñeca. Claro que para que te quede bien te toma la medida de tu pierna verdadera y después te hacen otra igualito como la que tenés.

Aquella noche Severina no durmió. A la mañanita siguiente se fue a la iglesia. Era jueves. Verla llegar entre semana, a ella que sólo aparecía los sábados de noche y los domingos de madrugada, fue una sorpresa para Pai Ranulfo. Más sorpresa cuando Severina le indicó tímidamente que no venía a confesarse, sino porque tenía que hablar con él. En la sacristía, atragantándose, Severina le preguntó al Pai si no había oído hablar de algo que se llamaba pierna artificial, que hacía andar a los rengos.

-Claro que sí - contestó el Padre. He visto algunas.

-¿Y se camina con él bien, picó Pai...?

-Como con tu propia pierna - contestó el Padre.

-Pero eso ha de costar mucha plata.

-Eso sí. Cuestan caras. No cualquiera puede tener una.

Severina bajó la cabeza y se quedó pensando.

-¿Mil peso, Pai...?

-Mucho más, mucho más, mi hija.

-¿Dos mil peso entonces? ¿Dos mil...?

-Quién sabe más.

La esperanza se mustió en el corazón de Severina. Dos grandes lagrimones se le descolgaron por las flácidas mejillas. El Padre, compadecido, le dijo que en Buenos Aires había una señora, la señora del Presidente, que se ocupaba mucho de los pobres y de los desvalidos. Si alguien le escribía diciéndole que le faltaba un brazo o una pierna, ella le hacía venir enseguida una

-Pero ella no se va a querer ocupar de mi - susurró Severina.

-Y por qué no, mi hija. Es una señora muy buena. Atiende a todo el mundo.

-¿Y qué lo que hay que hacer, Pai?

-Ya te dije. Hay que escribirle. O si no, vas a Asunción, te llegás a la Embajada Argentina, y hablas con el Embajador. Le contás todo; él te toma el nombre y él mismo le escribe a esa señora.

Escribir a aquella señora y hablar con el Embajador se le antojaron de entrada a Severina dos cosas por igual mayúsculas y imposibles. jamás escribiría, por la simple razón de que no sabía escribir; tendría que pedir a otro que escribiera por

ella; y Ella nunca haría partícipe a nadie de sus sueños y de sus dolores. Solamente si el Pai... Se puso a pensarlo. Lo pensó. Lo pensó mucho. Tanto que dio tiempo a que Pai Ranulfo enfermase y tuviese que dejar el pueblo e irse a la capital. Ya no volvió.

El nuevo cura era un Padre imponente, serio, que con solo mirarle se le atragantaban a Severina las palabras, y cuando los sábados la despachaba con la absolución quedábase la pobre con la impresión de que no estaba perdonada del todo. Entonces comenzó muy lentamente a volcarse hacia el otro designio. Iria a la capital. Vería al Embajador.

Poquito a poquito, con tímidas preguntas indirectas iba enterándose Severina de cómo había que hacer para llegar a Asunción: a pesar de sus veintiocho años jamás había llegado hasta la calle donde paraba el ómnibus que iba a la capital. Comenzó a sacudir entre sus manos picadas de la aguja la alcancia en la cual había ido echando los pocos pesos que de vez en cuando rebañaba de sus magros ingresos, luego de alimentarse ella y su tía. Crecía el ansia, la montaña de obstáculos se desmoronaba. El más grande lo representaba su tía clavada en la cama y que necesitaba se la atendiera constantemente. Severina seguía pensando.

Y pensándolo, pensándolo, pasó un tiempo más y sucedieron varias cosas. Vino algo que se llamaba guerrilla. Sucedieron cosas espantosas de las cuales Severina no vio nada, pero igual le vino chucho y rezó cuanto le dio la boca para que terminasen tales horrores. Tres hijas de Maria dejaron de serlo; unos cuantos varones del pueblo desaparecieron para siempre. La propia Iusta amaneció un día en trance que nada habría agradado al marido a no ser que porque para entonces estaba ya el pobre con cinco machetazos en el cuerpo pudriéndose Dios sabe dónde. Severina no sufrió percance ninguno; pero la tía eligió para morirse aquellos días de sobresaltos. Severina quedó sola.

Poco a poco las cosas se fueron más o menos tranquilizando.

La vieja tía ya no trababa a Severina; y un día el ansia barrió las últimas dificultades; Severina rompió su alcancia, tomó su muleta y un bolsón y con el corazón salíéndosele por la boca, fuese rengueando a tomar el ómnibus, una madrugada. No era única pasajera: había dos viajeros más; pero por suerte eran hombres; y aunque la miraron más de una vez de reojo, luego de los saludos, no la molestaron con preguntas.

Llegó a Asunción ya amanecido: mañana de sol indeciso que conforme pasaban las horas se fue convirtiendo en desagradable siesta nublada y ventosa y luego en un atardecer de amenaza.

Severina se traía bien decidido visitar enseguida y antes que nada al Embajador. No tuvo dificultad mayor en encontrar la residencia, porque el chofer por casualidad la conocía, e hizo a Severina bajar cerca. No tenía la muchacha ni la más mínima idea de que existiese un horario de visitas ni de nada que se llamase protocolo. Creía que al Embajador se le puede visitar lo mismo que al señor cura; mientras toma el mate, a la seis de la mañana.

Así pues se plantó todo lo de prisa que su muleta le permitió ante la casa del Embajador, donde se hartó de dar palmadas en la puerta hasta que un transeúnte compasivo tocó por ella el timbre. Salió a las cansadas un mucamo, al cual en el primer momento Severina tomó por el propio Embajador, y quien le dijo con bastante malos modos que aquella era la casa particular del señor Embajador; que fuese a la Embajada entre las once y las doce.

Eran las siete, Severina se quedó en la vereda completamente aturdida y el mozo tuvo para reír un rato en la cocina luego comentando con las mucamas la ocurrencia de la pajuerana queriendo ver al Embajador a esas horas.

-Y eso que le falta una pierna. Si llega a tener dos se presenta aquí a medianoche -dijo el mucamo, a quien alguien alguna vez y por su desgracia había encontrado ingenioso.

Severina echó a andar buscando la Embajada. El mozo no le había dicho dónde estaba y ella tampoco se lo había preguntado. Detuvo a unas cuantas personas inquiriendo. Nadie sabía donde estaba la Embajada. Además, Severina no conocía las calles y a cada momento tenía que rehacer el camino andado. Llegó el mediodía sin haber podido encontrar el bendito lugar, que parecía embrujado: le decían que estaba allí a la vuelta y cada vez parecía irse más lejos. Cuando por fin lo encontró, llamó hasta cansarse; por fin alguien asomó a un portón contiguo y le dijo que la embajada no se abría ya hasta el lunes, porque era viernes de siesta y las embajadas hacen semana inglesa.

Severina comenzó entonces a caminar lúgubramente, al azar, buscando donde podría parar un instante. Algunas casas se le antojaban de lejos hospitalarias, pero de cerca resultaban imponentes de lujo y de novedad, y le metían

miedo. Se sentía horriblemente cansada y tenía sed. Por fin se animó a acercarse a una casa de apariencia más acogedora y modesta, de copiosa enramada, bajo la cual vio sestear a unas señoritas muy acicaladas vestidas con batas de colores y abanicándose; junto a ellas estaban sentados unos caballeros que parecían de excelente humor y muy familiares. Severina llamó timidamente; alguien dijo adelante; pero cuando empezó a acercarse por el sendero entre amarillos, los hombres comenzaron a reír, las chicas les hicieron coro, y Severina se asustó y dando media vuelta salió a la calle, seguida por las risas del cotarro. Siguió caminando, cada vez más cansada y sedienta. Por fin encontró un puesto de alojamiento. Bebió un vaso y se sintió más confortada. Ya cayendo la tarde se encontró junto a la iglesia de San Roque. Le parecieron tan acogedores aquellos corredores profundos, que la protegerían de la lluvia que ya se anunciaba con gotas aisladas. Subió como pudo los escalones y se sentó en el suelo contra la pared, derrengada. De puro vyra no había comprado nada para comer, ni siquiera una chipa, y ahora tendría que pasar la noche en ayunas. Bueno, nadie se muere por ayunar un día. Extendió el rebozo sobre los ladrillos y se acostó encima. Era incomodo y un poco molesto para ella, tan limpia; pero en verano nada importa. De vez en cuando pasaba a lo largo algún transeunte, con prisa, por el amenaza. Se durmió cuando empezaba la lluvia torrencial. A ella le gustaba dormir cuando llovía; el ruido le ayudaba al sueño. No supo Severina cuándo cesó la lluvia: solo se dio cuenta cuando un grupo de hombres invadió el recinto, se desparramó por los rincones. Aturdidamente despierta los sintió, más que los vio, con terror, acercarse en la sombra. Uno se inclinó sobre ella, la palpó con manos obscenas y duras.

-Ndé lo mitá. Eyu coápe. Miren pue lo que hay acá.

—Peteí cuña. Oh. Añamemby. Regalo del cielo.

Un coro de piiiipus estremecedores subió en el aire de la alta noche. El que se había acercado primero hizo el descubrimiento.

—Es renga nipo raé.

La contestación no se demoró.

—Renga o retymá caré, lo mismo sirve.

Le corearon risas que a Severina le sonaron como risas de Satanás.

Manoteando en espontánea defensa, Severina pudo notar que uno de esos hombres era manco: un duro mufion caliente le rozaba la sien. Sintió arcadas.

Después ya no pudo mas darse cuenta exacta de nada. Todo tan brutal, y tan subitáneo. Aquel rebullir espeso de machos hediendo a sudor agrio y mugre antigua. El airecillo premonitor de la madrugada la encontro sola, devuelta al centro del silencio, como si todo hubiese sido una pesadilla. Un vago lampo de conciencia arrastró el cuerpo maltrecho a ló largo de la calle hasta encontrar aquel portal abierto a desusadas horas. El instinto trepo los escalones, y el cuerpo quedo tendido sobre el piso lustrado del pequenio porche, retorciéndose levemente. La puerta cancel estaba cerrada, no se transparentaba luz alguna; pero un perro — un cuzquito por las sefias - ladro detrás de los cristales. Se encendio una luz, se abrio la puerta. Alli estaba, como trapo en el suelo, Severina.

-Mira lo que pasa por dejar el portón abierto. Se te entra cualquier borracho.

El señor se habia inclinado sobre Severina.

-Otro que borracho. Ayudame. Esta mujer está mal.

La llevaron adentro medio a rastras. Sus ropas sucias de sangre dejaban en el piso un rastro húmedo que el perrito seguía, gimiendo opacamente.

Severina volvió a su pueblo una semana más tarde. La acompañó hasta el ómnibus con mucho cariño la señora de la casa, que le dió unas ropas decentes, un poco de dinero - porque hasta su poquita plata le habían sacado los malevos aquellos - y le compró una muleta nueva y bien hecha. Severina a nadie contó nada. Nadie supo nada. A los preguntones contestó diciendo que no habia remedio para su pierna. Sólo que su primera confesión fue más larga que ninguna otra, y el Paí en el sermón del siguiente domingo tronó contra el sexto como nunca. Severina volvió a su trabajo tras la ventana. Y ya no expresó más su deseo de ser hija de María. Cuando alguien extrañado le preguntaba si no pensaba ya en eso, Severina bajaba la vista y contestaba con voz monótona:

-Eso pasó todo. Una renga como yo no sirve luego para hija de María.

Pero en la siguiente fiesta de la Virgen apareció cambiado el mantel del altar mayor. Un mantel con labores de ñanduti como no se habia visto hasta entonces. Era el obsequio de Severina a Nuestra Señora.

ANEXO B – CONTO – LA VITROLA

Tenía Delpilar diez años-dos lustros escuálidos y renegridos - cuando su madre - a la que no volvió a ver - la confió al patronazgo de Doña Fausta, la señora del Doctor.

Siempre fue lerda, y no aprendió a leer, aunque Doña Fausta la envío algunas temporadas a la escuela. Pero se las arreglaba para andar más o menos despierta, hasta que D. Pedro, el vecino del Doctor, compró el fonógrafo. A partir de aquel instante, Delpilar entró em trance, y ya no se pudo sacar de ella más nada. Sonaba el fonógrafo - que sonar, sonaba menudo, a la hora más imposibley a todo pulmón-y Delpilar desaparecía.

Al cabo se supo dónde hallarla: arrimada al ángulo de la muralla, al fondo del patrio, allí donde el trasiego continuo de perros y gatos enamorados había abierto un portillo que de vez en cuando utilizaba también em sus andanzas de yacaré un peón de una u otra de las casas: allí, brillantes los ojos de laucha, la greña sobre la frente, metiéndose con furia el dedo en la nariz, estaba la fementida chiquilina, prendida a la música como mosca a la melaza, insensible a cuanto no fuera el estridente vozarrón del artefacto. Retos, acapetés, tirones de orejas, y hasta puntapiés administrados éstos por Ña Romilda, la mamá de Doña Fausta, vieja campesina que llenaba hasta ei consultorio con el tufo frío de su puchoz de todo recogió Delpilar a cambio de sus arrobos melódicos. Pero fue inútil. No le pudieron sacar la afición. Sólo cuando, fallecido el viejo Don Pedro, enmudeció para siempre el fonógrafo, tragado por los remolinos dela testamentaria.

Del episodio, quedóle a Delpilar un secreto royente anhelo en lo hondo del alma. Una vez solamente subió hasta la boca ese anhelo. Fue al cumplir quince años. Estrenaba un vestido; el único nuevo quizá que tuvo en toda su vida; y que por cierto no remediaba un ápice su nata, renegrada fealdad. Ña Romilda, con voz cascada, bromcó:

-_Jha é... Ocai chipá... ¡Pronto vas a tener novio...!

¿No es cierto pa Fausln. _"

Pero Delpilar protestó.

-Yo no quiero novio.

-¿No...? ¿Qué lo que querés, entonces...? - preguntó Dona Fausta.

-Yo quiero un fonógrafo -contestó Delpilar.

Cuando estalló la guerra del Chaco, Delpilar, con treinta y siete años a cuestas, hacía rato que se había emancipado de la tutela encomendera de Doña Fausta. Se ganaba la vida por su cuenta, ya actuando de cocinera en tal o cual santo ara, ya vendiendo verduras o lavando. No que tuviera para ninguna de esas cosas mucha gracia. Los pastelitos salíanle argeles, aplastados como alpargatas viejas; la ropa que lavaba tenía un sospechoso color de batata cocida; sus verduras eran invariablemente mustias y los huevos que ofrecía, pequeños y sucios como sobrante de clueca. Seguía siendo flaca y renegrada, canillas de pájaro; em sus cutis reseco aparecía ya la pauta de las próximas incontables arrugas.

Doña Fausta, que hacía rato había perdido a su marido, el Doctor, había loteado y vendido sus propiedades del lado de Campo Grande. Le quedaron sin vender unos lotes. Instituyó a Delpilar cuidadora, y le permitió ocupar a título precario uno de ellos, donde alguien había edificado un rancho de estaque no más grande que una caja de esas en que vienen las máquinas de coser. Allí se metió Delpilar, sola y huraña, sin dar confianza a ningún macho; aunque no era raro ver, derrengado contra un poste de la cerca, a tal o cual sudoroso peón que cortejaba los magros encantos de la solitaria en forma la acostumbrada: mirándola flemático ir y venir, la mano en la faja, masticando una pajita y susurrando de tanto en tanto una borrosa insinuación.

A todos Delpilar contestaba lo mismo.

-No quiero saber nada.

Esto duró bastante tiempo. Pero tm día – una semana justamente después del desfile de la Victorin - apareció Cipriano, Cepí. Nadie supo nunca cómo se las había arreglado éste para transponer la tranquera pero todos tuvieron que enterarse cuando vieron, bajo la enramada ocupada la perezosa de Delpilar por um hombre al cual ella, en cuclillas, cebaba solicita el tereré, mientras que en la cuerda tendida entre dos árboles de sapiranghy danzaban al aire, recién lavadas, una camiseta punzó y una camisa de lienzo.

-Eá... ¡Delpilar oñenyurú!

Delpilar se había echado un hombre.

¡¡Y qué hombre...!! la estatura apenas cerca de la mediana, pero pesado, enormemente pesado. Quizá fuera mejor decir: abotargado. Las facciones inmóviles,

redondos los ojos abiertos en constante aflicción, lucía la tez, las cejas anchas como cepillos. Parecía hecho de yeso - mal hecho - y pintado con pintura de cercos. Tendría poco más de veinte años. Poco a poco la gente fue averiguando algo de él. No por Delpilar, que a toda curiosidad opinaba:

-¿Para qué pico querés saber tanto...?

Sino por él, que conversando con tal o cual vecino que se arrimaba remoión al cerco, algo decía. Su familia era de Santa Rosa. Acababa de volver del Chaco; sólo tenía una hermana, su mayora, que vivía en Loma Clavél con la cual se había creado y vivido siempre, pero de la cual había tenido que escapar al cabo, porque todos, la hermana, el comcubino de la hermana, lós dos hermanos del concubino, y hasta las sobrinas Del concubino, querían vivir a sus costillas.

-Yo soy guapo, y sé trabajar, y cuando trabajo, gano bien. Pero ellos catú me comían todo lo que ganaba, y ni me cebabán un mate cuando llegaba cansado de trabajar.

La unión de Delpilary Cepí no llevaba trazas de romperse: su mutua adhesión hacía de ellos un ejemplo escandaloso para la vecindad. Cepí, si no era para trabajar, no salía del rancho. La perezosa de Delpilar se quebró. Cepi compró, no una, sino dos, nuevas y sólidas.

-¿Pero qué tendrá esa vieja Delpilar...? -se preguntaban los hombres.

-¿Qué le encontrara a esa vieja ese estúpido de Cepí...? se preguntaban las mujeres.

Una motuda redicha cuyas piernas acaparaban la morbidez ausente de las de Delpilar, ironizaba:

-Parece que hay que ser canilla poí para gustar a los hombres.

Otra, espigada y pecosa, no desperdiciaba ocasión de mostrar a Cepí su desdén, zahiriéndole sin motivo ni pretexto, siempre que le veía:

-Ahí va cabayú calesita.

Las raras veces que Cepí asomaba por el boliche, los conocidos dejaban rezumar en bromas e indirectas su maliciosa curiosidad. Algunos hasta arriesgaban una insinuación obscena. Cepí se contorcía todo, resoplando:

-No, py, no sean así, pues...

Cepí había dicho la verdad. A pesar de su pesadez, era guapo, y pocos abañilez le ganaban. Trabajaba sólo en changas, que dejan mais. Y no derrochaba.

No había pasado mucho tiempo, cuando Delpilar dejó entrever que el terreno era ya de ella; Cepí se lo había comprado. A su nombre.

-Eá... dijeron las vecinas.

Pero mayor fue la sensación cuando Cepí, sin decir agua va, comenzó un día a trazar en ese terreno unos cursos que a poco adoptaron una sugestiva forma geométrica, tras lo cual llegaron dos carradas de ladrillos.

-Cepí va levantar un rancho de ladrillo.

-Una pieza de material con tecto de paja.

-Dos piezas con techo de paja y corredor.

Fue una pieza pequeña con techo de paja, piso de ladrillo; una cocmilla en la cual Delpilar tendría ya que entrar a rastras; y aiiá, a diez metros, sobre la linda del terreno, un cajón de ladrillo también puesto de pié; un "servicio". El primero de esa clase en la vecindad. Para eso Cepí era albañil.

La motosa y la rubia habían por igual dejado de saludar a Cepí, sobre todo después que a las dos "las habían llevado de balde": a la motosa, un soldadito anquilostoma, que le sacaba en cigarrillos cuanto ganaba ella verdurando; a la rubia, un tipo flaco, rechupado y pajarón, que la tenía punto menos que desnuda, trabajando de sol a soi y corriendo detrás de una vaca trasijada y ojerosa quea cada momento se quedaba prendida, por la cangalla o algún alambrado ajeno.

La felicidad no puso más linda a Delpilar, pero la hizo engordar. Unilateralmente. Y conforme ella engordaba, Cepí se ponía más celerado. Al fin se corrió la voz atónita: Delpilar estaba embarazada. Y, enseguida otra noticia; Cepí se trajo al rancho nuevito una cama, un ropero, sillas, flamantes o que lo parecían.

¿Qué podía hacer ya Capi para asombrarles...?

La respuesta la tuvieron a poco, en una nueva que llevó al colmo, primero la incredulidad, la envidia luego, del rancherío.

-Cepí ha comprado a Delpilar un fonógrafo.

-No se dice ahora fonógrafo, sino vitrola...

-Bueno, pues una vitrola.

-¿Dónde la tiene?

-¿Por qué no la pone...?

-La van atraer el día del bautizo de la criatura.

¡Una vitrola...! La ilusión cumbre, el sueño máximo de esta gente taciturna que ama la música estrepitosa. La posibilidad ilimitada de baile al alcance de la mano; y sobre todo, la facultad feliz de ensordecer al vecino con el ruido: de hacerle morir literalmente de envidia.

Nació la criatura: un varón. Decididamente el mundo andaba al revés. Viejas feas como Delpilar tenían hijos mientras otras jóvenes y buenas mozas los esperaban en vano.

Pero aún faltaba algo. Lo mejor.

Tenía la criatura quince días, cuando Cepi sacó de alguna parte un traje negro para él; y para Delpilar, un corte de seda blanca; "charme" susurraban, envidiosamente, las mujeres. Una señora de Dos Bocas, antigua marchante, regaló a Delpilar unos zapatos también blancos. Otra iba a regalarle los guantes...

Delpilar y Cepi, en una palabra, se iban a casar.

Aquello colmaba la medida. Era mucho más de lo que todos podían soportar. Todo el mundo se puso a dar consejos a Cepi. Su hermana, que en los últimos tiempos había aparecido, no se sabía cómo, por allí reconcomiéndose al darse cuenta de la prosperidad que disfrutaba Cepi en compañía de aquella "yety pirú". El concubino de la hermana. Las dos hermanas del concubino. La tía del concubino. Y hasta las sobrinas del concubino, ya mayorcitas, que no perdían oportunidad de poner ojos dulces a Cepi.

-¡Casarte con esa vieja fea, que puede ser tu madre!

-Aconcubinarte, bueno; pero casarte...

-¿Estás loco, Cepi?...

-¿Qué picó te dio?...

-Acá tiene que haber habido payé.

A todos los consejos y reproches, Cepi opuso su resoplante, ojiiancha flema. No se inmutó ni cuando le hizo llamar Doña Fausta, que parecía haberle cobrado aprecio, y que de pronto manifestó más interés por el porvenir de Cepi que por el de su antigua criada.

-Delpilar es una vieja.

-Sí, la señora.

-Vos podés casarte con una mujer joven, linda.

-Sí, la señora.

-Si querés, yo te puedo ayudar para que pongas algún negocio... Pero tenés que dejarte de Delpilar.

-Si, la señora.

Cepí y Delpilar fijaron la boda para un mes después, en cuanto Delpilar tuviese hecho el vestido y la casita estuviese bien blanqueada de nuevo. La criatura sería bautizada el mismo día, y darían una fiesta como no se había hecho por allí, con la vitrola...

Pero alguien en alguna parte debió pensar esta vez que ya era demasiado suerte. Quince días antes de la boda, Cepí enfermó. Una gripecita sin importãncia al parecer. Era un julio agrio, nuboso, con bruscos alti-bajos de temperatura. Cepf no se quiso acostar. Tenía que pintar la casa, dijo. Empeoró. Antes de que Delpilar pudiese darse cuenta, la neumonía habia venido, habia trabajado rápido y bien en el enorme corpachón sanguíneo, y allí estaba Cepí con su traje negro, estirado sobre una frazada en el suelo. Le tuvieron que atar las manos para mantener las cruzadas, a causa de sus brazos tan cortos. Por fin estaban cerrados los ojos bajo sendos níqueles relucientes, y habia perdido los colores.

Quedaba a Delpilar todo, inclusive la vitrola,que trajeron unos dias después. A pesar de que la hermana de Cepi había fastidiado no poco al moribundo pidiéndosela. Indignada por la negativa, no acompañó el cajón al cementerio.

Delpilar, a la cual ya todos comenzaban a llamar Ña Delpilar, se encapilló el rebozo negro y volvió a su vida de vendedora, más prccariamente aún a causa del chico. Tomó a vender lechugas mustias, picados tomates, algún huevo esmirriado.

El chico iba mostrando ya una cabezota grande, el cuerpo retaco, corto: igualito a Cepí. Al correr de las semanas, el parecido continuaba, pero limitado a la cabeza, cada vez más grande en un cuerpo que no crecía. Cumplidos los siete meses el chico no enderezaba aún el cuello. A las cansadas, Delpilar fue al doctor.

Éste palpó apenas la cabezola de hinchadas, blandas costuras, los párpados edematosos, la cara que parecia diminuta bajo el cráneo crecido.

-Tu criatura tiene hidrocefalia.

-¿Qué picó eso, doctor?...

-Agua em la cabeza.

El chico siguió asi todavía unos meses, con la cabeza cada vez mas hinchada, cada vez más sumergido en un sopor del cual no salía ni para

alimentarse. Delpilar, ya tan pequeña, se encogió todavía mas; la cara com vasija de vieja tierra parda se le cuarteó en grietas finisimas, llenas de polve. Por fin el chico murió. Mientras algunos vecinos llevabán a pulso el pequeñoataúd blanco hacia el distante cementerio, seguidos por unas cuantas mujeres riescalzas con pobres ramitos de flores en las manos, Delpilar se quedaba quejandose em tono bajo y monótono, como una melopea, balanceándose de atrás adelante en la perezosa.

Se tornó aún más hurana y callada. Sólo cuando la necesidad la apremiaif-a demasiado se la veía por ahi con su canasta de verdura lacia y pequeños huevos sucios. La mayor parte del tiempo la pasaba en casa. Si nunca fue muy proiija, ahora volvióse de una mugre inconcebible. Era friolera a mas no poder y desde hacíarato no podía prescindir de las medias en invierno; pero ahora, al llegar el verano, no se las sacó más. Unas medias negras, malolientes, que se le descolgaban sobre las canillas cada vez más esquelóticas. Desgreñada, el pelo lleno de ceruza, perinanecía todo el tiempo allado de un fuego humiento, sorbiendo interminables deslavados mates, acompañada por un perro lanudo, desgreñado y sucio como ella, y un gato de cuello hinchado, perezoso, que dejaba con olímpica indiferencia pulular las lauchas en la pieza de su dueña. Algunas veces tomaba el mate con Ña Cristina, una vecina viuda sin hijos, que venía a verla trayemlo una latita de leche cué con yerba, un poco de azúcar envuelto en papel de diario o una chipa.

Poco a poco fue vendiendo cuanto tenía, menos la perezosa de Cepí, el corte de seda, los zapatos –los guantes no los llegó a tener - y la vitrola, por supuesto. Pasado el luto, los vecinos esperaban que la tocase; no quiso ni oír hablar de ello.

-Es la vitrola de Cepí.

Un dia un vecino fue a pedírsela para tocar em una fiesta, ofreciéndole pagarle. Fue la única vez que los vecinos escucharon a Delpilar gritar, descompuesta. Fue también la última vez que se les ocurrió pedirle la vitrola.

Vino el estallido de Concepción.

Durante unos meses, Delpilar estuvo oyendo hablar de la pelea como quien oye llover, ensimismada en sus mates o preocupada en vender sus desmayadas lechugas y sus huevos pequeños y manchados como de tero. Pero un día de pronto comenzaron a oirse a lo lejos las ametralladoras, y de pronto también los soldados llegaron por allí. Mas soldados de los que Delpilar había visto jamás juntos, a no ser en el desfile de la ,Victoria, cuando conoció a Cepí. Empezaron los unos a abrir

zanjas, los otros a desalojar vecinos, y la estuporada Delpilar tuvo que irse también, sin llevarse otra cosa que el rebozo sobre la cabeza y el mate y la bombilla en la mano. Se fue, el perro pegado a los talones, a pedir hospitalidad a la prosecta Doña Fausla. La casa quedó bien cerrada. Nadie tocaría nada.

Cuando volvieron los vecinos, tres meses más tarde, el despelote.

Las casas, abiertas, con las ventanas y puertas astilladas las más - los hombres tenían que malear - habían sido saqueadas. "¡Nandí!...! ¡nandí!... ¡nandí!". La casa de Delpilar estaba limpia, como nunca. Desaparecidos la vitrola, la perezosa, el corte de "charmé", los zapatos blancos, la olla de hierro, hasta la paila en que Ña Delpilar cocía de vez en cuando un "mbeyú".

Ahora, al reanudarse sus eventuales verdureos, Delpilar relataba su despojo, lagrimeando, con insistencia monótona, machacona. Los chicos de sus escasas merchantes, cuando la veían aparecer, avisaban:

-Mamá, ya viene "vitrola-cué".

Habían pasado seis meses, más o menos, cuando su vecina Ña Cristina que se había mudado de vecindad a raíz del saqueo, la encontró en la calle y le dio la noticia:

-Ya sé quien tiene tu vitrola. La tiene Satú, el carretero cué del doctor, ese mondajhá. Con razón no se le ve más, porque también a mí me llevó mi máquina de coser. Vive al lado de Dos Bocas. Yo he visto tu vitrola. La conozco bien. Y tiene también tus zapatos blancos. Anda queriendo vender.

Delpilar salió de su marasmo. Fue a ver a Doña Fausta, y ésta la recomendó a un doctor que en un periquete se lo arregló todo. Delpilar no sólo recuperó su vitrola y los zapatos, sino que recibió en concepto de indemnización, por otras cosas robadas, ciento cincuenta guaraníes; Quince mil pesos... Un platal.

¡Pero en qué estado venía la vitrola! Una calamidad. De los discos, apenas seis, y estos desportillados.

-Seguro que está todo rayado - dijo Ña Cristina que entendía algo. _ Poné un poco, para ver.

Pero Delpilar ni entonces quiso tocar la vitrola.

-Es la vitrola de Cepí.

Ahora Delpilar no salía más de la casa: vivía de la suma recibida, que se le atojaba inagotable. Se envició con el mate dulce, que antes tomaba sólo cuando Ña

Cristina le obsequiaba azúcar; y lo tomaba a todas horas. Comenzó a ser asiduamente visitada por los sobrinos de Cepí, y especialmente por las hijas de Vicente Carandaó, uno de los hermanos del cuñado-guaú. Eran dado muvccuatro chicas pizpiretas, puras soleras y sandalias de colores (¿de donde sacaban tanto si ninguna trabajaba?). La llamaban “tía Delpilar”. y una vez hasta le llevaron un pedazo de torta apelmazada envuelta em papel de entraza. “recuerdo de mi santo ara...”

Ella las recibia hosca. Sabia lo que buscaban. Se les escapaba a retracitos, uno yoy outro mañana. Ella no era tan sonsa. Buscaban la vitrola. “Ella no tenía parientes, verdad?” “Cepí le había dado muchas cosas.” “Vos no toca la vitrola...”

Delpilar ni se molestaba en contestarles.

Pero um día, mientras cambiaba de lugar la vitrola, se le cayó al suelo y se le rompió la manivela. Delpilar sintió como si la hubieron golpeado sobre lós lacios senos. Lagrimeó todo la noche y el día siguiente.

Al otro, vino llegando Ceferina, la mayor de las hijas de Vicente. Vio el desperfecto de la vitrola. Se mostro servicialísima.

-Papá le arreglará. Quedará como nueva.

Delpilar bajó la guardia y dejó llevar la vitrola.

-Pero me traerás enseguida.

-El domingo sin falta la tienes aquí.

Se llevo Ceferina la vitrola y también los discos "para probar si andaba bien después del arreglo". Pasó ese domingo y el otro, y la vitrola no apareció.

-Esa yapú me engaño... Voy a tener que ir a buscar mi vitrola.

Pero se sentía lánguida, “cangú”, y no si animó a irse esse domingo, ni el siguiente. Hizo pedir su vitrola con alguien. La respuesta fue inmediata:

_ El domingo que viene la llevamos sin falta.

Pero tampoco ese domingo la vitrola llegó.

Algien le vino contar a Delpilar como allá en Loma Chavel, em el rancho de Vicente Carandaó se celebraban sábado y domingo grandes bailes cuyo foco glorioso era la vitrola.

-El rancho se cae de viejo, porque Vicente es un paranada. Pero ahora dicen que va a construir uno nuevo. La gente paga su entrada al baile. Como yo hay por ahí otra vitrola...

Delpilar lloró amargamente. Iría mañana mismo a reclamar su vitrola.

-Yo tendría tm poco de cuidado. La hija mayor de Vicente, dice, que, tiene algo con el comisario.

Al otro día, Delpilar tuvo que desistir de su viaje. Estaba enormemente fatigada: tenía los pies hinchados, tendida se ahogaba. Algunas vecinas solícitas se turnaron para cuidarla, sentadas o acucilladas junto a su yaguá rupa. En un intervalo, Delpilar llamó:

-Ña Cristina... Te dejo mi vitrola... La vitrola de Cepí. Cuidame.

-Bueno, che ama.

Cuando ya estaba en la agonía, vinieron llegando Vicente, su mujer y las cuatro chicas, todas soleras y sandalias de colores. Se hicieron en un momento dueños de casa.

-Para eso somos parientes, ¿no?

Delpilar murió el domingo anterior de Carnaval. Cuando tocó enterrarle no se encontró un centavo. Vicente Carandaó, enfático, sacó fuera los forros de sus bolsillos. Una vieja echó un guarani junto ala cabecera, y sobre el billete pronto cayeron otros. Ña Cristina Dio cinco guaraníes muy cloblaclitos y su única sábana para mortaja, porque Delpilar no tenía un solo vestido para ir en el cajón.

La llevaron a la Recoleta una mañana de sol fuerte, mientras Vicente Carandaó ayudado por su hijo menor ahorcaba del mango al perro viejo y lleno de carachas y al gato (que era ya otro, regalado por Ña Cristina). El perro murió dócilmente no así el gato, un macho joven y retobado que antes de entregar el marcó a Vicente con iarga rubrica roja y escociente en la mejilla.

Tres días después fue Ña Cristma a reclamar la vitrola.

-¿Qué vitrola? Qué vitrola?

-Ña Delpilar me dejó.

_ Quién dijo iso?... La vitrola es mia..! Yolacompré de la vieja hace rato.

Ña Cristina se retiro sin rechistar. Como luego explicó, con Vicente habríaquizá discutido; pero salieron las cuatro hijas. Cuatro mujeres de Loma Clavel y para más una era "algo" de Comisario.

La familia de Vicente en pšeno miraba complacida la casita, un palacio companido con el rancho de Loma Clavel - el claro bien apisonado y barrido delante de la pieza, la tupida enramada.

-Aquí pueden bailar todas las parejas que quieran. Bajo la enramada va a quedar muy bien la mesa con el ambigú. Traemos la vitrola y...

-¿A los ocho días de morir la vieja?...

-¿Acaso era ni nuestro pariente?...

Ese domingo se dio el baile. Hasta los que más criticaron concluyeron por ir. Los muchachos pagaron dos guaraníes: las chicas, nada. Había pastelitos, croquetas, sopa paraguay y clericó. Fue baile de mamarracho, el primero que se hacía por allí. El hijo menor de Vicente se disfrazó de mujer encinta, y se calzó los zapatos blancos de Delpilar. La gente en la vida se había reído tanto.

La vitrola, a todo pulmón., tragaba una y otra vez los mismos discos espantosamente rayados, espolvoreando la noche verde con su aserrín metálico.

1953

ANEXO C – CONTO – SIESTA

El sol cae como estaño derretido, salpicando destellos en los guijarros azulados. Las hojas de las palmeras y cocoteros en los patios están quietas como de metal, y tienen el mismo brunido resplandor. Dentro de la pieza bien cerrada, la penumbra vibra silenciosa ante el asedio diluvial de la luz. El sol proscrito se filtra aquí y allá por sutiles rendijas de puertas y ventanas, transflorando delgados esquemas amarillos. Es siesta, una siesta de enero; y Ciriaco no puede dormir.

Le molestaba el calor y la luz oceánica, invisible pero asediadora; le enerva, en la pared frontera de la cama, el móvil cono de sombra que traza y deslaza el ir y venir de la chiquilina atrafagada limpiando el corredor. María debería estar descansando; pero Dona Ceferina ha salido, no volverá hasta las tres; y la vieja no permite que en su ausencia la chiquilina este ociosa.

María pasa y vuelve a pasar por delante de la puerta, y el leve roce del repasador sobre las baldosas sería adormecedor, sin los chasquidos del balde en que moja el trapo de tanto en tanto. Ese chasquido breve, leve como de ramita quebrada, es lo que le impide conciliar el sueño y le irrita. Tanto, que llama, bronco:

-¡María!...

La chiquilina no le oye. Sigue yendo y viniendo, monótona e interminable; y él la llama aún un par de veces, hasta que echándose de la cama con un juramento entreabre la puerta.

-¡Nde, mitacuna-i' tepoti!...!

María, que está de rodillas en el suelo, se yergue asustada. Su manecita morena suelta el trapo y deshace rápido el nudo que mantiene recogida en la cintura la pollerita desteñida. Le mira con sus ojos negros y oblicuos, un poco a flor de pómulos. (Nadie en la familia tiene los ojos así, ha dicho Doña Ceferina). Mueve la cabeza a derecha e izquierda asustada, incapaz de decir una palabra.

-Déjese pues de joder haciendo tanto ruido con el balde. Molesta.

-Si, señor. Si, señor.

Si él la llama pocas veces por su nombre, tampoco ella le llama papá. No le ha permitido él tomar la costumbre. ¡Faltaría más!... Una cosa es que Doña Ceferina la llame nieta, y otra cosa que él... Cierra la puerta y regresa al catre, mientras la

chiquilina, fuera, reanuda temerosamente su faena. Se tiende en la cama, cierra los ojos. La figura de la chiquilina con su pollerita desteñida, subida sobre los muslos mostrando la bombacha remendada - un viejo balón de Doña Ceferina - se le ha quedado prendida a la retina, como hilacha en seto de amapola. No se había fijado hasta ahora en ella. Alta para sus once años y hasta ya con unos senitos perceptibles. Las piernas eran flacas, como las de la madre; pero los muslos tenían algo precoz, adulto; se parecían a los de ciertos pollitos que Doña Ceferina le hacía a veces servir, asados, ligeramente remangado el huesito... ¿La madre los habría tenido así? Él desperdició la ocasión de comprobarlo. Porque ahora estaba bastante apetitosa - ancas redondas; senos llenando, bien apretados, el corpiño-. Y toda la irritación de aquel encuentro de semanas atrás le volvió a subir, en una oleada como un vómito, a quemarle la lengua con su ácido. La muy... se había permitido hacerse la interesante. Como si nada hubiese pasado. Bien había sabido comprometer a Ña Ceferina, llevándole la chiquilla como nieta; pero luego a él, el "padre"... como si nada. Hasta se daba el lujo de volverle la cara cuando se encontraba con él. Tanto como le había buscado en aquellos tiempos, cuando estaba flaca como una pajuela y era una negra indecente quedaba asco verla a pesar de sus quince años...

Volvió a recordar los muslos de pollito tierno de la nena, y mentalmente se golpeó la cabeza contra la pared. Por yyro. Por lo menos podría haber probado. Con probar nada se pierde, ¿no?... Porque no había "agarrado viaje" con la Deolinda, él, que no desperdiciaba cerradura para su llave, aún no se lo acababa de explicar. Con lo que ella le había perseguido con sus miradas oblicuas y húmedas de oveja, entrando a cada momento a su pieza con cualquier pretexto, sin terminar nunca de limpiar el polvo inexistente de la mesa; desbruzándose a veces sobre la mecedora, que no habría tenido él sino alargar la mano...

Ese era el caso. A él, que tan poco escrupuloso era en materia femenina, habíale entrado inexplicablemente asco por la Deolinda. Suponía la más que alerta y resobada. No que a él le importara mucho esto; pero pensó que podía estar enferma, y él agarrarse una... Tan flaca, y aquel color, y la tos... ¿O fue el mismo Juan quien se lo sugirió?... La cuestión es que no pudo decidirse, y que otro aprovechó. ¿Quién iba a decir que la Deolinda resultaría virgen?... Pensándolo bien, se adjudicó a sí mismo un adjetivo feo. Los hombres a veces también se equivocan. Y por primera vez, como un lancetazo, le pinchó la sospecha de que su amigo no

era tan trigo limpio como él había creído; de que Juan sabía que la chica era virgen y que adrede fomentó en el asco y desvío para quedarse él en su lugar... Pensar que desde entonces en vano había él, Ciriaco, perseguido un vugo, sin encontrarlo en sus andanzas más hambrientas y empeñosas... Y ahora, menos que nunca podía tener esperanzas...

Pateó la sábana, dejando al descubierto media pierna torcida y vellosa. El calzoncillo entreabierto descubría también el sexo amortado de morocho, acurrucado con algo de marchita flor de cacto. Parecía tan pobre oruga, tan indefensa cosa. Y sin embargo...

El constituía un poco el arma de su venganza, su posibilidad de revancha contra el mundo. Después que el accidente le dejara horroroso de mirar, ninguna mujer lo había buscado ya, ninguna se había desbruzado sobre su mecedora como antaño la Deolinda; todas volvían la vista con asco, y si le miraban otra vez, él las adivinaba haciendo inventario de sus deformidades para tener luego qué contar... (- Hoy en el ómnibus, sabés, vi un tipo así y así... No vas a creer.. Lo faltaba la mitad de la nariz y un labio; y el ojo derecho lo tenía así, sabés, como si...).

Y así, cuando obtenía una mujer - sólo podía obtenerlas cuando tenía unos pesos, y él no trabajaba, y Ña Ceferina era bastante roñosa - era su prurito hacerla sufrir, hacerse sentir como macho, sádicamente:

-La hice llorar bien, a esa rea.

Rehuía a las mujeres grandes, así como a las de narices largas. Recordaba ahora que la Deolinda le había desagradado desde el comienzo por su nariz un poco demasiado larga, que resaltaba más en su rostro flaco. La chiquilina no había sacado la nariz de la madre. Aquella nariz de abati socá. Era la suya mas bien corta y hendida en el cartílago. (La nariz de Juan. ¿Cómo nadie lo había notado?)no era bonita la chiquillina; pero aquellos muslos de pollito asado que arremanga el calor del horno. Si la madre los hubiese tenido... ¿O los tenía?... Otra vez le subió a la faringe el ácido del rencor. Juancho se había aprovechado y le había desorientado adrede. Grandísima añamemby. Más valía no recordarlo. Se revulvió sobre la cama, húmeda de sudor.

Pero seguía recordando. No podía remediarlo. Y después de todo... ¿No había sido algo divertido?... ¿Quién dijo que la mujer se salía siempre con la suya?... No, cuando de él se trataba... El había sido un vyro em ese asunto; pero alguien

había sido más burlado que él aún... Recordó como Juancho y él habían reído, contando y recontando Juan los detalles; como La Deolinda le habíasobado la mejilla, llamándole *Círiamomi* y *mi vida*; cómo había llorado la primera vez, sin armar mucho ruido, es claro, porque la podía oír Ña Ceferina...

De pronto la boca se le volvió á torcer sobre La hedionda cicatriz. Deolinda era virgen, y Juan se lo sabía, y le había jugado sucio para aprovecharse. Y él no había tenido nunca un virgo; y ahora con aquella cara dosmochada...

El calor arrecia. La siesta llega a sua culminación.

Ciriaco bufa. Mueve la sábana aventandola para mover un poco el aire y la fuerza de La brisa le recorre los vellos holinientos. En el techo, la chiquilina al pasar y volvera pasar sigue haciendo funcionar los conos de penumbra sobre penumbra, sin ruido. Ahora, Ciriaco se ahuyenta de la sien una mosca pertinaz, y es como si se sacudies el recuerdo de aquellos muslos de pollita tierna. Nunca le había sucedido esto ccon la chica.

Es claro, ahora recién María empieza a señoritear. ¿Cuántos años lleva en la casa?... ¿Tres?... No, cuatro. Trés cuando él llegó defuera para encontrársela allí ya como hija de él... que imbécil había sido. Por que no aclaró las cosas de entrada. Pero es que hay situaciones difíciles de afrontar. (Cosas difíciles de explicar a uma madre como Ña Ceferina Quién sabe cómo esta lo habría tomado... Y luego... -¿por qué no confesarlo?- al principio había querido descubrirlo lodo a Na Ceferina; pero después de ver allí-a la Deolinda, que había venido a ver a la hija, cambió de pensar. Largada la chiquilina por baranda, adiós esperanza de echaria red alguna vez a la madre. Pero el tiempo pasaba y no habia adelantado nada con La Deolinda: ésta siempre venía a ver a la chica cuando él no estaba: y no era casualidad, seguro.

¿Tendría otro macho?...

Ella no había contestado a sus preguntas. Nada había conseguido sacarle en aquella única vez que le pudo hablar. Pero elias mienten siempre. Estaba muy creída, la muy puta... A lo mejor era sólo una fachada, y estaban aún por verse los resultados. Algunas veces las mujeres juegan ese jueguito, pensando ganar algo. Estuvo él en un tris de contarle lo que había pasado, cómo habían jugado con ella y sus arrullos Juancho y él; pero le detuvo un resto de prudencia: el contarle, la habría alejado de él definitivamente. Algún día sin embargo se lo contaría; en la ocasión

debida, cuando ella más creída estuviese... Aún se saldría él con la suya... Y entonces...

Palmadas en la oquedad sestera del zaguán. La sombra diminuta hace correr una vez más su cono coincidente sobre la pared. Ocurrencia de venir a esa hora. Un susurro de voces en el zaguán... ira redoblada lo bota del catre.

-El café que se va llevar por venir a joder a esta hora...

Va hacia la puerta, caída la pretina, floja la prenda. Abre.

-¡Nde, María!...

Una pausa y los pies de la chica se aproximan desde el corredor, temerosos.

-¿Quién está ahí?...

Con voz atragantada contesta la pequeña:

-Es mamá que ha venido a ver a abuela.

Sorpresa. Se compone sin embargo rápido. ¿Cuándo tendrá una ocasión como ésta?... La madre fuera: hasta las tres lo menos no vendrá. Se sube La pretina; ve su bragueta suelta y se encoge de hombros cínicamente.

-Decile que quiero hablarle. ¿Qué esperas, nde vyra?

El hilo de voz de la pequeña:

-¿Le digo que venga acá?...

-Decile que venga acá.

La chiquilina se dirige al zaguán. Ciriaco se pasa la mano por la cara, toca la enorme cicatriz deformante, Ya oye el taconeo firme y corto de Deolinda, que se detiene a cinco pasos de él.

-¿Me querías hablar?

La voz es seca. La vista, desviada; ella no le mira a la cara. Pero se siente alerta. La boca está tensa. Ciriaco la mira con odio y hambre. El corto y redondo, las ancas un poco pesadas, los senos anchos y altos. Trata de alisar la voz, ser amable.

-Deseaba conversar contigo. Pasá pues.

Una rápida mirada de ella, que se desvía – él cree percibirlo - con desdén. Él sabe que su braguemboquea; pero no hace nada por ceñirse. El esguince despreciativo de Deolinda le enfurece. -No, gracias. Decí aquí no más.

-¿Me tenés miedo?...

-No, ¿Por qué he de tener?... Pero no está bien.

Hasta habla ahora mejor, como una maestrита...

-Te hacés ahora mucho.

Un leve encogimiento de hombros de Deolinda parece arrojar lejos de sí el pasado.

-Alguna vez tiene que ser, ¿no?...

-Seguro que tenés que dar cuenta a tu macho.

Dos manchas rojas aparecen en los pómulos de Deolinda.

-Y si es así, ¿a vos qué te importa?...

La sonrisa de él, cínica:

-Yo no te despedí...

-Es claro: el señor quería que le espere hasta que a él se le antoje. -Le mira. Le ha mirado ala cicatriz. Él busca la manera mejor de herirla. Pero no se anima. Están demasiado cerca de la calle, y él en ropas menores.

-¿Cómo se llama tu macho?...

-¿Para qué querés saber tanto?...

-Para conocer a quien se llevó lo que yo tiré a la basura, y felicitarlo...

La voz de Deolinda se atiesa como su cuerpo, se yergue sin temblores, duda.

-No te parecía tan basura aquel tiempo... Bien te entusiasmaba, ¿no?... No me querias largar más. Y él está más entusiasmado que vos entonces... Cinco años lleva conmigo, si lo querés saber... y como el primer día...

La obscenidad que expectora Ciriaco es irrepetible.

-Si no tenés otra cosa que decirme, me voy.

Y se va. Taconeo corto y firme. Va bien vestida. Pollera azul, blusa gris, los zapatos de charol son nuevos. Las ancas redondas se contonean, sólidas, inéditas para él. Dobla el ángulo del zaguán; ya no se la ve. Allá dentro, en la cocina rueda por el suelo una tapa de hojalata, la pequeña ceba el mate.

La sangre bate brutalmente en las sienas de Ciriaco le dan la impresión de que van a abrirsele como una granada. Lanza palabrota tras palabrota. Alto; en la cocina, María le oye. No es la primera vez que Maria escucha ese borboteo de letrina, pero esta vez es con su madre la cosa y ello a assusta más que de ordinario. Sus manecitas morenas enjuagan el mate, lustran la bombilla, trémulas. Se apresura, soplando el fuego com toda la fuerza de sus pequeños pulmones.

-¡Qué!... ¿Ese mate, ¿está o no está?

-Ya voy, ya voy enseguida... -Casi afónica.

Llega por fin, con la calabacita y con la pava; los ojos a flor de pómulo miran a Ciriaco con asustada obsecuencia. Ciriaco no ha vuelto a entrar en el cuarto; se ha echado en el sillón de mimbre, el trono de Ña Ceferina, que a nadie consiente sentarse en él. Pero ahora Ña Ceferina no está. La chica deja la pava en el suelo, alarga a Ciriaco el mate. Él lo toma sin mirarlo, lo lleva a los labios, sorbe.

-Esta frío, chiquilina estúpida.

Arroja el mate con todas sus fuerzas contra las baldosas recién lavadas. El mate se quiebra, el líquido verdoso salpica hasta el zócalo. La chiquilina acude azorada a recoger la reventada calabacita. Se ha desatado una tormenta cuya clave ella no tiene. Y se siente perdida, sin respiración, como un día que estando en el campo le tiraron encima, jugando, una carrada de heno, y se pensaba que ya no iba a poder salir de allá abajo.

-Vaya a calentar en forma el agua... ¡Pronto!

-Sí, sí, señor.

La chiquilina recoge la pava. Endereza a la cocina.

-Esperá un poco. Vení acá.

Ciriaco sonrío. Una sonrisa torcida, que le hace horrible de ver. Toma a la pequeña del brazo, violentamente. Mate y pava caen al suelo. La boca de la chica se crispa de terror. Cree que va a golpearla.

-Papá...

-Yo no soy su papá, ¡me oye, grandísima idiota!... La puta de tu madre se lo cree, no más... Pero yo no soy tu padre... y me la van a pagar.

María siente que un calambre doloroso y nauseante le e sube desde el estómago. Los miembros se le entorpecen. Ciriaco se ha levantado. La aprieta entre sus brazos esmirriados, que no podrian sostener una pelea con otro macho, pero que bastan para ahogar a una niña de once años. Con una mano le tapa la boca, con la outra busca bajo sus falditas desteñidas y le pellizca obsceno. La chiquilina gime afónica de terror, una reacción puramente instintiva, primaria, la lleva de pronto a prender ciegamente sus dientes en la mano que la amordaza. Y muerde con una desesperación de animalito en cepo.

Ciriaco suela una maldición; la chiquilina escapa, tropezando, en busca de la calle. Huye ciega, sin saber nada sino de su terror; sorda y sin voz; el viento entra en

su boca abierta y la deja de madera. No ve el ciclista que viene a toda velocidad calle abajo por la vereda desierta: el ciclista, ciego él también, pero de calor, no la ve tampoco. La embiste, la lanza brutalmente de costado. La chiquilina salta en el aire, cae como un fardo, rebota sordamente; no se levanta.

El ciclista en pánico da al pedal con toda su alma. Es el único reflejo que le funciona. Una cuadra más allá, sin embargo, vuelve la cabeza y ello le cuesta casi perder el gobierno. Ve el bulto tirado e inmóvil, y da al pedal con renovado pánico. Cada vez más rápido hasta perderse de vista.

Delante de la puerta de la casa, medio cuerpo en la vereda, medio en el apoyo, el cuerpecito flaco muestra, subida la pollerita sucia, los muslos de pollito asado y la bombacha hecha de un viejo batón de Ña Ceferina.

ANEXO D – CONTO – SISÉ

El hombre-chata escultura, casi relieve en la luz dura del amanecer - afirmó entre la rota maleza la pierna embarrada; en la máscara pétrea del rostro se clausuró la mancha amarillenta de una esclerótica. Se echó a La cara el fusil. El informe bulto doblado sobre las plantas de maíz no alcanzó a oír el tiro; pero se echó atrás en un movimiento sorprendido, casi gracioso, mientras la mazorca otra vez libre se balanceaba como jugando.

El hombre se aproximó despacio, acompañando el sordo rumor de sus bombachas, el fusil en la mano, los ojos ahora dos cautas hendidias en la sombra del Stetson. Tocó el montón inmóvil con el pié. Por encima de la madera lustrada de una espalda, algo envuelto em una red oscura rebulló: una lerda arañita torpe que se desperezó, pareció ir a escapar, regresó de un desmayo, se abrió toda; y un quejido se disolvió en el aire filoso de la madrugada. El hombre se inclinó, echó mano al revoltijo, levantó hasta su rostro unjbuigión que se contorcía flojamente y piaba como un pájaro. Lo examino con rápida ojeada, lo dejó en el suelo, tanteó otra vez con la puntera del pesado zapatón el bulto caído, sintiendo a través del rigido cuero la pesadez irremediable de su abandono. Miró un instante la espesa mancha que rodeando el cuerpo acrecía su contornó – curiosa sombra a favor de la luz naciente - alzó el montocito oscuro, echándose la red al hombro, y se alejó en La misma dirección en que había venido entre neblina y rocío, esa mañana.

Del fondo de la isla próxima, una mosca verde volaba ya veloz hacia el abandonado montón, como hacia una tierra prometida a su raza desde lós siglos de los siglos.

Cuando llegó a la casa, larga aún la sombra y fria, em La mañana lita, charlaba el consentido loro hambriento em el hombro del peliblanco peón Luzarte –el único allí que se cuidaba de de los animales - chirriaba la cadena del pozo hondo con La sombra misma del dia recién nacido. La madre del hombre tomaba mate en el patio, allí donde la vieja palma espinosa se mímmba de orquídeas. El hombre dejó caer el burujorcito oscuro a los pies de la señora, la sacó La red sospechosamente parda parda. La señora lo miró,escupió em el solado:

-Una cuñá. Podías haber tenido mejor ojo -. Y enseguida:

-Cambiate la ropa. Tienes sangre en la espalda.

La cocinera llegaba con el mate de pesada plata.

Lo entregó a la patrona, luego aizó a la criatura, le miró la boca como a un animalzito.

-Un año, a gatas.

Lo dejó en el suelo, y se fue un buscar otro mate.

Cuando volvió:

-Tiene que tomar leche, la señora. Estos maman hasta tarde.

La vieja hizo un gesto desdeñoso, entre dos chupadas: .

-¿Quién va a perder tiempo en eso?

-Yo le daré, Yo cuide el chanchito guacho, ¿te acordás, pa?...

Y la cocinera se llevó la criatura a la cocina. Le dio leche, con la misma maderera del chanchito lavándola bien primero, claro. La mantuvo lejos de las piezas, para que su lloro - aunque pocas veces lloraba y tan bajito- no molestara. Y le puso entre las manecitas oscuras una vieja lata de café en la cual había encerrado unos porotos, que al agitar la lata sonaban suavemente. La criatura, sentada en el suelo de la cocina, chupaba un hueso que la cocinera le pasaba de su plato, y de cuando en cuando se llevaba la lata al oído.

La patrona, al la en la capital, iba siempre a misa;aca en la estancia no siempre podía; le pesaban mucho las piernas. Pero allá en la ciudad y aquí en el monte era igualmente católica. Fue ella la que dijo:

-Hay que bautizar esa mitá cuñá.

Fue asunto dilatado hallarle un nombre, porque a nadie se le ocurrió que ese nombre podía ser de todos los días, como Clara, o Teresa, o Juana, ni siquiera Romilda o Sebastiana. Por fin al viejo Luzarte le vino la idea de

mirar un desgualdramillado calendario de veinte años atrás que constituía su lectura eventual. Buscó y busco en el santoral. Y encontró Sisenando.

-Sisenanda... Sisé... Eso era.

Un nombre cristiano, y sin embargo, no demasiado parecido al de los otros cristianos. El viejo peón de blanquecino bigote y modos bondadosos fue el encargado de llevarla a la iglesia al arzón de su montado. En la iglesia se vio en apuros. El cura era hosco, de pocas palabras y modos impacientes.

-Hay que tenerla en brazos.

-¿En brazos?...

-Mientras se administra el sacramento. ¿No sos vos el padrino?...

-¿El padrino?...

Con esto no había contado el viejo Luzarte.

Pero ¡qué iba a hacer! Fue padrino. El cura le puso a La criatura la sal en los labios, como si la castigase. Con el mismo aire enojado le untó la frente con el crisma.

Recitó sus latines corto y frunció, mientras la niña paladeando con extrañeza concentrada la sal le fijaba las dos lunitas negras de sus ojos.

-Y no olviden enseñarle la doctrina.

Luzarle se sentía un poco ridiculo. Sus compañeros iban a burlarse de él. Luego se tranquilizó. Si él no contaba nada, nada se sabría,

-Sí, paí.

Y luego, innecesariamente:

-La patrona no quiere herejes en su casa.

Los días pasaban, metálicos y ardientes, dejando su huella abrasadora sobre las islas, borrando las charcas espesas, o ensancheando el verdor de los matorrales, agrandando las laguniilas hasta pintarlas de un azul profundo por donde pasaba el tiempo embarcado en nubes y en el olvido de todos los relojes. Pasaban los días ardorosos o escarchados, y las manchas del ganado cambiaban sus mapas en atropelladas idas y venidas sobre los caminos. Los tocones que señalaban el despojo dragual del bosque iban perdiendo su desnudez de juventud pulida, ennegrecían, se jubilaban del carnaval bajo la luna, masticados por la podredumbre. Y en la cocina ahumada, tenebrosa, donde el fuego nunca dormía, la pequeña sombra apenas más clara que su propia sombra iba y venía, de un lado a otro; crecía como pidiendo perdón al tiempo, recogiendo, de los días desvanecidos como sueños, un poco menos de su desnudez de madera pulida, un poco de cabello sobre los ojos, un poco más de redondez en las mejillas de lustrado lapacho. Tres deslellos blancos - dos los ojos, uno la boca-le acompañaban en su humildad y se abrían temerosamente sobre su oscura ansiedad de sobrevivir.

La vieja cocinera era la única que le hablaba, pero hablaba muy poco; entre ella y la criatura que aprendía apenas a deslizarse, como de prestado, en aquel mundo incomprensible, sólo existía el puente de unas palabras, siempre las mismas, siempre repetidas. Los peones a veces le decían algo, que Sisé no acababa de

entender si era para ella o era entre ellos de ella, y terminaban riendo: sus risas la asustaban.

Un día la cocinera le puso en la mano el mate de labrada plata maciza; con una mano en su espalda y llevando en la otra la pava hirviendo, la empujó hacia el corredor, donde la señora echada en la mecedora balanceaba su mugrienta zapatilla de cuero a ras del suelo. Le puso bajo las sentaderas un banquito apenas más alto que el misal de la señora, y le dijo:

- Ahora serví el mate a la patrona.

Fue el comienzo de un aprendizaje en el cual el líquido del plateado porongo se juntó muchas veces sobre su rostro con las lágrimas, pero mucho más caliente que ellas, ah, mucho más caliente.

SISÉ fue creciendo. La tez color-miel de abeja oscura, la piel pulida como los muebles de Jacarandá de la sala, las pupilas grandes como dos lunas grandes, los labios morados, como cortados en la flor un poço obscena del bananero. Ya llegaba a la cintura a la cocinera, cuando esta se acostó, una noche, y no se levanto más; tendida como estaba la pusieron en una larga caja negra que alguien trajo en carreta de alguna parte – qué ocurrencia, meter la gente en cajones - la cargaron en la misma carreta y se la llevaron. Dónde, nadie lo dijo, o si lo dijeron ella no lo entendió. Abandonada por horas en la cocina, Sisé rompió de pronto en un largo alarido, de bestia salvaje; y luego otro. Un perro, allá en el patio, se sintió solidario, aulló. El patrón gritó algo desde adentro con su voz vozerrón de viento en el monte; un peón se sacó el cinto y le dio dos cintarazos a Sisé y otros dos al perro.

Vino la cocinera nueva, una mujer Flaca, bigotuda, impaciente, que gritaba a Sisé y la sacudía a cada paso como si sacudiera el trapo de cocina. Fue entonces cuando Sisé dio en huir. Tres veces huyó. Las tres veces la encontraron a poco buscar, porque el término de su fuga era siempre el mismo: la horqueta de algún árbol en la isla próxima. La descubrían los perros latiendo con rabioso anhelo al pie del árbol; los peones no sabían verla entre el ramaje, porque era oscura como él. Los perros la conocían, la dejaban circular por la estancia, siguiéndola sólo con el leve giro de sus ojos perezosos; pero en cuanto escapaba habría bastado una sola palabra de uno cualquiera de los peones para que la destrozaran sin demora. Cada vez Sisé llevó una tremenda paliza que dejó moteada de manchas rosaceas su piel

de lapacho. Por fin cejó. No huyó más. Pero siguió escondiéndose por los rincones, inhallable cuanto más se la llamaba, y seguía creciendo y recibiendo palizas. Un buen día la cocinera aquella la miró de reojo, hizo una mueca, y dijo:

-Es una indecencia que vaya así, pues. Ya demasiado se velo que crece.

Y le echó entre los brazos un vestido viejo suyo, que Sisé se ató a la cintura con una piolita encarnada que encontró entre las basuras del patio. Ya los senos punzaban la tela, y la cocinera le cortaba el cerquillo sobre la frente. Los peones la miraban cada vez más incomprensible y temerosamente. Aquel año, después de mucha lluvia y frío, el viejo Luzarte desapareció del patio; tosió mucho en su pieza unos días, y luego se lo llevaron envuelto en una trazada en la carreta. Y fue para Sisé como si se hubiese apagado el fuego de la cocina en una tarde de invierno.

Unos pocos meses más tarde una noche de luna llena, en que los perros ladrabzm mucho, la patrona tuvo un ataque, y se quedó acostada; pero a ella no la metieron en una caja, no se la llevaron en carreta.

Quedó en la cama, entre colchas de colores, y desde la cama gritaba con la misma voz de loro huérfano, y daba órdenes y hacía correr a la gente, y todo el tiempo Sisé estaba metiendo y sacandom de la pieza jarras de agua, pocillos de tés de yuvos y bacinillas. Pero lu señora ya no tomó más mate ni balanceó la zapatilla colgada del dedo gordo del pie, en el corredor. Ni volvió a pegar a Sisé. Le pegaben otros por orden suya. Con el talero.

Menos la cocinera que le pegaba con una rainila de typychá jhú, para que recordase.

Fue al terminar esa misma primavera un día lluvioso, pero no de noche sino de siesta, cuando el patrón llamó a Sisé a su pieza, cerro la puerta, la tomó en vilo del brazo, la echó un la cama y desplornó sobre ella sus ochenta kilos de musculatura recta y de huesos pesados.

Sisé creyó que el patrón la iba a matar: desorbito los ojos, quiso sin Duda gritar; pero lo hombre le apretó la boca con sua mano enorme como La paleta de blandear – índia de mierda, callate – y la mantuve muda a la fuerza durante mucho rato. Cuando la echó del cuarto, quedándose boca arriba con el aire del que ha comido demasiado, Sisé se limpió con el borde del vestido. No se le movía un músouio del rostro, peroun agua lustrosa le corria mejilas abajo. La cocinera que vio antes que nadie el vestido manchado, rezongó áspemmente algo, pero no le pegó

esta vez. Le pasó por las mejillas su delantal de dudosa limpieza, le dio otro vestido y quemó aquel en el fogón de la cocina.

Se convirtió en una costumbre del patrón. Costumbre espaciado, porque sus sesenta y pico de años no le permitían ser muy frecuente en sus entusiasmos. Los peones estaban ciertamente al tanto de lo que ocurría. Era lo que tenía que suceder, y sólo esperaban que llegase el momento inevitable en que el viejo se cansara de Sisé y la dejara tácitamente a su disposición.

Pero antes de que esto sucediera llegaron ese verano a la estancia los hijos menores del patrón, Nando y Toncho, y su nieto Rucho. Veinticuatro, veintidós, diez años. La estancia se llenó de galopes, de polvaredas gratuitas, de gritos en desarmonía con el paisaje. La casa crepitó de carcajadas a deshora, de ruidos incongruentes. La postrada patrona pareció cobrar ánimos; Sisé no terminaba nunca de cebar mates, y en la cocina flotaba perennemente el olor del asado.

Los pelirrojos Nando y Toncho desparramando en derredor sus miradas de halcones jóvenes, se dieron al punto cuenta de que Sisé era cosa del viejo. Durante quince días apretaron los dientes. Sólo durante quince días. Una tarde agobiante de febrero, Nando siguió a Sisé al bananal donde tiraba la basura, y se le echó encima. Siguió haciéndolo siempre que se le ofrecía una oportunidad. Toncho al principio se reconcomía sin atreverse; pero terminó siguiendo los pasos Del hermano, y aprovechándose de Sisé cuando el hermano levantaba el campo. Cómo, no lo supieron; pero el viejo se enteró. Se sacó el cinto ancho como la palma de la mano, y Nando y Toncho, con todos sus estúdios universitarios, llevaron el torso a rayas por una semana. Pero aquellos azotes fueron a modo de pago y rescate. Porque el viejo no volvió a tocar a Sisé. Nando y Toncho quedaron dueños absolutos de ella. Los peones asistían a las peripecias con amarilla sonrisa. Muchas veces cobro Sisé porque se la llamaba y no acudía; estaba debajo de alguno de los muchachos allá en el bananal.

Rucho, morenito y pálido, apenas un poco más alto que Sisé, vagaba inquieto rehuendo a sus tíos. Miraba a Sisé disimuladamente, volviendo la cabeza cuando ella por casualidad lo miraba. Una vez se acercó a ella y le mostró una colección de tapas de cajas de cerillas, con caras de actrices. Sisé le mostró su cajita de café cuyos porotos hizo sonar. Rucho abrió la lata y substituyó los porotos por unas

municiones, con lo cual la lata sonó mucho, sí, mucho mejor. Cuando Rucho y Sisé se separaron, un peón, sonriendo suciamente dijo algo a Rucho. Rucho se puso colorado hasta las cejas, no contestó. Siguió sonriendo a Sisé cuando la encontraba. Y al hacerlo le parecía que él sonría con todos los dientes de Sisé.

Pasó el verano. En mayo se fueron Nando y Toncho y también Rucho. Pero fue al llegar los frios de agosto cuando la cocinera una mañana rezongó, mirando a Sisé:

-Jesú, che Dió. Esta no parece casa de cristiano.

Pero lo rezongó bien bajo por si acaso. Echó a los pies de Sisé unos trapos:

-Ponete esa pollera. No podés andar así.

Sisé endosó la pollera, ancha y largota, y disimuló su vientre engrosado. No supo por qué pero le agradó verse así, flotando dentro del género. Los peones le decían cosas y se reían, ella no les entendía pero se asustaba. Tenía frío; pero nadie parecía preocuparse por ello. Seguía trabajando como siempre, aunque aquella hinchazón incomprensible delante de sí la molestaba cada vez más. El patrón parecía no verla. Había dejado de cebar el mate a la señora, y le habían prohibido entrar en el cuarto de ésta, después que la patrona, mirando-la, había entrado en una cólera terrible, habían hecho

llamar al señor y habían gritado los dos mucho rato, espantosamente. Los peones la miraban y hablabanentre ellos. Una siesta:

-¿Te anima?...

-¿No te anima...?

Sisé volvió a cobrar por no acudir a tiempo a los llamados.

Sisé desapareció aquella mañana. Pero aunque se dieron cuenta muy pronto, nadie se preocupó en el primer instante de hacerla seguir con los perros. De todos modos, pensaban, no podría ir muy lejos. Todo el mundo estaba ocupado em la estancia. Había llegado el día anterior la señora Fausta, la mamá de Rucho. Al dia siguiente llegaría el marido, el doctor. Habían enviado el árbol de Navidad y todos estaban encantados arreglando las cosas para la fiesta. Habían matado chanchos, ovejas, gallinas, patos. Era Navidad, y como la patrona estaba impedida en cama la familia quería hacerle la fiesta lo más alegre posible. La señora Fausta había traído un Nacimiento con un niño Jesús como nunca se había visto; con un vestido todo bordado y dorado.

Pero a la mañana siguiente si salieron en persecución de Sisé.

Al principio los peones quisieron seguir el camino del monte. Pero los perros se resistían. Se resolvieron por fin a seguirlos. La perrada no tuvo que ir lejos. Se internó en el maizal cercano a la casa. Y alas tres cuabras escasas, en medio del plantio, en un hoyo cubierto de hojas de maíz, estaba Sisé de espaldas, inmóvil y desnuda. Entre sus piernas había algo envuelto en el vestido que se había quietado, lleno de oscuras manchas. Los perros latían presos de una angustia distinta a la de otras veces, una angustia casi lastimera. No atacaban; gemían. Los peones se miraron unos a otros. Uno se inclinó, alzo el butito, lo descubrió. Estaba frío; tan frío como la madre. ¡Era un varoncito de tez mucho más clara que Sisé y pelambre rojiza.

Los peones dejaron otra vez el bulto en el regazo de la muerta. Uno de ellos se inclinó a su vez para recoger algo casi oculto bajo el cuello de Sisé. Era una latita de café herrumbrada que al removerla dejó tintinear dentro algo metálico. La hizo sonar un poco; luego La tiró por encima del hombro, entre los maíces...

...Caminaban los peones en fila india, precedidos por los perros. Allá lejos en el aire de la mañana se oyó el sonido flébil y gozoso. Era día de Navidad. La campana de la capilla anunciaba la venida del Niño Dios.

1953